

A paixão do
CEO

ALINE DAMASCENO

ALINE DAMASCENO

A paixão do
CEO

 **Segredo**

Belo Horizonte | 2020

Copyright © 2020 Editora Portal

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa e Diagramação
Jéssica Macedo

Revisão
Ana Roen

1ª edição

Livro digital

Damasceno, Aline

Grupo Editorial Portal

Selo Segredo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais fez parte do intuito de ambientar e dar veracidade a história.

Sumário

Sinopse

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Sinopse

Sua secretária não resistiria a ele...

Depois de muito lutar contra o desejo que sentia, o CEO da Jhonson's and Phillips's, uma grande multinacional do ramo imobiliário, estava determinado a conquistar sua secretária supereficiente e torná-la sua amante, sem se importar com as consequências, e por tempo indeterminado. Porém, os planos do empresário vão por água abaixo quando um obstáculo se interpõe no seu caminho.

Machucada e ferida por um relacionamento fracassado, Madeline Jameson, secretária do CEO da J&P, não queria se envolver tão cedo com outro homem. Mas o seu chefe, e amigo, estava determinado a arrastá-la à uma ilha australiana a fim de avaliar o estado físico do local e, principalmente, para seduzi-la.

Poderá a convivência entre os dois forjar algo além da atração e do desejo?

Para a minha mãe, minha maior leitora.



Phillips

Prólogo

Seis meses atrás...

Olhei-me no espelho, ajeitando o nó da gravata do meu *smoking*, que estava torto, e tirei uma mecha do cabelo que escorregava sobre meus olhos. Finalmente criei coragem de pedir minha secretária, a rainha da eficiência, para ser minha amante. Sabia que isso era errado, porém não conseguia mais conter o maldito desejo que sentia por ela toda vez que a via usando aquelas saias-lápis, que emolduravam todas suas curvas e deixavam sua bunda redonda ainda mais levantada. Seu corpo esculpido para o pecado, sua inteligência, seus comentários e opiniões engenhosas, agiam como um afrodisíaco nas minhas veias.

Ela era deliciosa em vários sentidos.

Fazia mais de meses que queria provar todas aquelas curvas com minhas mãos e lábios. E só queria ela, mais ninguém. Com certeza, minha

secretária me proporcionaria uma boa conversa pós-sexo depois que eu não tivesse mais forças para continuar entretendo-a.

Madeline trabalhava para mim há quase dois anos e, desde que a conheci na entrevista seletiva, senti uma atração avassaladora por ela. Porém, à medida que convivia com Mady, o desejo e minha ânsia de tê-la crescia ainda mais, tornando insuportável contê-los por mais tempo.

Desejava que ela sorrisse para mim não somente no trabalho, mas queria que os seus lábios se curvassem de satisfação na minha cama, após vários orgasmos que eu a proporcionaria. Não só por uma noite, mas por várias.

Confesso que eu não era um homem que mantinha casos por aí, ainda mais que a maioria das mulheres só estava disposta a sair comigo pelo meu dinheiro e pelas viagens e restaurantes caros que eu poderia proporcionar. Meu principal compromisso não era manter um relacionamento, mas, sim, ganhar ainda mais dinheiro através dos aluguéis e vendas de chalés de luxo e casas de veraneio ao redor do mundo.

Criado em Brownsville, um dos lugares com maior índice de criminalidade de Nova Iorque, sabia quanto o dinheiro era importante. Por sorte, quando mais novo, comecei a trabalhar como garoto de recados em uma imobiliária de renome e tive contato com Edward Jhonson, que viu meu potencial e, como ele não tinha filhos e parentes próximos, me transformou em seu pupilo. Aprendi tudo sobre o ramo com Edward, e quando ele veio a falecer, há cinco anos, deixou parte do seu negócio para mim, o qual expandi para o ramo do turismo de alto-nível. Hoje, todos me queriam por perto para obter benefícios, por isso afastava a maioria deles.

Respirei fundo. Por Madeline, eu estava disposto a quebrar essa regra de não me envolver com ninguém, mesmo que isso custasse minha melhor funcionária. Daria tudo o que Mady quisesse em troca de noites quentes com ela. Sabia que não deveria misturar prazer com negócios, mas era um risco que eu queria correr.

Peguei as chaves da minha *Lamborghini* e deixei minha cobertura, que se situava em um dos pontos mais caros de Manhattan. Dirigi até o *Rainbow Room*, no Rockefeller Center, onde aconteceria a festa de aniversário da empresa, evento em que todos os funcionários e acionistas estariam

presentes, e aproveitaria para abordar minha secretária com minha proposta para lá de indecente. Estava ansioso pelo *sim* e por passar a noite inteira ouvindo seus gemidos. Como era tarde, não precisei enfrentar um trânsito pesado, então logo estacionei meu carro e entreguei a chave para o manobrista. Encaminhei-me para a entrada onde uma recepcionista me abordou e perguntou meu nome, liberando minha entrada a seguir.

Só tive tempo de olhar o grande lustre de cristal que pendia da sanca de gesso em formato oval no centro do salão, que contrastava com as grandes janelas de vidro por todo o ambiente, quando o gerente do setor financeiro da Jhonson's and Phillips's veio me cumprimentar, seguido de vários outros funcionários, elogiando a festa. Enquanto falava educadamente com cada um deles, meus olhos varriam todo o salão em busca da minha presa, até que a encontrei em um canto, conversando com uma senhora que deveria ser Mary, uma das moças que trabalhavam na limpeza. Era impossível não notar, mesmo que de longe, o quanto Madeline estava ainda mais *sexy* com um vestido preto longo, um tomara que caia, que deixava sua pele morena e aveludada à mostra, e com os cabelos presos em um coque elegante no alto da cabeça. Serrei uma das mãos tentando conter minha ânsia de ir até lá e desfazê-lo, deixando os fios caírem como uma cascata negra pelas suas costas, de tomar uma das mechas sedosas em meus lábios, enquanto fingia demonstrar interesse na conversa de um dos meus acionistas que, no momento, não me lembrava o nome. *Se controle, homem, mais tarde. Você terá a noite inteira para isso, para fazer o que quiser.*

— Phillips, vocês já começaram a sondar a compra de uma ilha próxima a barreira de Corais, na Austrália? Confesso que estou muito empolgado com a ideia, pois, com a crise que assolou o país na Oceania, o preço de mercado se encontra em baixa — interpelou-me, fazendo com que saísse dos meus devaneios e me virasse para ele. Não queria falar de trabalho hoje, porém era inevitável. John, era John Miller o nome dele.

— Sr. Miller, minha equipe já começou a investigar as nossas possibilidades, mas temos que avaliar o investimento total a ser feito, o custo-benefício de alugar bangalôs no local, e como as condições climáticas podem afetá-los. Demorará um tempo para analisarmos todas as nossas opções, mas, assim que os estudos estiverem terminados, marcaremos uma reunião com todos os acionistas para discutir sobre isso.

— Ótimo! Estive uma vez na Ilha *Dunk*, na costa de *Queensland*, com minha esposa, e amamos o local. Soube que ela está à venda por vinte milhões de dólares australianos. Pode ser um bom investimento. — Passou a mão na barriga saliente, em um gesto que era recorrente para ele.

— Sim, amor, seria maravilhoso poder viajar para lá novamente — disse a senhora Miller, apoiada no ombro do marido, com um sorriso nos lábios. Confesso que, até então, não tinha reparado na mulher loira de cerca de quarenta anos, que olhava carinhosamente para o John. O olhar terno fazia com que uma pontada de inveja surgisse em meu peito. *Como seria ser amado assim?*

— Vamos ver. Em todo caso, pedirei minha secretária para acrescentar o nome na nossa lista de opções. Agora, se me derem licença, preciso encontrar alguém.

— Claro, fique à vontade.

Peguei a mão da senhora Miller e a beijei, apertando a mão dele em seguida, tentando ser o mais cortês possível, e me afastei. Olhei para o local onde Madeline conversava com Mary, porém não a encontrei lá. Meus olhos percorreram todo o salão e a vi sentada em uma mesa, junto a um homem loiro, que não reconheci. Isso fez com que algo se revirasse dentro de mim. Não deixaria que um funcionário qualquer assediasse a minha presa. Descobriria o nome dele e o demitiria, sem pensar duas vezes.

Caminhei calmamente até a mesa, tentando conter meus sentimentos confusos por Mady. Eu queria Madeline e usaria todo meu poder de persuasão para tê-la, porém não conseguia entender o ciúme descabido que tomava cada parte do meu ser.

— Oi, Mady, está estonteante hoje. Gostando da festa? — Dei o meu sorriso mais charmoso, ignorando completamente o *cara* ao lado dela.

— Oi, senhor Brown, obrigada — agradeceu, sem graça. Não era a reação que estava esperando e a formalidade com que me cumprimentou me fez estranhar bastante. Costumávamos nos tratar com certa familiaridade, ainda mais em locais mais descontraídos como restaurantes e festas. — Está tudo muito lindo e o bufê maravilhoso. Quando contatei a equipe da *Rainbow*, sabia que seria perfeito. — Passou as mãos uma na outra, em um

gesto nervoso, e deu um sorriso falso.

Franzi o cenho, porque ela estava formal demais e constrangida. Nem parecia a mulher energética que me encantava todos os dias. Será que o *cara* ao lado dela a inibia? Me livraria dele agora mesmo.

— Como sempre, impecável — disse, enquanto analisava-a melhor. Estava ainda mais gostosa vista de perto, com parte dos seus seios, de tamanho médio, à mostra pelo decote. Vê-los fez com que eu desejasse ainda mais tomá-los em minha boca. Forcei-me a olhar para o seu rosto levemente maquiado, que ressaltava ainda mais seus olhos castanhos e sua boca *sexy*. Aquela boca seria minha perdição. É, confesso, olhar para o rosto dela não me ajudou em nada.

Madeline ficou calada, e por um tempo, ficamos ouvindo o burburinho de conversas ao redor e o som da música tocada por uma banda. Virei-me para o homem, que tinha cara de poucos amigos.

— E aí, Mady. Não vai apresentar esse que está ao seu lado? — Dei um sorriso cínico.

— Eu... Eu... — Pegou uma taça de champanhe e levou aos lábios vermelhos e cheios. Sempre que estava nervosa, começava a gaguejar. Era algo que percebi nela com o tempo da nossa convivência.

— Sou Robert Blacke, o namorado dela. O senhor deve ser o chefe, correto?

— Sim, sou o CEO da Jhonson's and Phillips's. — Tomei uma pausa. — Não sabia que você tinha um namorado, Mady. — Esse fato me desconcertou, fazendo-me questionar o pouco que sabia sobre a sua vida mais íntima. Conhecia várias coisas dela, seus gostos e sua infância, mas nunca perguntei sobre seus envolvimento, e duvidava que ela me contaria, embora Mady soubesse do estilo de vida ermitão que eu levava.

— Eu... S..Sim. — Pigarreou, buscando seu autodomínio de volta. — Nos conhecemos há alguns anos, mas faz sete meses que começamos a namorar.

— Ah... Desejo uma boa noite para vocês, desculpe incomodar. — Custou todo meu autocontrole dizer essas palavras e conter o ciúme

avassalador que tomou conta de mim. Porém, não fui nem um pouco bem-sucedido, pois meu tom saiu completamente irritado.

Minha secretária assentiu em agradecimento.

— Obrigada, Phillips. Prazer em conhecer o chefe da minha namorada — Blacke estendeu a mão, que ignorei completamente, deixando Mady ainda mais constrangida.

Magoado e com raiva pelos meus planos terem ido por água abaixo, ignorei-a e me afastei da mesa o mais rápido que pude, com o despeito ainda me corroendo. Cerrei os dentes tentando conter minha raiva.

Namorado? Por que o fato me incomodava tanto?

Já tinha me afastado um pouco, quando outro acionista me parou para perguntar sobre como andavam nossos chalés nas Maldivas. Tentei me concentrar nos negócios, mas foi impossível.

Seria uma noite muito mais longa e solitária, diferente de tudo que eu previra.

.



Madeline

Capítulo um

Dias atuais...

Estava atrasada.

Não sei por que resolvi dormir na casa do meu namorado no dia anterior. Talvez fosse mais uma tentativa furada de salvar meu relacionamento, porém a noite foi mais do mesmo, cada um no seu canto. Nossa relação ia de mal a pior desde o aniversário da empresa onde trabalhava. Robert não gostou nada do meu chefe, principalmente pelo CEO ter me chamado de Mady, tratando-me com informalidade, o que ele considerava bastante impróprio. Meu namorado pediu várias vezes para que eu abandonasse meu emprego que tanto amava. Por mais que eu gostasse dele, não me demitiria somente para agradá-lo, e isso deixava-o cada vez mais irritado e indiferente. Phillips me pagava muito bem, e, além disso, valorizava meus conhecimentos financeiros. Não sabia quantas noites nós

dois tínhamos virado, discutindo os detalhes dos investimentos que ele fazia. Sabia que, para o meu chefe, eu não era apenas sua secretária, mas o seu braço direito, embora Phil tenha passado a me evitar depois que conheceu Robert. Achei estranho, mas como precisava do emprego, não disse nada.

Homens... Balancei a cabeça, nem tentava entendê-los.

Quando estava prestes a embarcar no metrô que me levaria para a *Park Avenue*, onde ficava a filial-mãe da empresa, recordei-me que tinha esquecido meu *hd* externo conectado ao computador de Robert.

Droga!

Passei a noite inteira revisando algumas informações da Ilha *Pumpkin*, na Austrália, a pedido de Phillips, e todas as minhas anotações estavam salvas no dispositivo.

Em breve, o senhor Brown fecharia o contrato de compra da pequena ilha na Barreira de Corais, e, embora meu chefe confiasse no responsável pelo setor financeiro, sempre me pedia para dar uma olhada nas planilhas de orçamento. A ilha tinha uma vertente sustentável e contava com alguns bangalôs de frente para o mar, um heliporto e um bar mas teríamos que construir mais acomodações de luxo para ter condições de hospedar um número maior de pessoas, mas, ao mesmo tempo, garantindo a privacidade dos clientes. Portanto, tínhamos que saber, por base, quanto iríamos gastar em melhorias e em quanto tempo o empreendimento passaria a gerar lucros.

Como secretária dele, não fazia parte das minhas atribuições verificar as planilhas de gastos, que era de responsabilidade do setor financeiro, e nem analisar os projetos, porém Phillips sempre me pagava um dinheiro extra pelas minhas observações, que vinha muito a calhar no final do mês. Além de que isso me permitia exercitar tudo aquilo que tinha aprendido na Escola de Negócios da Universidade de Nova Iorque.

Então, tinha que voltar para buscar meu *hd*, pois repassaria com ele todos meus apontamentos na parte da tarde. Peguei meu celular, olhando as horas, e vendo que estava mais atrasada do que imaginava, enviei uma mensagem para Phillips.

Mady

Vou me atrasar, esqueci o *hd* em casa. Você tem uma reunião às 10 horas com a equipe de *Marketing*. Pedirei para uma das estagiárias organizar a sala.

Phillips

Ok!

Não estranhei sua mensagem seca, provavelmente ele tinha tido outra noite terrível de insônia. Ele ficava com o humor péssimo quando não dormia bem, e isso repercutiria pelo resto do dia. Suspirei, cansada. Deixei uma mensagem para Danny, pedindo para que organizasse a sala para mim, e assim que recebi sua confirmação, saí da estação de metrô, correndo nos meus saltos, e tomei o primeiro táxi que vi passando, indicando o endereço de Robert.

O trânsito para o bairro onde meu namorado residia não era tão caótico quanto o de Manhattan, mas, mesmo assim, demorei meia hora a mais do que o necessário para chegar lá. Pedi que o taxista me esperasse, me encaminhei para o prédio de tijolos vermelhos antigos e subi os degraus, apressada, até o andar onde o apartamento de Robert ficava.

Quando me aproximei da porta, ouvi uns gemidos e gritos altos e balancei a cabeça em negativa. As pessoas não tinham senso e respeito pelos vizinhos.

Fiquei alguns segundos, que me pareceram intermináveis, procurando minha chave na bolsa enquanto ouvia a transa de alguém, sons que ficavam cada vez mais estridentes e intensos. Parecia que vinham de um apartamento próximo. Assim que coloquei a chave na fechadura e abri a maçaneta, meu coração gelou no peito. Vi uma calcinha e um vestido jogados no tapete da sala, junto ao samba-canção que Robert costumava usar.

Não podia ser, era apenas um engano. Não queria acreditar nisso.

Não fazia nem uma hora que o deixei ali, trabalhando no seu escritório.

— Robert — chamei, sentindo o ódio e a raiva se acumularem nas minhas veias e corri até o seu quarto, com o som dos meus saltos altos e do meu coração ecoando nos meus ouvidos, como se perfurassem meus

tímpanos. Assim que adentrei o quarto, a cena que vi me chocou: uma loira de cabelos compridos e siliconada, que reconheci ser uma vizinha dele, estava de quatro, gritando e gemendo, enquanto ele metia nela por trás. Os olhos reviravam nas suas órbitas, provavelmente, estava quase alcançando o ápice.

— Robert! — gritei para que ele me ouvisse, e meu namorado parou de imediato o que estava fazendo. A loira saiu da posição e se cobriu com um lençol, olhando para mim com escárnio.

— Mad? O que você está fazendo aqui? — questionou, chocado.

— Eu é que pergunto o que está acontecendo. O que significa isso? — Apontei para os dois.

— Então você não sabe, querida? — a mulher inquiriu, maliciosamente, fazendo com que eu a encarasse. — Toda vez que você sai, fica até mais tarde trabalhando, ou quando passa o fim de semana no seu apartamento, Bert me procura. Acho que sou mais quente e disposta. Pelo que ele me contou, você é muito sem-sal.

O fato de Robert nem ao menos tentar me defender, ou se justificar, foi como se uma adaga afiada desse um golpe fatal no meu coração e no meu ego. Tudo que ele me falava na cama eram mentiras atrás de mentiras.

— Como pôde? — Voltei meu olhar para ele. Lágrimas quentes de tristeza e raiva desciam pelo meu rosto. — Como pôde fazer isso comigo? Por que simplesmente não terminou?

Sabia que nosso relacionamento estava em uma fase ruim, mas isso não justificava sua traição, nem mesmo ele ter contado para outra minha suposta frigidez. Eu gostava dele, não sei se chegava a amá-lo completamente, mas esperava que tivéssemos um futuro juntos, e isso aumentou ainda mais minha mágoa.

— Ela está mentindo, Mad. Foi só dessa vez, ela bateu aqui e me sed... — Desviou o olhar, confirmando para mim que mentia, deixando-me com o coração ainda mais quebrado.

— A quanto tempo? — A loira usou as mãos para contar, indicando o número cinco.

— Cinco anos ou cinco meses? Quer saber, não importa, acabou — gritei, extravasando a minha dor por ter minha confiança nele quebrada.

Se levantou da cama, ainda nu, sob o olhar de deboche da loira, mas eu saí do quarto, não aguentava mais ver aquilo. Era muita humilhação.

Ouvi seus passos vindo atrás de mim, porém o ignorei. Já estava quase saindo do apartamento, quando Robert puxou meu braço, forçando-me a olhar para ele por de trás das lágrimas.

— Não faça isso, Mad. Eu te amo...

— Chega, não quero ouvir suas calúnias e nem saber de mais nada — cortei-o.

— Não... Nós somos tão bons juntos...

— Nunca fomos. — Balancei a cabeça em negativa.

— Quer saber, Mad? A culpa é toda sua! Se tivesse me ouvido e largado seu emprego, tudo seria diferente. Mas não, você preferiu continuar, seu trabalho sempre foi mais importante do que eu, e não quis deixar o seu precioso chefe. Quem garante que você não dormiu com ele? Vive chegando tarde e até mesmo passou alguns finais de semana ao lado dele, “supostamente” trabalhando. Ele nem esconde a intimidade com que a trata. Está na cara que você tem alguma coisa com esse homem. Não venha se fazer de santa. Você é ambiciosa, quer subir na carreira mais rápido, não é?

Desvencilhei-me do seu aperto e desferi um tapa estalado no seu rosto, deixando uma marca vermelha da minha mão na sua pele branca. Instintivamente, ele passou a mão pela face, olhando-me incrédulo.

— Como ousa insinuar isso? Durante todo nosso relacionamento, eu fui fiel. Mas você é um canalha mesmo. Estava esse tempo todo me traindo, e agora quer colocar a culpa em mim, me acusando de gananciosa?

Robert soltou uma risada de desdém, como se não acreditasse nas minhas palavras. Aquilo foi a gota d'água.

— Não importa, não vou ficar me justificando para um filho da puta que nem você. Não quero nunca mais te ver. Pode jogar minhas roupas, e tudo o mais que tiver meu aqui, fora.

— Pode ir, sua...

Não o deixei completar a frase e dei mais um tapa na cara dele, deixando-o mudo. Sabia o que ele iria dizer, e ouvir a confirmação das palavras da loira vindo de sua boca me desestabilizaria ainda mais.

Não me recordava de ter perdido tanto o controle assim antes, e odiava esse meu lado. Tinha que ir embora, antes que fizesse algo que me arrependeria ainda mais.

Mesmo entorpecida, me lembrei do motivo de ter ido até ali, então fui rapidamente para o quarto onde deixei o meu *hd* para apanhar o único item que, realmente, não podia deixar naquela casa. Voltei para a sala, onde ele ainda estava parado com a mão no rosto, parecendo não acreditar no que estava acontecendo, peguei a chave do meu apartamento que tinha deixado com ele no aparador, abri a porta e descii as escadas o mais rápido possível. Como ele estava nu, não poderia me seguir, e acho que nem o faria depois dos tapas.

Deixei o prédio com a visão embaçada pelas lágrimas, que ainda teimavam em cair, e adentrei no táxi que estava me esperando.

— Tudo bem, moça? Posso fazer alguma coisa por você? — perguntou-me, gentilmente, vendo meu rosto avermelhado e molhado, provavelmente estranhando minha tristeza.

— Não, não. — Sequei as lágrimas com as costas das mãos e dei um sorriso fraco para ele. — Apenas me leve a *Park Avenue*, nº 432.

— Claro. — Subiu o vidro que separava a cabine do motorista e do passageiro, e se pôs a caminho.

Durante o percurso até o trabalho, peguei meu celular e bloqueei o número do Robert para que ele não tentasse entrar em contato comigo. À noite, eu iria avisar o porteiro para não mais autorizar sua entrada no prédio e embalaria suas roupas e pertences, doando-os a alguém que precisasse delas.

Assim que saí do táxi, respirei fundo, tentando me acalmar. Por mais que as lágrimas de raiva e tristeza teimassem em cair, embora estivesse tentando contê-las, e que meu coração estivesse sangrando no peito com a dor da traição, precisava me recompor. Não queria que ninguém visse meu estado

lastimável, muito menos meu chefe.

Passei correndo pela portaria, sem ao menos cumprimentar as pessoas que estavam ali trabalhando, e fui direto para o banheiro para lavar meu rosto e arrumar a maquiagem.

Agiria como se não tivesse acontecido nada comigo.

Depois de me deixar um pouco mais apresentável, caminhei até o elevador e apertei o botão do andar onde ficava meu escritório. Assim que cheguei, me pus a correr atrás do tempo perdido pelo atraso.

Mais tarde, no horário do almoço, ligaria para minha irmã e lamperia minhas feridas. Ela era a única que poderia me consolar nesse momento e que eu deixaria me ver quebrada. Já bastava o traste e sua loira siliconada terem me visto assim...



Phillips

Capítulo dois

— Sei que falta um pouco mais de um mês para o final do ano, mas depois de analisar o projeto de *marketing* feito pela equipe para a divulgação dos nossos chalés de luxo, que estamos terminando de reformar nas proximidades de *Resurrection Bay*, percebi que nossa campanha ainda está muito incipiente e rasa. O que diferencia nossos chalés das hospedagens oferecidas pelos outros hotéis da região? Por que os nossos clientes em potencial nos escolheriam? — Levantei uma sobrancelha, e o gerente do departamento de *marketing* engoliu em seco enquanto digitava freneticamente no seu *notebook*, o medo estampado em suas feições. Os outros membros da equipe mantinham-se calados, com receio da minha *fúria calma* se voltar contra eles. — No plano nem mesmo consta quais revistas e *sites* nacionais e internacionais farão parte da nossa ação publicitária, e isso é inaceitável.

— Já entramos em contato com alguns veículos de comunicação, mas nada ainda é muito certo. — Limpou o suor da testa com um lençinho.

— Bom, preciso que esteja certo até o final da semana que vem. É um prazo generoso para refazer o projeto com o máximo de detalhes possíveis. Preciso que ele esteja em execução na segunda quinzena de janeiro

Acenou em concordância diversas vezes, pois sabia que seu emprego estava por um fio.

— Claro, senhor, estará, mesmo que tenhamos que fazer hora extra para refazê-lo. — Suava bastante. — Mais alguma coisa?

— Sim, quero um relatório completo de como se encontra o andamento de cada campanha publicitária ativa. Até amanhã à tarde. Isso é tudo.

Depois que todos se retiraram e fiquei sozinho na sala, fui até a janela e me perdi em pensamentos, olhando para os edifícios altos da *Park Avenue*. Sabia que tinha sido mais ríspido e rígido do que gostaria, mas estava bastante irritado pelo projeto que havia sido apresentado, o que tornou minha dor de cabeça causada pela insônia ainda pior. Não poderia aceitar um trabalho *meia-boca*, e já fazia um tempo que a equipe estava deixando a desejar, o que, com certeza, me traria problemas futuros. A reunião demorou mais do que eu esperava, tomando o tempo que eu tinha reservado para fazer uns telefonemas para um escritório imobiliário em Sydney. Estava bastante ansioso para avançar na negociação da compra de toda a Ilha *Pumpkin* para construir mais bangalôs no local. Discutiria os detalhes finais com minha secretária e os passaria para a aprovação dos meus acionistas.

Madeline...

Pensar nela fazia com que meu coração apertasse. Depois que descobri que Mady tinha um namorado, tentei manter-me afastado o máximo possível, porém o mínimo de contato, mesmo que profissional, incendiava meu corpo inteiro. Ver seu sorriso, seu corpo e sentir seu perfume cítrico, me deixavam insano, mesmo que eu não pudesse tê-la. E ter sonhos eróticos, com ela nua na minha cama e com aquela boca carnuda envolvendo e sugando meu pau, não me ajudava em nada. Quando estava perto dela, ainda mais quando viajávamos juntos, eu precisava de uma força hercúlea para não deixar que os

sonhos invadissem a minha mente, e acabasse cometendo uma insanidade, tomando-a em cima da mesa do escritório, sem pensar nas consequências.

Tinha que confessar para mim mesmo, não queria apenas sexo com Mady, desejava ela na minha vida. Com o tempo, vi que somente compartilhar a cama com minha secretária não seria mais o suficiente, pois cometi o erro de me apaixonar por ela. E teria que aceitar que esse sentimento era platônico, o que fazia eu odiar ainda mais o namorado dela.

Suspirei, sentindo minha cabeça palpitar com a dor. Tomaria um analgésico qualquer e voltaria para meu escritório, pois tinha muita coisa para fazer.

Estava próximo a porta que levava ao meu gabinete, quando ouvi alguém fungando e chorando. A única pessoa que tinha acesso ao local era Madeline, e pensar nela assim fazia com que uma fúria irracional tomasse conta de mim. Odiava imaginar que ela pudesse estar sofrendo. Mady trabalha para mim há bastante tempo e nunca vi ela levar seus problemas pessoais para a empresa. E nunca descontava nada em ninguém.

Sabia que ela iria se atrasar, mas será que tinha acontecido alguma coisa grave? Já ia virar a maçaneta da porta quando ouvi sua voz chorosa, abafada pelas paredes que nos separavam.

— Robert me traía esse tempo todo, Jane. — Soluçou. — Precisei voltar a casa dele hoje pela manhã, para buscar algo que tinha esquecido lá, e flagrei o safado na cama com uma vizinha, uma loira siliconada. Foi humilhante.

Cerrei os dentes e o punho, esquecendo-me completamente da minha dor de cabeça.

O desgraçado a traía? Tive que respirar fundo para não adentrar naquela sala e perguntar isso pessoalmente. Sei que não poderia me meter na vida pessoal dela, eu era apenas seu chefe, mas, porra, eu era doido pela Mady, e ver ela sofrer por um merda desses me deixava irado.

— E não foi apenas uma vez, Jane — deu uma pausa para tomar ar —, isso acontecia há pelo menos cinco meses, pelo o que entendi, não sei ao certo quanto tempo. Desde a festa de aniversário da empresa, quando ele conheceu meu chefe, que as coisas estavam meio estranhas entre nós, com ele

insistindo que eu desistisse de trabalhar. Ele teve a coragem de me culpar por estar me traindo, que fez isso por eu não ter largado meu emprego e por dar mais importância a minha carreira do que a ele. Até insinuou que eu tinha algo com o Phillips. Onde já se viu? Eu nunca faria isso, ele é meu chefe. E Robert deveria saber que não trairia ele com nenhum homem na face da terra.

A afirmação de que eles brigaram depois da festa fez com que meu coração se apertasse, tanto que ignorei a parte que ela disse que nunca transaria comigo.

Sei que não agi de forma correta naquele dia. Fui grosso e me comportei muito mal porque estava a fim de levá-la para cama, porém, no calor do momento, não tinha pensado muito nas consequências que isso poderia trazer para ela. Me portei como um idiota na frente dos dois.

Depois daquela noite, e de ter perdido várias pensando nos meus sentimentos por Mady, percebi que se ela tinha encontrado a felicidade ao lado daquele *cara*, quem era eu para intervir nisso? Portanto, não esperava que ter me jogado para cima dela, naquela noite, causaria tanta dor a Mady.

Enquanto ouvia o barulho dos seus soluços baixinhos, foi que me dei conta do pior: e se ela tivesse deixado o emprego, como seu ex-namorado queria? Não teria perdido apenas uma boa funcionária, mas meu braço direito, e sentiria falta não só da competente profissional, mas da sua risada, do brilho dos seus olhos castanhos quando exprimia suas opiniões, das horas que passávamos juntos conversando sobre negócios, e às vezes, do passado e dos nossos gostos. Mesmo que eu não pudesse tê-la como mulher, a considerava como uma amiga, embora não conhecesse todos os aspectos da sua vida. E essa possibilidade, a de não a ter perto de mim, fazia com que sangrasse por dentro.

Depois de alguns minutos, que me pareceram horas, os soluços e choramings cessaram, e ela continuou a falar no telefone.

— Sabe o que é mais humilhante? Robert falou para a amante siliconada dele que sou sem-sal na cama, e ela jogou isso na minha cara. E sabe o que ele fez? Nem tentou se defender. E eu que fiz de tudo para tentar apimentar a nossa relação. — Riu sem humor, mas logo depois, um choro convulsivo tomou conta dela.

Filho da puta! Além de trair ela na cara dura, ainda tinha a coragem de insultá-la na frente de outra mulher. Tive que fazer um esforço descomunal para não dar um soco na parede, estava com ódio dele. Podia nunca ter provado daquela mulher, mas algo me dizia que transar com Mady superaria qualquer sonho obsceno que tive e que me fazia acordar duro, suplicando pelo alívio que só ela poderia me dar, mas que tinha que resolver com minhas próprias mãos.

Havia fogo no olhar dela e seu corpo escultural prometia uma noite muito ardente de sexo. Intuí-a que ela era insaciável e que eu teria que me esforçar bastante para acompanhá-la. Só de pensar nessa possibilidade, uma ereção dolorosa começava a surgir no meio das minhas pernas. Ajeitei meu pau por cima da calça, dando uns tapinhas nele.

Acalme-se, homem, tire essas ideias da cabeça. Não é hora de pensar nisso. Agora que ela está solteira, temos tempo.

Sei que estava sendo egoísta, não deveria estar pensando nos meus planos futuros de transar com ela, ainda mais com Mady sofrendo daquela forma. Porém, era inevitável não começar a ter ideias de como seduzi-la. Eu era um canalha, e sabia bem disso.

Só um cretino ficaria triste pelo sofrimento de sua amiga e, ao mesmo tempo, feliz por poder ter uma chance com ela no futuro, já que seu relacionamento tinha acabado. Pelo que conhecia da personalidade de Mady, as chances dela voltar para esse cara eram quase nulas.

— Sabe, Jane, estou me sentindo um lixo de mulher depois disso tudo...

Suspirou fundo, em resignação. Se eu visse esse homem na minha frente, quebraria a cara de bosta dele. O fato dela se sentir *um lixo* só me dava ainda mais vontade de mostrar a mulher maravilhosa que Mady era. Ou melhor, não ficaria na vontade, um dia iria provar isso a ela. Só precisava dar um tempo para que se recuperasse daquela decepção, mas não sei se conseguirei esperar.

— Obrigada pelas palavras, Jane, mas foi inevitável. Não tenho como te agradecer por ouvir meu desabafo, como sempre. Agora preciso desligar, meu horário de almoço está acabando e estou bastante atrasada.

Silêncio.

— Estou sem apetite, mas vou tentar comer alguma coisa, não se preocupe. Te amo, Jane.

Assim que desligou, pude ouvir que ela começou a chorar novamente, baixinho. Não sei quanto tempo fiquei ali, parado próximo a porta, mas esperei que os soluços cessassem e o barulho dela digitando algo no computador o substituísse. Não queria constrangê-la ainda mais ao flagrá-la chorando. Mady era aquele tipo de pessoa que gostava de manter sua aparência profissional sempre impecável, e odiaria que a vissem assim. Outro aspecto que eu amava naquela mulher, sua postura inabalável, mesmo que por dentro, estivesse magoada e chateada. Entrei no escritório e, mesmo que ela tentasse disfarçar com maquiagem, seus olhos estavam vermelhos por ter chorado. Porém, decidi, no momento, não comentar nada.

— Já almoçou?

Ela tomou um susto em frente ao computador, dando um salto na cadeira. Seus olhos vermelhos me encarando com desconfiança fizeram com que a raiva que estava sentindo aumentasse, me deixando ainda mais puto com aquele verme, porém me contive.

— Eu... Eu... Ainda não, Phill — sua voz saiu falha, tensa.

— Que tal uma comida chinesa do *Shanghai*? Sei que você ama a comida daquele lugar, embora existam restaurantes que servem uma comida bem melhor. — Ela arqueou as sobrancelhas, pois sabia que estava provocando-a. — A reunião com a equipe de *marketing* foi pior do que eu pensava, além de ter tomado todo o meu tempo na parte da manhã. E estou morrendo de fome. — Coloquei as mãos nos bolsos da minha calça. — Podemos almoçar na minha mesa e depois podemos discutir os detalhes sobre o investimento na Ilha *Pumpkin*. Tenho mais alguma reunião nessa tarde?

— Não, Phil. — O simples fato de ela me chamar assim fez com que eu vibrasse por dentro. Odiava profundamente quando minha secretária me tratava conforme o protocolo de patrão e empregada, mas era necessário na frente de outras pessoas. Queria muito que Mady me chamasse de Phill enquanto entrava no seu corpo. — Deixei sua agenda livre, como me pediu. Comida chinesa sempre é uma ótima ideia. O que você vai querer? —

perguntou, mais recomposta.

— *Dumplings* de lagosta, e porco e arroz com frango ao molho de gergelim. E uma soda para beber. Pode escolher o que quiser e colocar na minha conta.

— Não precisa. A comida não é tão cara e eu... — Interrompi o que ela estava dizendo apenas com o franzir de cenho. — Está bom, vou fazer os pedidos. Assim que chegarem, bato na sua porta. Enviarei alguns apontamentos para o seu e-mail para que você dê uma olhada antes de almoçarmos. — Jogou as mãos para cima, com um sorriso iluminando o seu rosto. Como eu amava ver aqueles dentes brancos e perfeitos sorrindo para mim, mesmo sabendo que, por dentro, ela estava sofrendo.

— Esperarei na minha sala. — Pisquei para ela e caminhei até o meu escritório. Até que a comida chegasse, tinha muitos relatórios e telefonemas para dar. Porém, tinha certeza que me concentrar no trabalho seria muito difícil, ainda mais no restante daquela da tarde que passaria ao seu lado, em que teria que fingir que não sabia de nada do que se passava com ela.

Sentei-me na cadeira presidencial de couro e sorri, involuntariamente. Minhas chances de tê-la para mim aumentaram, exponencialmente.



Madeline

Capítulo três

Era domingo à tarde. Tinha terminado de limpar meu pequeno apartamento no Brooklyn e me sentei no meu sofá antigo para descansar. Meu cachorrinho sem raça definida, uma mistura de *basset* com *pinscher*, Toby, que estava dormindo no outro lado do assento, subiu no meu colo e começou a me lambar. Fiz carinho no seu corpinho roliço e ele esfregou ainda mais o focinho em mim.

Suspirei, cansada.

Tinha se passado quase uma semana desde que descobri a traição de Robert. Ainda doía, porém bem menos do que nos primeiros dias. Sei que não tínhamos anos de relacionamento, mas me doeï intensamente enquanto vivíamos juntos. Demorou mais do que previra para me livrar das coisas dele, mas, finalmente, me desfiz de tudo, não sobrando mais nada que me fizesse lembrar da nossa convivência. Os itens que poderiam ser utilizados por outra pessoa, doeï para a primeira instituição de caridade que vi no bairro. Por mais que quisesse queimar tudo, sabia que tinha pessoas que precisavam, então me

contive. Pelo menos, alguém iria ficar feliz com as roupas de marca quase novas.

Confesso que ter longas conversas com minha irmã Jane, onde desabafei e chorei tudo o que podia, e me afundar no trabalho ajudaram a amortecer, um pouco, a dor da traição. Embora não tenha sido nada fácil fingir para todos da empresa que nada tinha acontecido, principalmente na reunião daquela tarde que tive com Phillips depois de descobrir a deslealdade de Robert. Mas consegui passar por isso, mesmo que tenha precisado de todo meu autocontrole para não desmoronar na frente dele enquanto almoçávamos e do meu foco para repassarmos os detalhes do projeto da Ilha *Pumpkin*. Decidimos pela opção da compra da ilha, e em breve, teríamos uma reunião com os acionistas minoritários da empresa para expor o que tínhamos planejado para a construção dos bangalôs e o total a ser gasto nas reformas. Mesmo que a palavra final fosse de Phill, ele sempre gostava de manter todos a par do que estava acontecendo na J&P.

Por falar no meu chefe, até ele se encontrava mais solícito, fazendo pequenas coisas para me agradar. No dia anterior, ele havia mandado que me entregassem uma caixinha com *donuts* da confeitaria que eu amava. O que era um pouco estranho, porém o que me deixava mais desconcertada eram os olhares que ele me lançava, de fome, de desejo, o mesmo olhar que me lançou na festa de aniversário da empresa, cheio de segundas intenções, porém, ainda mais intenso, como se soubesse que eu estava “disponível”. Tinha conhecimento de que Phill não era um homem que tinha casos passageiros. Embora não tenha ouvido falar de que estava namorando em nenhuma revista ou programa de fofocas, ter o seu olhar carregado de segundas e terceiras intenções sobre mim me deixava sem jeito.

Não posso negar que ser desejada por um homem lindo e sensual daquele jeito, depois de ter se sentido a pior das mulheres pelas ações do seu ex, era bom, porém, ao mesmo tempo, achava que não estava preparada para transar tão cedo com alguém, mesmo que minha vontade era me entregar para me “vingar” do Robert, o que era, completamente, ridículo. Eu não era esse tipo de pessoa e nem agiria como uma idiota. Além disso, não usaria meu chefe e amigo a fim de alimentar meu ego ferido.

Não sei por quanto tempo fiquei perdida em meus pensamentos, mas saí do meu transe quando Toby começou a passar as patinhas caramelo em

mim, gesto recorrente e que significava uma coisa.

— Com fome, né, querido? Vamos levantar que a mamãe vai te dar ração e um biscoitinho como agrado. — Tirei ele do meu colo, pousando-o no chão, e levantei-me, caminhando em direção a cozinha.

Depois de dar um biscoitinho, colocar a comida em um potinho e trocar a água, fiquei observando-o por alguns minutos antes de pedir algo para mim pelo aplicativo. Como a comida ia demorar mais de uma hora para chegar, decidi tomar um banho relaxante de banheira, com toda a espuma e jatos de hidromassagem que tinha direito. Era um dos poucos luxos que tinha naquele apartamento e que não abria mão por nada. Precisava descansar o máximo possível, principalmente por ter ficado o sábado inteiro montando a pauta da reunião que aconteceria no meio da semana com os acionistas sobre a compra da Ilha, além de ter organizado, por ordem de prioridade, os relatórios e enviado todos eles na sexta para o e-mail do Phillips.

Depois da reunião, daríamos início aos trâmites legais da compra da *Pumpkin*, ao mesmo tempo que lidariamos com outros projetos da empresa. Nessa parte do processo, o que é natural, tudo ficaria ainda mais corrido, principalmente por ser final de ano. Além de que, toda vez que tomávamos um passo importante, outros problemas que precisavam da nossa atenção surgiam no processo, exigindo ainda mais de nós.



Phillips

Capítulo quatro

Acordei suado e ofegante como se tivesse corrido a meia maratona de Nova York. Ter sonhado com ela cavalgando em mim, controlando o ritmo dos nossos corpos, com os cabelos negros e compridos desalinhados e os seios, que cabiam perfeitamente nas minhas mãos, roçando no meu peito enquanto se movimentava, fez com que eu acordasse duro feito pedra, algo recorrente na minha vida.

Suspirando fundo, peguei meu celular sobre o móvel de cabeceira e olhei as horas: quatro da manhã. Ainda tinha muito tempo até me levantar. Joguei o aparelho em um lado da cama e fechei meus olhos, deixando que minha imaginação com a Mady nua corresse à solta.

Deslizei minha mão pelo meu abdômen nu até o cós da calça, que eu sempre vestia para dormir, vagorosamente, imaginando que fosse uma mão pequena e macia com unhas pintadas de vermelho que me alisava. Senti meus

pelos se arrepiarem com a carícia imaginada. Huum...

Adentrei com a mão por debaixo do tecido da calça e, como não costumava dormir de cueca, senti meu pênis pulsar quando aproximei minha mão dele. Rodeei meu pau e percorri toda a extensão grossa e enrijecida, chegando até a ponta.

Toquei com os dedos a glândula, percebendo que um pouco de líquido já saía pelo buraco, e fiz movimentos circulares, deixando-me ainda mais rígido e excitado, fantasiando que fossem os dedos de Mady. A imagem dela removendo sua mão e levando um dedo até aquela boca carnuda foi demais para mim, fazendo com que uma série de gemidos escapassem pelos meus lábios.

Desci com a mão até a base do meu pênis, apertando-o levemente, e comecei a percorrê-lo, inicialmente com movimentos lentos, aumentando o ritmo gradualmente, prolongando a minha tortura ao máximo.

— Isso, Mady... — Estava alucinando.

Gotas de suor escorriam pelo meu corpo, minha respiração estava cada vez mais pesada, e os meus gemidos, mais altos.

Com a imagem criada pela minha mente de Mady me masturbando, com os cabelos caindo em cascatas sobre seus seios empinados e um sorriso de satisfação por estar no controle, não demorou para que a excitação crescesse dentro de mim, e meus movimentos ficassem cada vez mais rápidos e intensos. A gota d'água foi quando criei a imagem dela abaixando a cabeça e aproximando seus lábios do meu pau, me tomando em sua boca, o lambendo e sugando. Quando, com um movimento, ela o introduziu por completo, chegando a tocar sua garganta, gozei, instantaneamente, e gritei o nome dela, em êxtase.

Fiquei alguns minutos ainda me acariciando, esperando que minha respiração se normalizasse. Assim que recuperei um pouco de controle do meu corpo, levantei-me e fui até o banheiro da suíte a fim de tomar um banho e fazer minha higiene matinal. Meu abdômen, coxas e lençol — que teria que mandar para lavanderia —, estavam todos melados de sêmen pelo jorro proporcionado pelo clímax. Foi uma das melhores punhetas que tive na vida.

Depois que me limpasse, como ainda tinha algumas horas, poderia

comer qualquer coisa e ler alguns relatórios, além de tentar me preparar para encarar Mady depois de gozar como um pré-adolescente ao pensar sexualmente nela.



Estacionei minha *Lamborghini* na garagem no subsolo do edifício onde ficava meu escritório e resolvi pegar o elevador que normalmente era usado pela equipe de limpeza e de manutenção do prédio.

— Bom dia, Sr. Rodriguez — cumprimentei um dos homens que costumava limpar a vidraçaria.

— Bom dia, Sr. Brown. Como vai?

— Bem, e a sua princesinha?

— Sapeca como só, obrigado. Precisa de ver, vou mostrar uma foto para o senhor. — Exibiu-me a fotografia de uma menininha morena de cerca de quatro anos de idade, com um laço vermelho na cabeça, toda suja de tinta de brincar de pintar.

— Linda e cada vez maior.

— Caprichei, né? Embora ela tenha puxado mais a mãe. — Riu, me fazendo gargalhar também.

— Que bom que puxou mais a mãe, se tivesse saído igual ao pai, coitada. — Rimos ainda mais. — Mas ela é linda, você vai ter que tomar muito cuidado quando ela crescer.

— Ara, nem quero pensar nisso. — Pegou o balde e o esfregão quando o elevador parou no 5º andar. — Até mais, Sr. Brown.

— Até. — Saiu apressado, como sempre.

Suspirei fundo. Tinha milhares de defeitos, mas agir como *superior* as pessoas mais simples não era uma delas. Sabia o que era a pobreza e a fome, ter que trabalhar para conseguir o mínimo para sobreviver. Fui criado pela minha avó. Meu pai abandonou minha mãe quando soube da gravidez, soube

que ele tinha aversão a crianças. Como mamãe era muito apaixonada por ele, não aceitou o abandono e, assim que eu nasci, se entregou a heroína e a bebida, morrendo anos depois. Foi com muito sacrifício que vovó me criou, e sei que seria um nada sem ela, que me deixou há alguns anos, e sem a oportunidade dada por Jhonson. Eu não tinha palavras para agradecer.

Talvez, por isso, evitava pessoas que se achavam melhores que as outras, embora mantivesse o contato a nível profissional. Não fazia questão de ter esse tipo de pessoa em minha vida, tanto que podia contar nos dedos de uma mão aqueles que faziam parte do meu círculo de amizade.

Assim que o elevador parou no meu andar, afastei esses pensamentos da mente e caminhei em direção ao meu escritório, adentrando o local. Como estava cedo, Madeline ainda não tinha chegado, então avancei até a minha mesa, deixando a minha pasta sobre uma das cadeiras, liguei meu computador e me pus a trabalhar. Estava imerso, olhando uma planilha enviada pelo setor financeiro, quando ouvi o barulho de alguém batendo na minha porta.

— Phillips? — A voz doce e melodiosa de Mady saiu do outro lado, fazendo com que meu olhar deixasse o computador e pousasse rapidamente na porta.

— Pode entrar — soei mais rouco do que gostaria. Achava que estava recomposto, mas parecia que não era bem assim.

Ela girou a maçaneta e entrou, seus saltos fazendo barulho em contato com o mármore do piso. Meu olhar varreu-a de cima a baixo, e puta que pariu, o que vi me deixou de boca seca. Diferentemente dos outros dias, ela usava uma calça pantalone justa nos quadris, acentuando-os, que deixava suas pernas ainda mais longas, uma blusa branca apertada com um tímido decote em V, coberto por pedrinhas, que destacava o seu colo e um blazer vermelho combinando. O cabelo preso em um coque alto só a deixava mais sexy. Ela emanava sensualidade e poder, algo que sempre me fascinava.

Tive que fazer muito esforço para manter a boca fechada e não deixar que minha mente retomasse os pensamentos lascivos que tive com ela de madrugada.

— Phill? — perguntou, desconfortável, movimentando a agenda que

carregava na mão.

Saí do transe de admiração, fixando meu olhar no seu rosto levemente maquiado, e pigarreei, buscando meu autocontrole

— Sim? — Arqueei uma sobrancelha.

— Como pediu, não marquei nenhuma reunião pela parte da manhã e enviei para seu e-mail a apresentação do projeto sobre a Ilha *Pumpkin*, para a conferência no início da tarde com os acionistas, para que você pudesse dar uma olhada antes. — Abriu a agenda que carregava, e olhou rapidamente para suas anotações. — Encaminhei também um ofício do departamento de recursos humanos, porque existe um problema com um dos funcionários da equipe de *marketing*. Parece que é urgente e envolve o gerente.

Franzi o cenho. Já não bastavam os problemas que tive com o projeto de *marketing* ridículo sobre os chalés de *Resurrection Bay*, agora teria que lidar com o homem me causando outros. Respirei fundo, irritado.

— Mais alguma coisa? — Ela balançou a cabeça, fazendo com que alguns fios escapassem do coque e emoldurassem seu rosto.

— Você também ficou de ligar para o administrador dos chalés nas Maldivas para perguntar sobre como está o andamento da instalação dos novos painéis solares, que chegaram no mês passado.

— Okay, mais alguma coisa que preciso resolver essa manhã?

— Você quer que reserve uma mesa em algum restaurante ou quer que peça para entregarem seu almoço aqui?

— Pode pedir uma massa qualquer para mim e para você no restaurante que você achar conveniente. Quero que almoce comigo hoje. Preciso discutir com você alguns números enviados pelo departamento de finanças.

Acenou em concordância.

— Okay, mais alguma coisa?

— Não, só isso.

Fez uma mesura e virou-se de costas para sair, deixando que eu tivesse

um relance da sua bunda, ainda mais arrebitada pela calça.

— Meu Deus... — sussurrei para mim mesmo, quando ela fechou a porta.

Maneei a cabeça tentando afastar a imagem da minha mente e me concentrar no trabalho. Tinha que tê-la logo, senão acreditava que terminaria louco.



Depois de sobreviver ao almoço com Mady e a nossa pequena reunião sem nenhum incidente constrangedor da minha parte, nos encaminhamos para a sala onde seria realizada a apresentação do projeto. Como sempre, Madeline deixou tudo organizado no local, certificando-se que tinha água, chá e café para os acionistas e se o *powerpoint* estava correto. Sentou-se no final da mesa, deixando à mão seu *notebook* para registrar os principais pontos de tudo aquilo que foi falado. Assim que os acionistas chegaram, iniciei a reunião.

— Boa tarde. Gostaria de agradecer a presença e o tempo de todos. Como sabem, a J&P tem sondado a compra de uma ilha particular na Barreira de Corais, na Austrália, a fim de expandir nossos negócios de aluguéis de *resorts* e bangalôs de luxo. E como prezo pela transparência em cada investimento, pedi que viessem até aqui hoje. Depois de estudar todas as opções disponíveis, levando em consideração as condições climáticas de cada local, o preço, o investimento a ser feito e o possível retorno do nosso investimento — usei a caneta para apresentação e aponte para o *powerpoint* —, escolhemos a Ilha *Pumpkin*, pela sua rentabilidade e sustentabilidade.

Falei por cerca de meia hora, mostrando os principais números obtidos nos estudos, e, para terminar, um vídeo mostrando a ilha foi executado. Durante toda a apresentação, observei cada reação dos meus acionistas, e pela expressão dos rostos deles, eles gostavam do que viam.

Assim que o vídeo terminou, os meus sócios começaram a me elogiar pelo projeto, deixando ainda mais evidente o quanto aprovavam o

empreendimento. O que era esperado, pois não entrava em algo se não fosse para lucrar.

Sorri para Mady, que me sorriu de volta com os olhos brilhando, demonstrando toda sua admiração e confiança no meu trabalho. Embora o programa tenha sido construído por várias outras pessoas, inclusive ela, ver sua expressão me deixou ainda mais satisfeito e fez com que um calor bom tomasse meu peito.

— Alguém tem alguma questão? — perguntei, depois que o burburinho dos acionistas diminuiu.

John Miller levantou a mão, pedindo a fala.

— Sim, Miller? — Incentivei-o a perguntar.

— Senhor, pelo vídeo apresentado, o local é exuberante e a estrutura das instalações parece em ótimo estado. — Deu uma pausa. — Sei que pessoas confiáveis visitaram a ilha e os relatórios são bastantes detalhados, mas pelo valor do investimento a ser feito, não seria melhor o senhor ir pessoalmente ao local antes de fechar o negócio? Pelo que entendi, já faz alguns meses que a ilha se encontra à venda e ninguém deu ainda uma oferta por ela.

Outros acionistas, depois de pensarem um pouco, concordaram com a cabeça.

— Acho que saber que o senhor visitou pessoalmente o local nos deixaria mais seguros — comentou um dos sócios mais velhos da empresa.

Franzi o cenho, pensativo. Confesso que uma viagem a Austrália não estava nos meus planos, confiava em toda informação remetida pela equipe que enviei para lá. Fora que despenderia tempo que poderia utilizar trabalhando em outros negócios, que também mereciam minha atenção.

Fiquei alguns minutos refletindo, e olhei para Mady, pedindo sua opinião com o olhar, porém sua atenção estava voltada para Miller, que ainda falava.

Continuei olhando para Madeline e logo um plano foi se formando na minha cabeça, tornando-se cada vez mais real. Meus acionistas me deram a oportunidade perfeita para meus planos de um tempo a sós com a Mady. A

Austrália, principalmente o cenário paradisíaco e romântico da Ilha *Pumpkin*, era um lugar propício para a sedução e, longe de Nova York, ela poderia esquecer todo seu relacionamento fracassado com Robert.

Um sorriso lento e perverso tomou meus lábios, e minha mente foi tomada de ideias lascivas.

— O que o senhor acha? — Miller me tirou dos meus devaneios com sua pergunta abrupta, fazendo o sorriso morrer em meus lábios.

— Não estava nos meus planos, mas se isso for importante para vocês e dar maior segurança ao projeto, posso me programar para tentar ir na semana que vem. Quanto antes, melhor.

— Sim, sim. Isso seria ótimo, Sr. Brown — o velhinho concordou.

— Então está decidido. Caso esteja certo, iniciarei os trâmites legais para a compra. Por falar nisso, já entrei em contato com nosso banco, e teremos o dinheiro até lá.

Balançaram a cabeça em afirmativa.

— Mais alguém tem alguma dúvida?

— Não, não.

— Estamos acertados. Novamente, agradeço a presença de todos e os mantereii informados.

Posicionei-me na porta e cumprimentei todos os acionistas com um aperto de mão, recebendo elogios em troca. Assim que todos saíram e ficaram somente eu e Mady na sala, fechei a porta dando-nos privacidade.

— O que achou da reunião, Mady? — Olhei diretamente para ela.

— Foi excelente, Phillips, eles estavam tão entusiasmados com a ideia. — Sorriu e me encarou de volta. — Você pretende passar quantos dias na Austrália? Uma semana? Tenho então que desmarcar as reuniões e conferências da semana que vem.

Fiquei admirando-a por um tempo, perdido em meus pensamentos e nos meus planos futuros.

— Phill?

— Hum, sim? Desmarque toda minha agenda até a primeira quinzena de janeiro. — Assim que terminei de falar ela arregalou os olhos castanhos.

— O quê? — Levantou-se e pôs as mãos nos quadris, desviando meu olhar para lá. Maravilhosa! Não via a hora de colocar minhas mãos ali. — Você só pode estar brincando, nunca que você ficaria tanto tempo longe da empresa.

Subi meu olhar para o seu rosto e a encarei firmemente.

— Infelizmente, não, querida. Você sabe que nunca brinco quando se trata dos meus negócios — minha voz saiu rouca, cheia de segundas intenções.

Seu rosto ficou rubro ao ver meu olhar varrer novamente todo seu corpo, dando a entender meu intuito. Sabia que estava sendo precipitado, deveria ser mais cauteloso, mas era inevitável. Meus planos de sedução estavam vivos na minha mente e não via a hora de arrancar toda a roupa que a cobria, deixando-a nua para mim, principalmente nas areias quentes da Ilha *Pumpkin*.

Ela desviou o olhar para o lado, tentando esconder o brilho de excitação que ardeu brevemente em seus olhos. Torcia as mãos em cima da mesa em um gesto nervoso.

— Tudo bem, Phillips, vou ver o que consigo fazer. De qualquer forma, posso ajudar a resolver alguns problemas quando você estiver fora — sua voz saiu quase inaudível.

— Não será necessário, posso deixar Miller no comando por um tempo.

Balançou a cabeça e se levantou.

— Se isso é tudo, vou pedir a moça da limpeza para organizar a sala e começarei a reorganizar sua agenda. Deseja mais alguma coisa?

Enquanto esperava eu responder, aproveitei para me aproximar dela e tomei seu rosto em minhas mãos, fazendo com que os olhos castanhos dela ficassem ainda mais arregalados e olhassem diretamente nos meus.

— Phill?! — sussurrou.

— O seu passaporte está em dia, Mady?

— Eu... eu... eu não sei. Mas porque você está me perguntando isso?

— Porque você vai para a Austrália comigo, e ficará lá por tempo indeterminado. — Soltei seu rosto, e caminhei em direção a porta.

— O quê? — gritou, surpresa. Bom que ninguém poderia ouvi-la do lado de fora.

— Não se esqueça de colocar seu biquíni na mala. — Virei-me em sua direção e pisquei para ela, fazendo-a ficar ainda mais vermelha. Abri a porta e saí da sala, deixando-a parada ali, atônita.

Foi impossível conter meu sorriso de presunção e satisfação masculina. O primeiro movimento do jogo estava dado, e de uma coisa eu tinha certeza, dessa vez ela não me escaparia.



Madeline

Capítulo cinco

Depois de deixar de sobreaviso a empresa responsável pela manutenção do jatinho particular do Phillips e avisar o piloto de confiança dele para traçar o plano de voo, e enviá-lo para a agência responsável por controlar o tráfego aéreo, a semana passou rápido como um relâmpago. Dentre remanejar todos os compromissos de Phill, o que não era nada fácil, tendo em vista que ele não tinha me dado uma data de retorno, e as pequenas atribuições do dia a dia, só deixei que o nervosismo e a ansiedade me invadissem quando estava arrumando minhas malas, no sábado à noite. Não gostava de deixar tudo para última hora, embora o cansaço se acumulasse sobre meus ombros. Tinha combinado de passar o domingo com minha irmã e seu marido Michael, já que não saberia quando eu voltaria. Aproveitaria para deixar Toby com ela, já que Jane se prontificou a cuidar dele por mim. Ainda teria que arrumar as coisas do meu bebê, que não eram poucas para um cachorrinho do tamanho dele, mas isso ficaria para amanhã.

Suspirei e continuei a arrumar minha bagagem. Peguei um vestido de alças finas do armário e o coloquei na bagagem junto com as outras peças tanto para o um clima quente como para o frio, pois não sabia ao certo como estaria o tempo, apesar de que torcia, internamente, pelo calor. Estava guardando na mala minhas melhores roupas profissionais, embora colocasse uma ou duas peças mais confortáveis. Quem sabe eu teria um tempo para um pequeno passeio em Sydney? Optamos por ir primeiro para a cidade mais famosa do continente, ao invés de ir direto a ilha, por causa de uma reunião que teríamos com o mesmo agente imobiliário da *Pumpkin*, já que o homem tinha outros negócios em potencial para discutir com Phillips. Parece que alguns edifícios estavam indo a leilão e o preço era bem convidativo, abaixo do valor de mercado.

Balancei a cabeça, afastando esse pensamento. Com certeza seria uma visita profissional, e eu só veria de relance algumas das atrações turísticas da cidade. O nosso foco era vistoriar as instalações da Ilha *Pumpkin*, não estava indo para lá a passeio.

Não que eu nunca tivesse viajado com meu chefe, já o tinha acompanhado em algumas viagens para fora do estado de Nova York, mas eram deslocamentos curtos. E com data certa de ida e volta. Nunca tinha ido com ele para fora do país, pois costumava ficar de prontidão no escritório para resolver algum eventual problema. Phill sempre me deixava no comando quando precisava ir para muito longe.

Além da distância, confesso que não saber quando retornaremos estava me deixando apreensiva. Isso não costumava ser o procedimento padrão de Phill, ele era muito organizado com datas e não gostava de despender mais tempo que o necessário para solucionar um problema ou fechar um negócio. Sua maior filosofia era: tempo é dinheiro.

Depois de arrumar tudo, consegui pensar com mais calma, e percebi que aquilo que eu mais temia, era me aproximar mais intimamente do meu chefe. Ele continuava a me fazer pequenos agrados, e era sempre bastante gentil, sempre atento ao que eu dizia, isso depois de ter ficado meses afastado de mim.

Porém, durante o decorrer dessa semana, o que mais me acovardava era a minha reação ao olhar faminto dele. Sempre que ele me olhava assim,

um arrepio de prazer percorria todo meu corpo, que fazia de tudo para conter. Não deveria sentir isso. Terminei um relacionamento há pouco tempo e não estava pronta para entrar de cabeça noutro, nem mesmo para sexo casual.

Phill era meu chefe, e ter um caso com ele só deixaria as coisas estranhas entre nós dois. Não queria perder meu emprego e a confiança que depositava em mim. Isso me era muito importante. Sabia que Phillips não era um homem que se envolvia facilmente, porém, não queria ser um brincado, um passatempo que ele manteria por um tempo.

Tinha medo de agir por impulso e me machucar depois, mesmo que soubesse que Phill nunca mentiria ou me enganaria. Não era boba, compreendia que ele me desejava, mas isso seria um grande erro da nossa parte.

Tínhamos que manter nosso relacionamento apenas no profissional. Sexo só complicaria tudo e destruiria o nosso companheirismo.

Peguei uma camisola de renda vermelha nova, que parecia bastante confortável, e a coloquei na mala, depois apanhei algumas roupas íntimas no armário, guardando-as também. Fiquei tanto tempo perdida em divagações, que quando vi, já tinha separado tudo o que iria precisar, menos o tal biquíni.

Apesar de Phill ter falado para levar um, uma parte de mim acreditava que ele estava apenas brincando comigo, mas a outra sabia que ele estava falando sério. A minha metade sensata e profissional preferiu ignorar o pedido.

Fechei a mala, colocando-a no canto do quarto, e peguei meu celular para checar as mensagens. Como já era tarde da noite, não tinha nada de tão importante, então ignorei a maioria delas. Com o cansaço pesando ainda mais, tomei um banho rápido, vesti um pijaminha confortável, e fui até a sala a fim de verificar se tinha trancado a porta e se tinha água e ração para o meu amorzinho. Toby, que estava deitado confortavelmente no sofá de barriga para cima, assim que me viu, pulou e correu até mim, pedindo colo.

— Você vai sentir falta da mamãe, não vai, amorzinho? — Peguei ele no colo e toquei seu focinho com o meu nariz, plantando um beijinho depois. — A mamãe não sabe quanto tempo vai demorar, mas ela vai morrer de saudades.

Voltei para meu quarto e pousei Toby em cima da minha cama. Às vezes, ele gosta de dormir comigo, embora seu cantinho fosse meu sofá.

Depois de ajeitá-lo, cobrindo-o com um lençol, apaguei as luzes e enfiei-me debaixo das cobertas, deixando um braço de fora a fim de fazer carinho no topo da cabeça de Toby, que dormiu instantaneamente.

— Mamãe te ama, e agora ela vai dormir — sussurrei, deixando que o cansaço me conduzisse a um sono profundo.



Era quase meio-dia quando entrei na rua onde se situava a casa de Jane, no Queens, avistando ao longe o edifício de dois andares de tijolos vermelhos, com um pequeno jardim na frente, onde um poste fixava a bandeira americana. Estacionei meu carro e tirei o cinto, abrindo a porta do motorista e dando a volta para tirar Toby do cinto de segurança canino que eu utilizava sempre para transportá-lo, pegando-o no colo, e em seguida tranquei o veículo. Ia deixá-lo dentro da casa da minha irmã e depois voltaria para pegar as coisas dele no carro, pois, provavelmente, ele estaria com sede após a pequena viagem.

Aproximei-me da casa, porém não precisei tocar a campainha, minha irmã estava na porta e veio em minha direção. Segurei Toby com um braço e deixei que ela abraçasse minha cintura por um lado e plantasse um beijo na minha bochecha, que retribuí.

— Vim te receber assim que ouvi um barulho de um carro estacionando na porta. Nossa, parece que faz meses que não te vejo, mesmo que eu tenha encontrado com você na semana passada. Estava morrendo de saudades. — Olhou para mim com seus olhos cor de mel, analisando-me. — Você me parece cansada.

— Muito trabalho, só isso. — Suspirei.

— Humph — resmungou, fazendo um aceno para que eu entrasse e deixasse Toby no chão. — Acho que esse seu chefe vai te colocar louca.

— Faz parte do trabalho. — Sorri amarelo, dando de ombros. — Vou buscar as coisas dele no carro, meu bebê parece com sede.

— Tudo bem. Acho que você deixou um potinho aqui em casa, vou colocar água para ele enquanto isso.

— Okay, obrigada. — Dei um beijo na sua bochecha e fui até o carro.

Eu amava minha irmã Jane, mesmo com todas as diferenças entre nós, que não se limitavam aos aspectos físicos. Baixinha, com cabelos castanhos claros cortados curtos e dona de uma pele alva, ela tinha puxado a mamãe, enquanto eu ao nosso pai. Eu era a mais séria de nós duas, já Jane era um *party animal*. Ela era sempre o centro das atenções pelo seu bom humor e brincadeiras, enquanto eu era mais reservada. Minha irmã sempre dizia que eu trabalhava demais, que eu precisava relaxar, porém gostava do estilo de vida que levava.

Peguei tudo dentro do carro e caminhei de volta para a casa, deixando as coisas de Toby em cima da mesa de jantar.

— Oi, Mady — Michael me cumprimentou da cozinha, que era em conceito aberto, com um aceno enquanto ele mexia em uma das panelas.

Michael e Jane se casaram há cerca de um ano e pareciam muito felizes juntos, embora ele fosse anos mais velho do que ela. Confesso que achava eles tão lindos juntos, que se complementavam de uma maneira incrível. Ficava muito feliz por minha irmã ter encontrado uma pessoa boa, depois de tantos relacionamentos desastrosos. E esperava que, um dia, pudesse viver algo assim também.

— Que cheiro delicioso. O que teremos para hoje?

— Bife Wellington e nhoque. Só estou terminando de cozinhá-los para fazer o molho. Daqui uma hora deve estar pronto.

— Perfeito, cozinheiro da família — brinquei, e ele sorriu.

— Se sua irmã te ouvir...

— Estou aqui, viu? — Fingiu brigar, e a vi de joelhos, atrás de um balcão, colocando água para Toby.

Rimos ainda mais.

— Você é a *chef* aqui — Michael deu de ombros. — Nada vence sua torta de maçã, nem mesmo a da minha mãe.

— Humph, vou fingir que acredito. — Levantou-se e deu um beijo estalado na bochecha dele, depois se sentou em um dos banquinhos que ficava na ilha. — Senta aqui comigo, Mady, e me conte essa história de viajar a trabalho.

Dei de ombros e sentei-me em um banco ao lado dela.

— Nada demais, é uma viagem a trabalho. Vamos à Ilha *Pumpkin* para certificar aos acionistas que será um bom investimento.

— Sei. — Revirou os olhos. — Um lugar paradisíaco, um homem gostoso...

— Jane! — gritei, enrubescendo. — Ele é meu chefe!

— Tsc. Tsc. Tsc. Que mal tem?

— Michael, me ajude.

— Isso é entre vocês, meninas, vou fingir que nem estou ouvindo o papo. — Riu.

— Grande amigo você é. — Ele deu de ombros.

— Jane, você sabe o quanto o meu emprego é importante para mim.

— Ah, irmã, pelo que me conta, ele te cobre de mimos. Está na cara que ele quer ter algo com você. — Fez uma careta para mim. — Que homem faz isso hoje em dia?

— Eu? — Michael interveio e Jane mandou um beijo para ele.

— Claro, amor. Mas voltando ao assunto, qual o problema, Mady? Você está solteira, acho que você poderia aproveitar...

— Jane, estou ferida e não sei se seria uma boa ideia. Não quero perder toda a confiança que ele depositou em mim por causa de sexo. Você sabe o quanto me sinto bem em poder dar os meus pitacos na empresa.

— Entendo, querida. — Passou um braço em torno dos meus ombros. — Só foi uma ideia maluca da sua irmã. Sabe como ela quer te ver feliz

depois do término com Robert, né?

— Sei, e é por isso que te amo. — Sorri e dei um beijo nela.

— Então, quando você volta?

— Para ser sincera, não sei. Dessa vez, Phill não me contou quanto tempo pretende ficar lá. Tive até problemas para agendar um hotel, pois não sabia quanto tempo ficaríamos lá.

— Hummm... promissor... — Olhou-me, maliciosa.

— Jane! Não começa...

— *Tá bom, tá bom.* — Suspirou. — Então tem a possibilidade de você passar o Natal ou Ano Novo com ele?

— Para ser sincera, Jane, nem tinha pensado muito nisso. Confesso que essa semana foi tão atribulada, fora que fim de ano é sempre uma correria danada.

— Entendo, querida. Perguntei porque papai e mamãe chegarão da viagem ao Brasil, e estava pensando em reunir todos aqui.

— Realmente seria uma pena não estar aqui para vê-los. Estou morrendo de saudades deles. Acho que não os vejo há mais de quatro meses.

— Também estou. — Suspirou. — Mas, pelo menos, você vai estar em boa companhia — disse, depois de muito tempo, sorrindo, abobada. — E quente por sinal.

— Jane, você não tem jeito mesmo. — Balancei a cabeça e dei um tapinha no seu braço.

— Eu sei, eu sei. Mas eu aproveitaria do senhor Gostosão, que dá sinais de que está louco por você. — Deu de ombros. — Mas, aqui, você já sabe das fofocas quentes de família? — mudou de assunto, coisa que apreciei de bom grado.

Jane sabia ser terrível quando queria e quando ela tinha uma opinião sobre algo, ela não mudava por nada.

— Não, conte-me tudo.

Depois de me contar os últimos *babados*, almoçamos e, como sempre, tudo estava extremamente saboroso, tanto que tive que repetir. Passamos uma tarde tranquila vendo filmes, conversando e, até mesmo, falando mal de alguns parentes chatos. Já estava de noite quando decidi partir, pois ainda tinha algumas coisas para resolver. Me despedi de Michael primeiro e Jane me acompanhou até o carro.

— Me liga todos os dias? — Jane pediu.

— Sim, mas se não conseguir, te envio um áudio explicando ou mensagem.

— Se tiver notícias quentes, quero saber em primeira mão.

— Jane... — Gesticulei, exasperada.

— Tá bom. Você vai ficar bem?

— Ficarei sim, tenho certeza, não tem nada demais em viagens de negócios.

— Sei. — Me olhou desconfiada. — Te mandarei foto desse garotão aqui. — Apontou para Toby que nos seguiu até o carro. — Pode ir tranquila, cuidarei dele como se fosse meu filho.

— Não confiaria ele a mais ninguém. — Dei um abraço nela e ela deu um beijo no meu rosto.

— Me envia uma mensagem antes do avião decolar?

— Pode deixar.

— Boa viagem, querida. Te amo.

— Também te amo. — Dei um último abraço nela e entrei no carro, acelerando-o logo a seguir.

Tinha afirmado para Jane que não tinha nada demais nessa viagem, porém uma parte de mim não tinha tanta certeza disso.



Madeline

Capítulo seis

Era pouco mais de oito da manhã quando tomei um táxi em direção ao Aeroporto John F. Kennedy, de onde partiria nosso voo, às onze. Embora a distância do meu bairro ao aeroporto não fosse relativamente grande, não contaria com a sorte frente ao caos que era o trânsito em Nova Iorque numa segunda-feira de manhã. Quando cheguei, passava de nove e meia, e o taxista ajudou-me a tirar minha mala pesada do carro e a colocá-la em um carrinho, junto com a minha frasqueira com objetos pessoais. Paguei o motorista e saí empurrando o carrinho em direção ao portão de embarque para voos internacionais, equilibrando minha bolsa pesada no meu ombro.

Como o voo era particular, eu não precisava fazer *check-in* em nenhuma companhia, só apresentar um documento com foto e passaporte para a Imigração. Confesso que o documento não estava em dia, mas ter um chefe rico e influente tinha suas vantagens. O que demoraria quinze dias úteis ou até um mês, ele conseguiu em menos de uma semana.

Sentei-me em uma mesinha de um café qualquer, deixando a bolsa sob

uma cadeira e o carrinho com a minha mala próximo a mim. Uma atendente logo me entregou o cardápio, e, como estava um pouco nervosa, pois não era totalmente apaixonada pelo transporte aéreo e o voo duraria um pouco mais de vinte e quatro horas, optei por um chocolate quente duplo e um belo pedaço de bolo de chocolate. Me arrependeria depois, mas, no momento, eu precisava daquilo.

Assim que a atendente anotou meu pedido e saiu, peguei meu celular na bolsa lotada de coisas e mandei uma mensagem para Phill, pois tínhamos combinado de nos encontrar antes de embarcarmos.

Mady

Estou no NY Coffee :)

Phillips

Okay, estou indo para aí.

Enviei uma mensagem para Jane avisando que tinha chegado certinho no aeroporto e que em breve estaria embarcando, e guardei o aparelho de qualquer jeito. Poucos minutos depois, a garçonete apareceu com meu bolo e o chocolate quente, colocando tudo em cima da mesa.

— Aqui está, senhora, bom apetite. — Sorriu, e eu retribuí.

— Obrigada. — Curvou-se e saiu.

Beberiquei o chocolate, que estava simplesmente divino e encorpado, e peguei o garfo sobre a mesa para pegar um pedaço do bolo, que parecia um vulcão de ganache. Assim que eu ia colocar uma garfada na boca, a visão de Phillips me fez parar com o talher na mão. A figura alta, de ombros largos e cabelos negros, sempre se destacou entre as pessoas. Não podia negar que ele era um homem lindo e sensual, que deixaria qualquer um babando, seja mulher ou homem. Porém, vestindo um terno azul-claro bem cortado e feito sob medida, que ressaltavam seu corpo definido, com o colarinho da camisa branca aberto, deixando à mostra os pelos finos do seu peitoral, caminhando em direção a mesa onde estava sentada, com passos lentos e felinos, enquanto empurrava sua mala, fez com que eu perdesse o fôlego e que um calor indesejado surgisse no centro da minha feminilidade, se espalhando por todo meu corpo.

Não conseguia controlar meu olhar, que varria o seu corpo inteiro, devorando-o. Até mesmo o volume no meio das suas pernas, apertado pela calça justa, passou pelo meu escrutínio.

Foi instintivo apertar minha perna uma na outra com o desejo que me consumiu, pois o olhar que ele me lançou parecia o de uma fera faminta, que me faria seu prato principal, a qualquer momento.

Respirei fundo, tentando me acalmar, sacudindo a cabeça. Era um absurdo sentir-me assim pelo meu chefe. *Seja profissional, Madeline!*

Ele aproximou-se da mesa, sentando-se à minha frente. Felizmente, eu parecia um pouco mais recomposta, embora o brilho nos olhos verdes escuros dele me dissessem uma coisa bem diferente.

— Oi, Mady. Tudo bem com você? — Me deu um sorriso que deixou minhas pernas um pouco moles. *Céus... O que está acontecendo comigo?* Não deveria ter escutado as ladainhas da minha irmã. Estou ficando nervosa e excitada perto dele e tendo pensamentos que não deveria pelo meu chefe. Isso não prometia nada de bom para a minha carreira.

— Oi, Phill. — Pigarreei, fazendo ele arquear uma sobrancelha. — Estou bem e você? Conseguiu dormir na noite passada? Sei que você tem sofrido de insônia.

— Estou bem. Bastante cansado, fiquei até tarde lendo alguns relatórios. — Passou a mão pela barba que crescia, que deixava seu rosto másculo e quadrado ainda mais sexy.

— Que pena. — Aproximei minha mão da dele que estava em cima da mesa a fim de tocá-la, porém recuei. Sei que ele percebeu o movimento, mas não disse nada. Um clima desconfortável surgiu entre nós.

O que estou fazendo?, pensei enquanto passava a mão pelos meus cabelos, ajeitando-o para trás.

— Bolo de chocolate e chocolate quente a essa hora, Mady? Você sempre me surpreende — brincou, com seus olhos verdes brilhando em diversão.

Isso fez com que olhasse para a mesa e me lembrasse do meu pedido. Peguei o garfo, que nem me lembrava de ter soltado, e provei do bolo. Uma

explosão de chocolate derreteu na minha língua e emiti um gemido mais alto do que eu gostaria.

Um brilho cintilou nos olhos dele, que estavam fixos em mim, e ele umedeceu os lábios, fazendo com que eu ficasse ainda mais vermelha com o calor e as promessas que continham nos seus gestos. Fiquei momentaneamente sem reação.

Para minha sorte, a garçonete nos interrompeu, colocando o cardápio na frente de Phill. Ele correu o olho por todo o menu e, sem olhar para ela, fez seu pedido.

— Uma água com gás com gelo, por favor.

— Claro. — Pegou o cardápio, e minutos depois voltou com a água, deixando-nos novamente a sós.

— Você sabe como fico tensa quando entro em um avião. E ficar mais de um dia dentro de um, não é uma perspectiva que eu ame — eu disse, depois de dar mais algumas garfadas no meu bolo e bebericar meu chocolate quente, que começava a ficar frio.

— Sei, mas não precisa se preocupar, estarei com você — piscou.

— É inevitável, embora não entenda. Sempre tive medo, desde pequena, e confesso que a decolagem e a aterrissagem são os piores momentos.

— Sei como é, mas, no meu caso, tenho problemas com barcos. Fico enjoado só de pensar. — Gargalhou, me fazendo rir também.

Antes que eu tivesse tempo de reagir, Phill pegou meu garfo e roubou um pedaço do meu bolo, colocando-o na boca, mastigando devagar.

— Humm...

— Ei! Por que não pediu um para você?

— Porque não temos mais tempo — olhou para o relógio no pulso, pegou a carteira do bolso e jogou algumas notas na mesa —, vamos, Mady, senão vamos nos atrasar.

— Não precisava pagar — falei, levantando-me também.

— Não é nada. — Deu de ombros, indiferente.

Aproximou-se de mim e levou o polegar próximo aos meus lábios, roçando minha pele com a ponta do dedo, levando-o depois a sua própria boca. O movimento fez minhas pernas ficarem bambas, e tive que me segurar na cadeira para não cair.

— Estava sujo de chocolate. — Se afastou de mim, deixando-me mole de desejo, algo que não deveria sentir.

Bem consciente no que causava em mim, pegou sua mala, a colocou no meu carrinho e começou a se afastar, como se isso não o afetasse em nada.

— Você não vem, Mady? — Virou para mim e pude ver a fome no seu olhar.

— Si... Sim. — Peguei minha bolsa e forcei-me a segui-lo, mesmo não confiando que minhas pernas pudessem me sustentar.

Eu teria que ter muita força de vontade para sobreviver a essa viagem.



Phillips

Capítulo sete

Depois de mostrarmos nossos documentos e passaportes no setor de Imigração, caminhamos em direção ao meu jato particular, que já nos esperava no portão a ele destinado, bastante consciente de Mady atrás de mim.

Não era minha intenção forçar a barra com ela, sabia que tinha que ser mais cauteloso para tê-la em minha cama pelo resto da vida, mas o gemido involuntário que ela soltou foi uma descarga elétrica que perpassou todo meu corpo e incidiu diretamente no meu pau. Tive que fazer um enorme esforço para conter a ereção que surgiu instantaneamente. Por sorte, uma mesa tampava minha calça e escondia o volume que se formou na minha braguilha. Tinha certeza que Mady sabia que eu a desejava, mas deixá-la ver-me assim, em pleno espaço público, agindo feito um adolescente que não sabia se controlar, era demais até para mim. Eu era um homem reservado, e preferia que ela visse, ou melhor, *sentisse* o meu descontrole quando estivéssemos sozinhos.

Porém, foi impossível controlar a minha mão para não a tocar e limpar a pequena manchinha de chocolate que lhe sujava o rosto, próximo ao lábio, daquela boca que não via a hora de prová-la.

Assim que me aproximei da aeronave, um funcionário jovem ocupou-se com as malas e o meu piloto de confiança, Joseph, que me esperava na porta do avião, veio me saudar, estendendo-me a mão, seguido do comissário de bordo e o co-piloto.

— É sempre bom tê-lo a bordo, senhor Brown. — Esse era o sobrenome que tinha herdado da minha mãe, já que o nome do meu pai não constava na minha certidão.

— Obrigado — maneei a cabeça —, qual a previsão de duração da nossa viagem?

— De acordo com o plano de voo, é estimada por volta de vinte e seis horas, com uma parada no Aeroporto Internacional de Xangai, para abastecer.

— Ótimo. — Contava com esse tempo a sós com Mady para conhecê-la ainda melhor, e quem sabe, dar mais um passo no meu jogo de sedução.

— Senhorita Jameson, que ótimo ter a sua companhia novamente. — Sorriu maliciosamente para ela quando Mady parou ao meu lado, e seu olhar percorreu todo o corpo dela, centrando-se no decote pronunciado.

Cerrei os dentes, irritado. Se Joseph não fosse um bom piloto, já teria me livrado dele há muito tempo. Mady era uma mulher muito gostosa, e se eu quisesse ter algo sério com ela, o que eu mais queria no mundo, teria que controlar minhas crises de ciúme. Porém, a minha vontade era de envolver meu braço na sua cintura e puxá-la para próximo do meu corpo, demonstrando que ela já estava acompanhada, contudo Madeline acharia que eu era tão babaca quanto Joseph.

— Olá — cumprimentou, sem graça, não dando um mínimo de atenção ao piloto, que pareceu decepcionado. Ele olhou para o relógio de pulso e tentou disfarçar.

— Bom, deixe eu começar os preparativos — disse, constrangido. — Venha, Mike. — Pediu licença e se fechou na cabine.

— Bem-vindos a bordo. — O outro homem fez uma pequena

reverência. — Sou o comissário Ferdinando Suárez e estarei à disposição dos senhores. Se quiserem, já podem se acomodar e se prepararem para o voo, que partirá em vinte minutos.

— Obrigada, Suárez. Verifique se todas as nossas malas já estão no compartimento de carga com o funcionário. Vamos nos sentar, Mady? — Virei-me para ela, que apenas assentiu.

Deixei que ela fosse na frente, como o bom cavalheiro que era, e observei suas nádegas redondas e empinadas, percebendo que o tecido deixava marcada a pequena calcinha que ela usava.

— Porra, Mady! — gemi, baixinho.

— Falou alguma coisa? — Virou-se para mim, me encarando.

— Não, não. Foi só um pensamento alto — menti. — Pode continuar.

Ela arqueou a sobrancelha bem desenhada, porém não disse nada, continuando a caminhar em direção ao assento de couro cor creme, acomodando-se nele. Pegou seu celular e pareceu digitar algo. Provavelmente era uma mensagem para sua irmã. As duas eram muito unidas e eu admirava a proximidade entre elas, e esperava que isso durasse para sempre.

Suspirei fundo e caminhei em direção a minha poltrona, sentando-me de frente para ela, deixando a do lado dela livre, e fiquei encarando seus olhos castanhos.

— Você quer alguma coisa antes de decolar, Mady?

Balançou a cabeça em negativa e guardou o celular na bolsa.

— Estou bem assim. — Olhou pela janela do avião e ficou em um silêncio nervoso, quando as turbinas do jato começaram a rugir com maior intensidade.

Não demorou muito e Ferdinando retornou ao avião, fechando a porta e se posicionando próximo a cabine, atraindo a atenção de Mady.

— Peço a todos que afivalem o cinto e mantenham sua poltrona na vertical. Daqui alguns minutos, o jato estará pronto para decolar. — Assim que se pronunciou, foi até o espaço que era reservado para ele. O jato não era muito grande, porém tinha um banheiro confortável, com espaço suficiente

para permitir a pessoa se mover facilmente dentro dele, e estava equipado com uma pequena cozinha e um quarto com duas camas, além de oferecer *wifi* e televisão, uma mesa para refeições, as poltronas em que estávamos e mais quatro lugares.

Continuei olhando para Mady, que pareceu ainda mais tensa quando o avião começou a taxiar, preparando para a decolagem.

— Me dê suas mãos — pedi, fazendo ela olhar diretamente para mim.

— O quê?!

— Me dê as suas mãos. Você está tensa e pálida. — Olhei ternamente para ela. — Não tem com o que se preocupar, Mady.

Hesitou um pouco, mas acredito que o medo que vi em seus olhos fez com que ela aproximasse as mãos das minhas. Estavam frias e suadas, mas as segurei e comecei a massageá-las a fim de acalmá-la.

— Estou aqui, Mady. Confie em mim.

— Eu sei... — Suspirou, nervosa, enquanto eu continuava com os movimentos.

Ela pareceu se acalmar um pouco, mas quando o avião começou a subida, ela apertou a minha mão com força.

Foi só a aeronave se estabilizar no ar que ela relaxou, porém não soltou as minhas mãos, e seu olhar continuou fixado no meu.

— Obrigada por isso, Phill.

— Não tem de quê, Mady.

Não me contive e levei uma das suas mãos pequenas aos lábios, plantando um leve beijo no dorso, fazendo com que ela ficasse rubra de surpresa, mas soltei-a logo depois. Como eu amava ver essa cor rosada tomar conta da sua face.

— Deseja uma água, Mady?

Balançou a cabeça em afirmativa. Esperei que Ferdinando aparecesse para pedir, e comecei a distraí-la, contando algumas coisas que tinha aprendido com Jhonson.



Madeline

Capítulo oito

Algo tinha amolecido dentro de mim quando Phillips segurou minhas mãos durante a decolagem. O olhar terno fixado ao meu e os movimentos carinhosos enquanto massageava as minhas mãos, buscando me acalmar, me tocou de uma maneira que não sabia decifrar. Sabia que ele me valorizava e gostava de ouvir minhas opiniões, até mesmo me desejava, mas sentir esse carinho todo me desconcertou.

Foi inegável não compará-lo com o Robert, um dos poucos namorados que eu tive na vida, mesmo que isso fosse uma coisa horrível de se fazer. Depois de ter quebrado minha cara com meu ex, pude enxergar quem ele realmente era. Pensei que estava apaixonado por mim, porém ele nunca foi capaz de um gesto de carinho sem pedir algo em troca, como o sexo. Talvez meu relacionamento estivesse fadado ao fracasso desde o início, como minha irmã disse. Eu que não quis ver isso, cega pela ilusão.

Phillips, mesmo sendo meu chefe e não tendo nenhuma obrigação de me agradar, sempre buscava me mimar com pequenas coisas. E o modo como ele me consolou e cuidou de mim hoje, me fez me sentir querida.

Não sei quanto tempo ficamos conversando. Para me distrair, ele me contou que o gerente do departamento de *marketing*, que até alguns meses atrás fazia um bom trabalho, por conta de um processo de divórcio que estava enfrentando, começou a deixar a equipe fazer o que quisesse, sem supervisão, o que estava causando sérios problemas no setor. Depois, passou a falar sobre várias coisas do seu passado, que, embora tenha sido de bastante privação, teve muitos momentos felizes com a avó que ele tanto amava, além dos momentos de aprendizagem que ele teve com Jhonson. Gostava quando ele me falava do seu passado, pois isso fazia com que eu admirasse ainda mais o homem que saiu do nada e se tornou, com a ajuda dessas pessoas que citou, um homem íntegro e poderoso.

E uma coisa era inegável, Phill era muito bom em me distrair e em me fazer sorrir. Estava bem mais relaxada e menos tensa por estar nas alturas.

— Mady? — chamou-me, fazendo com que eu saísse dos meus devaneios com ele.

— Sim?!

Ainda estávamos sentados em nossas poltronas, mas em algum momento que não sei identificar, retirei os meus saltos altos e encolhi as pernas no assento, e ele tirou o terno, pousando-o no lugar ao lado dele, e enrolou sua camisa até os antebraços, deixando os pelos negros e espessos a mostra. Nunca tinha reparado na musculatura firme e bronzeada dos seus braços, e o pensamento deles me envolvendo e puxando-me contra o seu corpo firme, rígido e excitado fez com que um calor indesejável se espalhasse por todos os poros da minha pele, arrepiando-me.

— Você ouviu alguma coisa do que eu disse? — Deu um sorriso bastante safado, como se soubesse aquilo que eu estava pensando. Talvez eu estivesse olhando muito fixamente para ele, ou deixado evidente em meu olhar. De repente, minha boca ficou seca e passei a ponta da língua pelos lábios, umedecendo-os.

— Mady... — gemeu, quase inaudível.

— Sim? — pigarreei, ficando vermelha. — O que você estava dizendo?

Ele ficou em silêncio por alguns minutos, sem tirar os olhos dos meus, mas acabou falando: — Já deve ter passado e muito da hora do almoço. Confesso que eu estou faminto — sussurrou, deixando explícito o que ele queria dizer.

— Claro, o que tem para comer? — Ignorei a duplicidade de suas palavras, buscando meu autocontrole. Estava tão entretida pela sua conversa que esqueci da hora. Também estava com fome e decidi que, após a refeição, poderia usar esse tempo para trabalhar. Ainda tinha deixado algumas coisas pendentes e gostaria de resolver o quanto antes.

Esse sonhar acordada com meu chefe tem que acabar, e logo.

— Não sei — deu de ombros, mais recomposto —, vou chamar o Ferdinando.

Apertou o botão que ficava na poltrona, e o comissário apareceu logo depois.

— O que deseja, senhor? — Fez uma leve mesura.

— Pode servir o almoço, por favor? E também um vinho tinto, para acompanhar o que quer que seja servido.

— Claro.

Levantamos e caminhamos com um pouco de dificuldade, pelo movimento do avião, até a mesa para refeições que tinha no jato, esperando que Ferdinando trouxesse a nosso almoço, que consistia em uma salada *ceasar* e um *steak* com purê de batata, e o vinho. Confesso que não gostava de beber, mesmo que acompanhado de uma refeição, quando estava a trabalho, porém não recusei a taça que Phill serviu para mim.

— Um brinde a Ilha *Pumpkin* — brincou, batendo sua taça na minha.

— E que ela seja tudo aquilo que a gente espera, te rendendo bons lucros — gracejei, fazendo ele sorrir.

— Para nós.

Ignorei o comentário e beberiquei um pouco de vinho. Começamos a comer em um silêncio confortável, apreciando o líquido caro e rico, embora a comida não fosse das melhores, enquanto olhávamos um para o outro a todo momento. Assim que terminamos, Ferdinando apareceu para recolher os pratos, talheres e as taças, deixando-nos novamente a sós. Voltamos às nossas poltronas e peguei meu celular, verificando que tinha uma mensagem de Jane me desejando uma boa viagem, com uma foto do meu amado Toby deitado em um coquinho, e respondi com um monte de *emoticon* de coraçãozinho. Fazia menos de vinte e quatro horas que eu estava longe dele, mas parecia muito mais.

Guardei meu aparelho na bolsa e ficamos em silêncio por um tempo, até que decidi quebrá-lo.

— Quer trabalhar? Ainda tenho algumas coisas para resolver e...

— Não.

Franzi o cenho para ele, que me brindou com um sorriso que derreteu algo dentro de mim.

— Ainda não, nossa conversa estava tão boa... — disse com a voz rouca e aveludada, e olhou dentro dos meus olhos, de um modo que mexeria com o brio de qualquer um. Tive que me conter para que eu não estremecesse de excitação.

— E como vão seus pais e sua irmã Jane? — Phill puxou assunto ao perceber que atingiu o seu objetivo de embaralhar meus pensamentos. Respirei fundo, tentando focar em sua pergunta, e não no rebuliço que ele causava em mim.

— Estão muito bem, obrigada por perguntar — sorri. — Meus pais estão no Brasil, fazendo um *tour* pelo Nordeste do país. Pelo que eles me falaram, o lugar é bastante quente e paradisíaco, e as pessoas são muito solícitas. Não posso negar que fiquei com inveja deles por sair do frio de Nova Iorque por um tempo. — Fingi um tremor, fazendo ele rir.

— Estive no Brasil algumas vezes e realmente é bastante quente. Porém, infelizmente, não tive tanto tempo para visitar muitos locais.

— Uma pena.

Deu de ombros, não dando muita importância e, empolgada como estava, como sempre ficava quando alguém me perguntava dos meus familiares, continuei a falar: — Já Jane, está muito feliz ao lado de Michael. Confesso que, depois de tudo que ela passou na mão de homens cretinos, fico muito contente por ela ter o encontrado. Ele é um bom marido, sempre se preocupa com ela, além de mimá-la bastante. Você precisa ver. — Ri, deliciada ao me lembrar da felicidade da minha irmã.

Como Phillips me mima...

— Fico feliz por ela, Mady. Sei o quanto sua irmã é importante para você.

— Você não tem ideia. Eu amo meus pais, porém a ligação que tenho com Jane ultrapassa todos os limites. Sempre foi assim, desde que éramos pequenas. Não vejo a hora de pegar um dos meus sobrinhos no colo.

— Ela já está grávida? — perguntou, parecendo interessado no assunto.

— Não, não. Mas ela e Michael querem muito um filho, e confesso que eu também quero que ela tenha bebês, para alegrar a família. Eu adoro crianças e amaria poder brincar com meus sobrinhos. — Suspirei. — Nós duas sempre sonhamos em ser mães e fico muito contente que, em breve, Jane deve realizar o sonho dela, já eu não sei quando... — Parei quando percebi que estava falando demais, quase contando a ele sobre meu relacionamento desastroso com Robert. Com certeza, Phill não queria saber do meu fracasso como mulher.

Um brilho estranho cintilou em seus olhos e ele ficou esperando que eu completasse, porém eu não disse mais nada.

Ele se levantou da sua poltrona e aproximou-se da minha, tirando a bolsa que estava pousada no assento ao meu lado, colocando-a no chão. Olhei para ele, confusa, não entendendo o porquê dele vir se sentar ao meu lado.

Phillips passou as mãos pelos cabelos em um gesto que ele sempre fazia quando tinha algo sério para falar, me deixando, instantaneamente, nervosa e minhas palmas suando frio.

Ele levantou uma das mãos grandes e quentes, e segurou meu rosto

para que eu não desviasse o olhar do dele, o que me deixou ainda mais nervosa.

— Não existe jeito de dizer isso de outra maneira, Mady, mas eu sei o que aconteceu. — Suspirou, e parecia que sofria ao confessar.

Engoli em seco. Não. Não. Não. Não podia ser.

— Sa... Sabe? Sabe o quê?

— Da traição do bosta do Robert.

— Quê!? — gritei, me desvencilhando da sua mão, afastando-me do seu contato. Pânico varreu todo meu corpo, me paralisando

— Me desculpe... não tive a intenção de ouvir sua conversa no telefone, Mady... — Parecia culpado.

— Você o quê? — interrompi ele.

— Estava chegando da reunião e, quando ia entrar no escritório, te ouvi chorando e fiquei esperando até você desligar. — Passou a mão pelo cabelo novamente, nervoso.

— O quanto você ouviu? — Perguntei em um sussurro, trêmula, com a humilhação tomando conta de mim.

— Infelizmente, quase tudo. — Pegou minha mão esquerda e fez carinho nela, como se me confortasse.

Estava incrédula, sem reação.

Ele tinha ouvido cada frase minha, meu chefe tinha ouvido que eu tinha sido corna.

Não poderia estar me sentindo mais envergonhada e, ao lembrar de ter falado para Jane que Robert me considerava fria na cama e tinha contado isso para a amante siliconada dele, me fez sentir ainda pior.

Saber que Phill tinha também ouvido sobre minha possível frieza na cama fez com que lágrimas de tristeza e vexação escorressem pelo meu rosto. Não que fosse da conta dele, mas saber que meu chefe tinha escutado isso, me deixava mortificada.

— Meu Deus — sussurrei baixinho, aos prantos. Sempre fui durona e prezava pela minha imagem composta, porém pouco me importava isso nesse momento, já que meu chefe e amigo tinha ouvido aquelas coisas e pior, que eu era *cornã* e, talvez, ruim de cama. Não que eu pudesse culpá-lo por ele ter ouvido minha conversa no telefone, embora não fosse educado da parte dele. Estava no meu local de trabalho, não deveria ter ligado para Jane do escritório.

— Xiii... Não fique assim, Mady. — Continuou a fazer carinho na minha mão, e sua voz era suave e terna, cheia de compaixão.

— Eu... eu me sinto envergonhada por você ter ouvido tudo aquilo.

— Não se preocupe com isso, querida. — Apertou minha mão suavemente, passando confiança. — Pode parecer que não, mas sei o quanto tudo isso é difícil e como você deve estar chateada. Ter te ouvido chorar e ver seus olhos, que sempre estão radiantes, vermelhos de tanto chorar, depois de escutar sua conversa, isso me deixou arrasado e, ao mesmo tempo, furioso. E te ver fingindo que estava tudo bem e não poder fazer nada, foi como levar uma facada no peito.

Assenti fracamente, absorta na minha vergonha para ler nas entrelinhas o que tudo aquilo significava. Somente me preocupei em sentir o carinho que ele tinha por mim através de suas palavras de conforto.

— A culpa é toda daquele merda, ele te devia fidelidade e não te deu — disse suavemente. — Não valorizou a mulher que estava com ele.

— É. — Forcei um sorriso em agradecimento, porém mais lágrimas brotaram dos meus olhos. — Confesso que, depois do meu término, eu pensei muito em que foi que eu errei e no quanto fui boba e ingênua, no quanto fui idiota em não ter percebido antes. E o pior, em me sentir um lixo de mulher por isso — falei, baixinho.

Ele soltou a minha mão, girou o corpo e tomou meu rosto novamente entre seus dedos.

— Olhe para mim, Mady. — Forcei-me a olhar para ele e vi algo na sua expressão, mas estava muito frágil para decifrar. — Você não errou em nada, foi Robert quem pisou na bola. Você é uma mulher maravilhosa, linda, inteligente, amorosa e gentil. Existe um fogo em você que arde em tudo o que

você faz. Você tem paixão pelas coisas, pela sua vida e pelo seu trabalho, o que faz muitos admirá-la. Não sabe o quanto de *caras* por aí achariam que tiraram a sorte grande de ter alguém como você ao seu lado. E eu me incluo nisso.

As palavras dele me tiraram o ar. Não sabia que ele pensava tudo isso sobre mim, e isso fez com que mais lágrimas descessem pelo meu rosto.

— Eu, eu... não sei o que dizer... — falei, entre soluços.

Ele soltou o meu rosto e pousou um dedo sob meus lábios, brincando com o superior, fazendo com que uma corrente elétrica percorresse todos os meus membros em meio a tristeza, humilhação e cansaço que sentia.

— Não precisa dizer nada... — Tirou o dedo da minha boca e aproximou seu rosto da minha testa, dando-me ali um beijo carinhoso.

— Eu... obrigada...

Entregou-me um lenço que estava no bolso da sua calça, e eu limpei minhas lágrimas e assoei o nariz, jogando-o na lixeira entre os bancos. Provavelmente ele tinha muitos, e não tinha necessidade de lavá-los.

— Venha. — Girou minha parte inferior do corpo para ele, puxando-me em direção ao seu peito. Aninhou-me com um dos seus braços, enquanto com uma mão fazia carinho no topo da minha cabeça. O meu rosto ficou colado ao seu peitoral, que subia e descia em um ritmo tranquilo.

Com as palavras doces dele ecoando na minha mente e a ternura daquele gesto de proteção, mais algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto. Não sei quanto tempo fiquei aconchegada nos braços de Phill, sentindo o cheiro amadeirado do seu perfume que impregnava sua pele, com o calor gostoso que emanava pelo seu corpo contra o meu rosto, que me transmitia uma sensação de tranquilidade e algo mais que não poderia definir. Porém, nem me dei conta quando meus olhos se fecharam e eu fui sendo tomada pelo sono e cansaço.

Alojada ao peito musculoso, tive a impressão de que fui erguida e carregada por braços fortes, que pousaram o meu corpo com toda delicadeza em uma superfície plana, que deveria ser a cama, mas não dei importância...

Um resmungo saiu da minha garganta em meio ao sono.

Nunca pensei que ser aninhada pelos braços de meu chefe e receber seus carinhos poderia ser tão bom. Isso fez com que me sentisse em paz e feliz novamente.



Phillips

Capítulo nove

Quando Mady acordou, passamos o resto do voo trabalhando e conversando sobre questões que ficaram pendentes na empresa, fazendo pequenas pausas apenas para nos alimentar.

Eu tinha agido por impulso quando resolvi deixar os negócios em segundo plano e embarcar para a Austrália, sem pensar duas vezes e de última hora, embora tentasse me justificar dizendo que estava indo até a Ilha *Pumpkin* à trabalho, seguindo a sugestão dos acionistas de verificar com meus próprios olhos o estado dos edifícios que foram construídos. Além da reunião que teríamos em Sydney com o corretor imobiliário, já que estaríamos de passagem pelo país. Sabia que muita coisa iria se acumular no tempo em que eu e Mady estivéssemos fora e, para ser honesto, sabia que uma semana não seria o suficiente para deixar tudo organizado. Mady deveria ter surtado para arrumar o máximo de coisas possíveis, ainda mais que ela era bastante metódica. Outro aspecto que admirava em sua personalidade.

Não era do meu feitio deixar o trabalho de lado, não cheguei aonde

estou sendo impulsivo e desorganizado. Porém, permiti-me ser um pouco egoísta e pensar no meu prazer, pois fazia muitos anos que não tirava um tempo só para mim. Tinha deixado Miller temporariamente no comando da empresa, tinha confiança completa que ele poderia resolver boa parte dos problemas que poderiam surgir, e eu não estava exatamente de “férias” e nem completamente incomunicável. Além do mais, acreditava que aquele tempo longe de Nova Iorque não seria somente bom para mim, mas também para Mady.

E se meus planos dessem certo, o tempo que passaríamos em Sydney e na Ilha *Pumpkin* seria proveitoso para nós dois, sendo regado à muitas conversas, bons momentos juntos, e, se tudo corresse como planejava, com o melhor sexo que nós dois já tivemos na vida. Algo me dizia que aquela mulher acabaria com todas as minhas forças na cama, e eu não via a hora de poder testar minha teoria. A antecipação de tê-la ardia em mim, e perceber a mudança lenta e gradual dela para comigo, me dizia que ela não era totalmente imune a mim. Seu corpo, seus gestos e seu olhar me diziam tudo que eu precisava saber.

Sei que não deveria ter contado a Mady que eu tinha ouvido a conversa dela no telefone, porque ela poderia ter entendido as coisas de uma maneira muito ruim, e eu não a culparia por isso. Tinha sido inconveniente e, até mesmo, invasivo. Um canalha. Contar para ela o que ouvi e tocar na sua ferida recente foi uma coisa difícil de se fazer, pois sabia que ela acabaria ainda mais magoada e triste, principalmente, comigo.

Guardar aquele conhecimento e saber que Madeline estava sofrendo internamente, mesmo que sua fachada estivesse sempre impecável, me consumia a cada dia. Gostava mais dela do que acreditava ser possível, e me incomodava profundamente omitir algo de Mady. Eu precisava contar a ela o que eu sabia, mesmo correndo o risco de perdê-la e afastá-la de mim. Nunca escondi nada, nem mesmo sobre minha vida pessoal, e sabia que, se eu quisesse ter algo com ela, mesmo que fosse por apenas uma noite, eu teria que ser sincero. Sinceridade, para mim, era uma das bases de qualquer relacionamento. Não queria mentiras pairando sobre nós.

Ter contado para ela foi a melhor decisão. Mesmo que não fosse por um bom motivo, tê-la nos meus braços, aninhada ao meu peitoral, fez com que um calor gostoso espalhasse pelo meu corpo, e me fez desejar ficar assim

para sempre, que o momento nunca acabasse. No início, eu poderia ter desejado apenas sexo com a Mady, mas hoje eu queria muito mais dela. Queria uma vida que nunca ousei sonhar ter. Alguém que retribuiria, plenamente, os meus sentimentos e compartilharia todos os aspectos da vida comigo, sejam eles bons ou ruins...

Estava perdido em meus pensamentos quando Ferdinando apareceu, pedindo que nos sentássemos em nossas poltronas e colocássemos o cinto. Estávamos sentados a pequena mesa, trabalhando.

— Vamos pousar dentro de dez minutos. Espero que tenham feito uma boa viagem.

— Fizemos sim, obrigada — Mady respondeu, brindando-o com um sorriso brilhante que fez Ferdinando corar. Nem mesmo o comissário era capaz de resistir a beleza de Mady. Isso me gerou um pequeno desconforto, que ignorei.

Acenei com a cabeça e, como na decolagem, depois de me sentar e prender meu cinto, segurei as mãos de Mady entre as minhas, apertando-as gentilmente, fazendo com que ela me desse um olhar de gratidão.

— Sempre estarei com você, Mady, independente do que aconteça.

— Obrigada. — Apertou minha mão, e não disse mais nada.

Ficamos em silêncio até pousarmos no Aeroporto Internacional de Sydney e desembarcamos, por volta das quatro da manhã no horário local. O voo tinha tido um pequeno atraso na conexão em Shanghai, mas nada que fosse tão grave. O tempo estava ruim, e precisamos esperar um pouco para pousar e decolar. Estávamos exaustos da viagem prolongada, mesmo que tivéssemos dormido um pouco durante o voo. Era cansativo ficar preso em um mesmo lugar e não ter as comodidades de um quarto. Mas estava feliz por finalmente a próxima etapa do meu plano estar em andamento, e isso me deu uma grande satisfação. Finalmente estava na Austrália, país em que eu seduziria Mady.

Depois de cumprimentar o comissário, o piloto e o co-piloto pela viagem tranquila, esperamos que nossas bagagens fossem entregues e nos direcionamos para a fila de táxi, que diferentemente dos carros amarelos que encontrávamos em Nova Iorque, eram brancos. O motorista colocou as

bagagens no porta-malas e Mady sorriu para ele quando abriu a porta do passageiro para que ela entrasse, dando a volta no veículo.

— Boa noite — cumprimentou-nos com seu sotaque australiano anasalado, que pulava as letras. —. Aonde vamos?

— Para a *Hickson Rd* — Mady falou, e o motorista assentiu.

Não demorou muito e chegamos ao nosso destino. Confesso que estava acostumado a me acomodar em hotéis de luxo por todo o mundo, mas esse me surpreendeu pela suntuosidade da fachada de pedra em tom creme, com detalhes em ferro fundido pintado de preto, e pelo seu tamanho, o que poderia jogar por água abaixo todos os meus planos. Mady tinha falado que íamos nos hospedar no local e que tinha reservado dois quartos para nós, porém não tinha dado muita importância para o fato.

Depois de pagar o motorista e ter nossas malas levadas por um funcionário responsável pela recepção dos hóspedes, entramos no *lobby* e nos aproximamos do balcão para fazer o *check-in*.

— Boa noite, senhor e senhora. Em que posso ajudar? — uma mulher jovem, uniformizada e com os cabelos bem presos em um coque, nos cumprimentou.

— Temos duas reservas, uma em nome de Phillips Brown e outra na de Madeline Jameson.

— Documentos, por favor. — Eu e Mady demos os documentos a ela, que agradeceu.

— Só um momento, por favor. — Digitou algo no computador, acredito que nossos nomes, e olhou para os documentos por diversas vezes. — Encontrei uma reserva na suíte ópera em nome de Phillips Brown, porém não encontrei nenhuma reserva em nome de Madeline Jameson.

Franzi o cenho e vi Mady retesar o corpo.

— Bom, eu tinha feito a reserva de dois quartos, não estou ficando doida. — Pegou o celular de dentro da bolsa e começou a mexer nele, mostrando a tela para a recepcionista. — Aqui está o e-mail confirmando a minha reserva do quarto mais simples.

— Huuum, não sei o que aconteceu, senhora. Aguarde um momento, vou verificar o que houve com o gerente. Com licença. — Assentimos e ela se levantou, caminhando até uma portinha e entrando por ela.

— Isso nunca tinha acontecido antes — Mady falou quando ficamos sozinhos na recepção. Seu semblante estava pálido, e ela mexia as mãos em um gesto nervoso. Provavelmente, considerando uma falha profissional. Aproximei-me dela e coloquei minha mão em seu ombro.

— Relaxe, Mady. Coisas assim acontecem. — Tentei acalmá-la. — Tenho certeza que deve ter sido apenas um erro do sistema. O e-mail confirma a reserva feita.

Ela assentiu, porém não disse nada. Ficamos aguardando em um silêncio desconfortável, até que um homem alto e mais velho surgiu, acompanhado da recepcionista.

— Senhor Brown e Senhora Jameson — cumprimentou-nos com uma inclinação —, temo que houve um problema no *site* de reservas em que foi feita a solicitação e não foi passada essa informação para nós. Pedimos desculpas pelo transtorno.

Ergui uma sobrancelha para ele e Mady permaneceu estática, atônita. Vê-la assim, se martirizando por dentro por um erro que não foi dela, fez a raiva tomar conta das minhas veias.

— Isso não será um problema, não é? — ameacei-o em um tom autoritário, tomando as rédeas da situação. — Tenho certeza que vocês darão um quarto melhor para ela pelo inconveniente, já que o hotel é parceiro do *site* em que ela fez a reserva.

O homem balançou a cabeça e engoliu em seco.

— Temo que não, senhor. Pedimos desculpas, mas infelizmente não temos nenhum quarto disponível no momento.

Mady se encolheu ainda mais ao receber a notícia, fazendo-me perder a cabeça.

— O quê? — gritei e gesticulei, demonstrando o tamanho do hotel. — Como não? Olha o tamanho disso! Vocês vão se ver com meu advogado...

— Senhor, é final de ano e estamos lotados... — Cerrei os dentes e ele engoliu em seco novamente. — Posso dar a ela algumas diárias de cortesia quando ela voltar em outra ocasião...

— Isso não é o suficiente...

— Phill — sussurrou baixinho, pegando minha mão que estava rente ao corpo —, não precisa disso. Posso procurar um outro hotel, um até mais barato. Sei que você gosta que eu sempre fique por perto, mas posso procurar um próximo daqui.

— Não, isso não é certo. Olha só para você, Mady, mesmo que você tenha dormido durante o voo, seu cansaço é visível. A mudança de fuso-horário acaba com qualquer um.

— Bem, isso é verdade... — Suspirou. — Mas o que faremos?

— Sei que não é correto sugerir uma coisa dessas — o gerente pigarreou —, mas a suíte em que o senhor ficará é grande, poderiam dividi-la...

— O quê? — Mady arregalou tanto seus olhos castanhos, que pensei que iriam sair das órbitas. — Isso é um absurdo!

— Mas, senhora, o local pode receber uma família grande, mesmo que tenha apenas um quarto. Já tivemos muitas pessoas com crianças hospedadas na suíte ópera. — O gerente engoliu em seco, e vi gotas de suor escorrerem pelo seu rosto.

— O senhor não está entendendo — respirou fundo, tentando se controlar —, ele é meu chefe, não meu parente!

Confesso que a frase dela fez surgir uma pontinha de incômodo, mas ela tinha o seu quê de razão, a ideia era absurda, deliciosamente absurda. Eu deveria estar achando ruim, porém, como o canalha que eu estava me tornando, estava parabenizando a ideia do gerente.

Sabia que não faríamos nada esta noite, pois estávamos cansados, e ela precisaria de tempo para aceitar a ideia. Mas a possibilidade de tê-la perto de mim novamente, sentir a intimidade que compartilhamos no avião, fez com que eu ficasse eufórico e milhares de ideias surgissem em minha mente. Sem querer, o gerente tinha me dado uma oportunidade perfeita para ficarmos,

mais uma vez, à sós.

Parecia que o destino estava mexendo seus pauzinhos para nos juntar.

— Mas, senhora...

— Phill, o que faremos? — Voltei minha atenção para ela.

— Compartilhar comigo um quarto te incomoda, Mady?

— Não acho que seja certo. Sou sua secretária, não a sua am... — interrompeu-se, dando-se conta do que ia dizer. Arqueei as sobrancelhas, intimando-a a continuar, mas Mady se calou.

— Só iremos dormir, Mady. Estamos cansados, o dia está quase amanhecendo. — Estava sendo realmente um canalha, sabia disso, mas precisava tentar. — Quando descansarmos, podemos ver o que faremos.

— É errado. Não somos nada um do outro...

— Somos amigos, Mady — Suspirei fundo. — É o que temos para agora... — Doía saber que eu não era nada dela, porém tinha que conviver com isso...por enquanto.

Ficou em silêncio por alguns minutos. Entendia a batalha interna que ela estava travando, pois ia completamente contra sua ética de trabalho. Eu que, no que tangia a Madeline, não tinha nenhum escrúpulo.

— Tudo bem. — Acabou concordando. — Essa discussão me deixou ainda mais cansada e estou mesmo louca por um banho.

— Desculpe o transtorno, senhora. Faremos de tudo para compensar a sua estadia conosco.

Mady apenas concordou com a cabeça.

Depois de pedir que assinássemos um papel de entrada no hotel, entregou os nossos documentos e nos desejou uma boa estadia. Um carregador ia levar nossas malas para cima. A recepcionista nos entregou o cartão magnético que abria a suíte e indicou o andar onde ela ficava.

Subimos no elevador em silêncio e, ao chegarmos na suíte, adentramos a sala de estar, em tons cremes e terrosos, com grandes janelas de vidro que nos permitiram ver parte da baía de Sydney. Caminhamos até o

quarto, sem jeito, observando a cama ampla, que acomodaria duas pessoas confortavelmente. Estávamos tensos pela possibilidade, apesar de que eu achava que era por motivos diferentes.

— Vou tomar um banho — Mady, que estava sentada na cadeira da mesinha de canto, disse, depois que o carregador colocou nossas malas no quarto. — Estou precisando.

— Tudo bem, vou esperar na sala de estar. — Queria dar a ela mais privacidade. — Vou depois de você.

Apenas assentiu com a cabeça e foi até sua mala pegar suas coisas. Deixei o quarto sem dizer nada e sentei-me no sofá quando ouvi o barulho do chuveiro sendo ligado. Imagens com ela tomando banho sobrepujou qualquer cansaço que eu sentia, deixando-me em alerta. A imagem da água quente escorrendo pelo seu corpo nu esbelto testava todo meu autocontrole.

Não sei quanto tempo fiquei sonhando acordado com imagens eróticas de Mady nua, só sei que, como sempre, estava adorando cada uma delas.

— Phill — chamou-me, fazendo com que eu desse um pulo e virasse minha cabeça em direção a sua voz que vinha do corredor que levava ao quarto.

E quando fixei meus olhos nela, perdi o fôlego. Os cabelos negros e longos caíam pelas suas costas, deixando-a ainda mais linda, coroado por uma camisola vermelha de renda que moldava todas as suas curvas e deixava o topo dos seus seios à mostra. Seios que subiam e desciam rapidamente despontavam pelo decote, denunciando seu estado de espírito. Suas pernas torneadas e longas, que a camisola deixava descobertas, não pareciam ter fim. Eu já podia imaginá-las contornando minha cintura enquanto eu cravava meu pau nela com velocidade.

Minha boca secou com a imagem e foi impossível conter minha ereção, que pulsava insanamente dentro da minha cueca. Não me lembrava de ter tido uma tão grande assim.

Putá merda! Estava fodido.

— Eu... Eu... — Ficou vermelha de vergonha. — Só trouxe essa roupa para dormir, não esperava que teríamos que compartilhar o mesmo

quarto.

— Tudo bem, Mady — me forcei a dizer —, ninguém poderia prever isso.

— Okay.

— Bom, vou tomar um banho. — Levantei-me, tentando disfarçar minha ereção, porém, não devo ter sido bem-sucedido, tendo em vista o olhar brilhante que Mady me lançou.

Merda!

Caminhei em direção ao banheiro, me questionando se a ideia do gerente realmente tinha sido genial, como pensei em um primeiro momento. Despi-me das minhas roupas, entrando debaixo do chuveiro, deixando a água fria escorrer pelo meu corpo. Nem mesmo o contato com o gelado foi capaz de diminuir a ereção dolorosa que surgiu nas minhas pernas. Tinha que *acalmá-la* de outra forma, e usei a imagem de Madeline, vestida com aquela camisola vermelha rendada, como incentivo. Suas pernas longas abraçando o meu torso enquanto estocava para dentro dela, sentindo seus músculos internos me apertarem enquanto a tomava, com o tecido friccionando entre os novos corpos...

Passei as mãos pelo meu abdômen retesado e as aproximei do meu pau. Rodeando meu membro com os dedos, comecei a me movimentar para cima e para baixo, percorrendo toda a extensão lentamente, apertando-o com pressão em uma tentativa de imitar a contração da sua vagina. Quanto mais fantasiava com a ideia de enterrar-me em Madeline, mais aumentava a cadência, em uma busca desesperada pelo orgasmo. Estava cansado de buscar o êxtase dessa forma, porém era o que eu tinha no momento.

Quando a imagem dela revirando os olhos e rebolando com mais afinco no meu pau tomou a minha mente, foi impossível conter meus gemidos, que saiam cada vez mais altos pelos meus lábios. Esperava que o som da água escorrendo fosse suficiente para abafá-los um pouco. Porém, meu corpo perverso se deliciou com a possibilidade dela estar escutando, e isso agiu como um afrodisíaco em minhas veias, levando-me a um orgasmo que não me satisfazia como gostaria. Ainda estava duro e meu pau latejava de desejo. A punheta que bati para Mady não me ajudou como das últimas

vezes. Eu precisava me enfiar nela, e logo.

Suspirei fundo. Porra! Sobreviver a essa noite ao lado dela seria mais difícil do que eu imaginava.



Madeline

Capítulo dez

Phill estava deitado na cama com os braços cruzados debaixo da cabeça, parecendo relaxado, me observando caminhar até ele com passos lentos em direção a *king size*. Seus olhos verdes com pupilas dilatadas percorriam-me com apreciação, tomados pelo desejo e pela antecipação do que poderia acontecer. Isso fez com que os pelos do meu corpo se arrepiassem, sem ao menos ele me tocar.

Não podia negar que ser desejada dessa maneira era muito bom para o meu ego enquanto mulher. Fazia com que eu quisesse ainda mais satisfazê-lo de todas as formas possíveis, até que estivéssemos sem fôlego e forças, o que me agradaria, e muito.

Enquanto eu caminhava até ele, corri meu olhar pelo seu peito musculoso coberto de pelos negros. Eu estava doida para passar as mãos pelos fios, e, depois, lentamente, acariciar seu peitoral até o meio das suas pernas. Fixei ali o meu olhar em suas partes baixas e o que vi deixou meu corpo tremendo de desejo. Seu pênis, avolumado pela excitação, se

comprimia contra o moletom da calça e parecia pulsar freneticamente, me desejando, o que deixou a minha boca salivando com a possibilidade de tê-lo de diferentes formas. Principalmente dentro de mim, tomando-me com ardor e rapidez até me levar ao êxtase. Mal podia esperar para tê-lo dentro de mim, sentir a fricção das paredes internas do meu sexo no seu pênis.

Sentindo-me mais ousada pelo seu olhar de fome e pelo sorriso sacana que pairava nos lábios de Phil, ao chegar próximo a cama, segurei a barra da camisola de renda vermelha e puxei-a lentamente para cima, passando-a pela minha cabeça, ficando completamente nua. Isso fez com que ele engolisse em seco, provavelmente não esperava por essa minha atitude.

Me observou por longos minutos, apreciando cada parte do meu corpo, com seu olhar se fixando no meu monte de vênus. Ele me devorava por completo, fazendo com que o centro de minha feminilidade começasse a se umedecer. Passou a língua pelos seus lábios, e saiu da posição relaxada de antes, levantando-se e ajoelhando-se na cama. Puxou-me pela cintura em direção ao colchão, colando o meu corpo ao seu, fazendo com que nossas coxas e tórax se tocassem. O contato dos seus pelos com meus seios nus fez com que um calafrio gostoso me varresse. Sua pele bronzeada era quente contra a minha, e foi impossível não tocar os ombros com as minhas palmas, sentindo a musculatura firme com o meu tato.

Era muito bom ter sua pele contra a minha, mais do que poderia imaginar.

Suas mãos subiram da minha cintura em direção aos meus seios, roçando a lateral com suavidade, passando pelo meu pescoço até meu rosto, que segurou em concha entre seus dedos. Com seus olhos fixos nos meus, aproximou seu rosto e deu um beijinho na minha testa e na bochecha, antes de colar sua boca na minha.

O beijo começou suave, terno, um apenas roçar de lábios, como forma de reconhecimento. Logo se tornou mais urgente, e Phillips pediu passagem pelos meus lábios com a língua, adentrando minha boca e tomando-a, como se fosse um animal faminto. Ainda segurando meu rosto, Phill controlava o beijo, impondo o ritmo e ditando meus movimentos. Sua língua, vez ou outra, imitava o que tanto queria dentro de mim...

Sentir seu gosto e sabor superou cada uma das minhas expectativas,

fazendo-me arder ainda mais de desejo. Poderia passar a eternidade assim...

Nos beijamos até ficarmos sem fôlego, nossos peitos subindo e descendo rapidamente com a excitação que nos percorria. Soltando suas mãos do meu rosto, ele começou a descê-las lentamente pelo meu pescoço, ombros, chegando até meus seios, segurando-os por entre os dedos.

Parecia que meus seios tinham sido feitos do tamanho exato das suas mãos grandes, pois cabiam perfeitamente nelas. Roçou os polegares vagorosamente nos bicos, fazendo movimentos em círculos, deixando-os duros pelo desejo. Não contive o gemido que saiu da minha garganta, fazendo ele sorrir de satisfação por estar me dando prazer.

Enquanto continuava a brincar com meus mamilos, que pareciam cada vez mais inchados e pesados em suas mãos, abaixou a cabeça até meu pescoço deixando uma trilha de beijos pelo caminho, pousando seus lábios quentes na base da minha garganta, onde ele podia sentir a minha pulsação acelerada. Deixou uma leve mordidinha ali, fazendo com que eu arqueasse o corpo instintivamente para frente e o abraçasse pelos ombros enquanto ele continuava com seus movimentos. Finquei minhas unhas compridas nas suas costas quando ele deixou outra mordida na minha clavícula, não me importando se o tivesse machucado. Estava cada vez mais cega de prazer... cada vez mais úmida.

Com um movimento súbito e rápido, Phill tirou as mãos dos meus seios e me puxou novamente pela cintura, deitando-me de costas na cama e subindo em cima de mim. Nessa posição, podia sentir seu pênis longo e grosso pulsar e latejar contra minha vagina, fazendo com que eu comesse a me movimentar, instintivamente, buscando um alívio que sabia que não viria assim.

Ele balançou a cabeça em negativa e tomou novamente a minha boca, dessa vez para roubar todo o meu ar com apenas um beijo. Nossas línguas e corpos se enroscavam um no outro, na mais perfeita dança, deixando-nos ainda mais ávidos por mais. Ele findou o beijo e eu resmunguei em protesto, fazendo-o sorrir. Phill acomodou-se em cima de mim, deixando seu rosto na altura dos meus mamilos e aproximou sua boca de um dos bicos, dando um leve sopro, enquanto sua mão segurava o outro e o massageava, fazendo-me contorcer embaixo dele. Quando ele colocou o mamilo em sua boca e passou

a sugá-lo, pensei que não iria aguentar mais de prazer, e comecei a friccionar ainda mais meu ventre contra o dele.

Depois de brincar do mesmo modo com o outro mamilo, Phill começou a descer a boca pela minha barriga, passando a língua pelo meu umbigo, até chegar em meu monte, fazendo com que a antecipação do que ele iria fazer me tomasse por completo. Porém, diferente de tudo que eu poderia imaginar, ele abaixou a cabeça e inalou o cheiro da minha excitação, parecendo se deliciar com o fato de me deixar louca por ele. Ficou parado ali por um tempo, me observando com seus olhos verdes, vendo-me cheia de expectativa e a me contorcer de desejo. Sem nenhum aviso, enfiou um dedo em mim, passando-o levemente pelo meu clitóris e pelos meus grandes lábios, sentindo o quanto estava preparada para ele, deixando-me cada vez mais louca de desejo.

Pensei que ele iria me estimular com o indicador, porém ele o retirou de dentro de mim, fazendo-me resmungar em protesto. Quando ele colocou o dedo encharcado com a minha excitação na boca, sentindo meu gosto, foi mais do que eu poderia aguentar, e enfiei ainda mais as unhas nas costas dele, em um pedido silencioso de que ele me tomasse.

Não precisou que eu implorasse, pois Phill içou seu tronco e acomodou-se entre minhas pernas, roçando seu pau na minha entrada. Dando-me mais um beijo longo e profundo, enfiou em mim com um tranco, fazendo com que eu gemesse contra a sua boca ao sentir meus músculos internos em contato com a superfície rígida e quente do seu pênis. Os movimentos começaram lentos, elevando a nossa ânsia e prazer. Estava delicioso...

Passei minhas pernas em torno da sua cintura para que ele entrasse cada vez mais fundo dentro de mim, quando Phill aumentou ainda mais o ritmo. Parecia que eu não tinha o suficiente dele, queria cada vez mais rápido e mais fundo. Nossas pélvis se chocavam, os corpos se colidiam, as bocas tomavam uma a outra, com fome. Gemidos escapavam do fundo da nossa garganta. Podia sentir a onda de orgasmo crescendo cada vez mais em cada poro do meu corpo, e ela ficou ainda maior quando Phill adotou uma cadência frenética e insana.

Quando senti que estava quase sendo arrebatada pelo melhor orgasmo

que tive na vida, um barulho distante, parecendo com o apito de um navio, fez com que a imagem de Phill começasse a desfocar. Tentei apertar os olhos, porém a cena evaporou-se. A sensação de perda me tomou completamente.

Sonolenta e desnorteada, abri os olhos, percebendo que tinha sido apenas um sonho. Um que parecia tão verdadeiro que me deixou suada, ofegante e bastante molhada. Excitada. Apertei minhas pernas uma na outra, tentando conter a onda de desejo que tomou conta de mim.

Ai meu Deus, o que estava fazendo? Não podia desejar meu chefe. Era muito errado e antiprofissional. Isso poderia colocar toda minha carreira a perder...

Passei a mão pelo rosto, tentando afastar a sensação indesejada, quando um movimento ao meu lado fez com que eu desse um pulinho na cama com o susto. Felizmente, para minha sorte, ele ainda estava dormindo. Suspirei aliviada. Se não estivesse, tinha certeza que não teria onde enfiar a minha cara quando Phill olhasse para mim.

Me esqueci completamente que estava no mesmo quarto de hotel com Phillips, partilhando de sua cama. Tinha falado para ele que eu dormiria no sofá quando subíamos pelo elevador, mas Phill me convenceu de que a cama era grande o suficiente para que a dividíssemos, que não haveria mal algum dois *amigos* dividirem aquele espaço.

Porém, desde que chegamos à suíte, estávamos tensos, o que me incomodou um pouco, pois sempre nos sentíamos bem e confortáveis na companhia um do outro. E tudo tornou-se ainda mais estranho para nós dois quando ele me viu vestindo essa maldita camisola rendada.

Uma parte de mim se arrependeu de tê-la colocado no instante em que pisei no corredor que levava a sala de estar. Ela era provocante demais e bastante imprópria para a ocasião, ainda mais para usá-la na frente do seu chefe. Porém, meu lado devasso e feminino vibrou de excitação quando ele me olhou da cabeça aos pés com um desejo feroz, suprimindo todo o lado profissional.

Sempre soube que ele me desejava, mas ver a confirmação disso na ereção que comprimia sua calça quando ele se levantou fez com que eu engolissemos em seco com o desejo que me tomou, deixando-me de pernas

bambas. Precisei de todo meu autocontrole para não me jogar em seus braços e pedir que me fizesse sua, mas minha razão acabou vencendo. Nada de bom poderia vir disso.

Phillips não demorou muito no banho, me chamando logo depois para que fôssemos nos deitar. Quando chegou na sala, foi inevitável não admirar seu torso nu e o abdômen sarado cheio de gominhos, cobertos por pelos negros e suaves, que iam em direção ao cóis da calça e ao seu pênis, que parecia mais *comportado*, embora uma ereção ainda despontasse sob o tecido. Pensar em como ele poderia ter se aliviado fez com que um calor líquido varresse todo meu corpo, deixando-me em chamas. Imaginá-lo se masturbando enquanto pensava em mim me encheu de vontade de me entregar, permitindo que Phill desse vazão ao seu desejo, mas me contive, era sua secretária e tinha que agir como tal, embora, na maioria das vezes, nos comportássemos mais como amigos do que como duas pessoas com vínculos profissionais. Usávamos de formalidades apenas quando estávamos na frente de outras pessoas.

Em estado de excitação, pensei que demoraria a dormir, porém o sono veio mais rápido do que eu tinha imaginado.

E embora tenha dormido rapidamente, não sei precisar por quanto tempo. Quando despertei do meu sonho, parecia que eu tinha terminado de nadar em mar aberto na Baía de Sydney.

Tentando afastar esses pensamentos, levantei-me lentamente da cama para não acordá-lo e peguei meu celular, que estava no móvel de cabeceira, caminhando nas pontas dos pés pelo quarto indo até minha mala, para apanhar algumas roupas. Fechei a cortina com uma mão, pois o sol já estava a pino e forte no céu, e fui até o banheiro onde lavei meu rosto e sentei no vaso para olhar minhas mensagens. Tinha várias de Jane, além de uma linda foto do meu Toby deitado no sofá. Estava tão cansada quando cheguei, que acabei me esquecendo de mandar uma mensagem para ela informando que eu estava bem.

Jane:

Já chegou?

Como foi a viagem?

?

Mady:

Desculpe te responder só agora, Jane.

Estava tão cansada que não queria outra coisa que não fosse dormir.

A viagem foi boa, Jane, embora o meu chefe tenha me contado que sabia da traição de Robert.

Não sabia quanto tempo ela demoraria a me responder, nem me ative ao fuso-horário que nos separava, porém não demorou muito e Jane me ligou, sua voz soando um pouco nervosa.

— Como assim ele sabe? — sua voz saiu preocupada.

— Ele ouviu nossa conversa pelo telefone — falei o mais baixo que pude para não acordá-lo. — Você nem consegue imaginar o quanto me senti envergonhada. E para piorar, acabei caindo no choro.

— Eu consigo imaginar. Manter sua aparência profissional sempre foi muito importante para você. Sinto muito por isso.

— Sei que parte da culpa foi minha, por ter ligado para você do escritório.

— Besteira — bufou do outro lado da linha. — Você estava no seu horário de almoço e chateada. Ele que foi um bocadinho inconveniente.

— É, porém Phill foi tão carinhoso comigo, me aninhando nos seus braços, que nem me importei com isso.

— Sério? Ele fez isso?

— Sim.

— Ah, Mady, esse homem está tão derretido por você... — seu tom mudou do preocupado para o malicioso. — Se eu fosse você, aproveitava.

— Você não me ajuda em nada, sabia?

— Claro que ajudo. — Deu uma gargalhada alta e tive que afastar o telefone da orelha.

— Hoje mesmo tive um sonho que não devia com ele e foi tudo culpa sua — acusei-a.

Mais gargalhadas saíram do outro lado da linha.

— Ah, acho que ele não é o único caidinho por aí...

— Jane!

— Parei, sabe como eu me empolgo. Mas tirando isso, correu tudo bem no voo?

— O voo foi bom, porém aconteceu um problema no hotel e paramos no mesmo quarto.

— O quê?

— Teve um erro no sistema e eles acabaram não fazendo minha reserva. Como não tinha outra suíte e estava cansada demais para sair e procurar outro hotel, acabei aceitando a proposta de Phil de dividir o quarto com ele.

— Promissor — seu tom foi mais lascivo.

— Você não presta mesmo. — Ri. — Agora preciso desligar, vou tomar um banho e pedir algo para comer. Estou morrendo de fome e Phil também deve acordar faminto.

— Vai lá e me mantenha a par de tudo. Te amo, querida.

— Também te amo. Dê um beijo no Toby para mim.

— Pode deixar. Beijos.

Desliguei o telefone e olhei as horas no visor, constatando que já se passava das duas e meia da tarde, e coloquei o aparelho em cima da pia. Tirei minha camisola e fui direto para o banho. Não demorei muito debaixo da água. Vesti minha roupa mais profissional e caminhei de fininho pelo quarto em direção a sala de estar. Depois de fazer um pedido de uma refeição leve para nós dois, liguei meu *notebook* e afundei-me no trabalho.

Nada melhor do que trabalhar para afastar pensamentos e sonhos indesejados.



Phillips

Capítulo onze

Não sabia ao certo que horas eram, porém não conseguia me lembrar da última vez que tinha conseguido dormir por várias horas seguidas. Embora em um primeiro momento tenha me sentido tenso por compartilhar o mesmo espaço com a Mady — sabia o quanto ela estava desconfortável com isso —, o perfume que emanava dela, mesmo com ela na outra ponta da cama, fez com que a tensão se dissipasse aos poucos, e o sono me tomasse lentamente. Não podia negar que uma sensação boa tinha invadido todo meu corpo e, principalmente, meu peito, fazendo com que eu desejasse repetir a dose, não apenas uma única vez, mas várias. Para sempre. Só que ao invés da distância que separaram nossos corpos naquele dia, em um futuro próximo, desejava dormir e acordar com Mady aninhada em meus braços, completamente nua e saciada, depois de esgotarmos toda nossa energia ao fazermos o melhor sexo das nossas vidas. Tinha certeza que, a cada vez que fizéssemos sexo, ele se tornaria ainda melhor.

Balancei a cabeça e afastei esses pensamentos, que só me ajudariam a

ter uma ereção.

Abri os olhos, deparando-me com a escuridão do quarto, e rolei no colchão a fim de ver se Mady ainda dormia, porém o outro lado da cama estava vazio. Suspirei fundo e me levantei, ajeitando meu pênis na calça, já que costumava dormir sem cueca, e caminhei em direção ao banheiro da suíte. Feita minha higiene pessoal, fui até a sala de estar encontrando Mady, com os cabelos negros e longos caindo sob suas costas, parada na sacada observando o sol se pôr sobre a Baía de Sidney, contemplativa. Era impossível não ficar ali, admirando-a. Ela estava tão linda que fez uma emoção brotar dentro do meu peito, algo como amor. Sim, eu amava minha secretária, mesmo que eu tenha demorado algum tempo para reconhecer isso. A parte mais difícil seria convencer seu coração ferido de que eu estava sendo sincero, e que nunca mentiria ou a enganaria quanto a isso.

Encostei meu corpo no batente da porta de vidro, pousei uma mão no peito e fiquei a observando. Não sei quanto tempo tinha se passado, mas ela se virou e tomou um pequeno susto, não esperando que eu estivesse ali. Seu olhar varria meu corpo, fixando seu olhar no meu peitoral nu, mas ficou rubra ao ser pega no flagra.

— Oi.

— Oi, Mady. Já está acordada há muito tempo? — puxei assunto, me afastando da porta e caminhando até onde ela estava. Aproximei-me do guarda-corpo e pousei meus antebraços nele, virando meu rosto para ela.

— Sim, já faz algumas horas. Dormiu bem?

— Melhor impossível. Faz tempo que não dormia desse jeito, por várias horas seguidas. E você?

— Não muito — ficou mais vermelha e eu arqueei uma sobrancelha para ela —, mas está bom. Consegui trabalhar um pouco e resolvi algumas coisas que estavam pendentes — desconversou.

— Hum...

Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que ela retomou a conversa enquanto andava até a porta.

— Você está com fome? Assim que eu acordei, pedi algo para a gente

comer, mas já se passou um bom tempo. Quer que eu peça outra coisa?

— Para ser sincero, estou com bastante fome. Não precisa pedir mais nada, eu como assim mesmo, sabe o quanto eu não gosto de desperdiçar comida. — E de fato não gostava. Viver na pobreza com a minha avó me ensinou a valorizar cada grão e pedaço de alimento.

— Verdade, também não gosto.

A segui até a sala de estar. Ele se sentou em um sofá e eu me acomodei na mesa que ficava no canto da sala, onde um *cloche* de metal cobria meu prato. Retirei a tampa, revelando uma salada e um bife, e me pus a comer.

— Recebi algum e-mail importante hoje? — perguntei ao terminar de mastigar um pedaço do meu bife. Estava frio, porém o tempero estava ótimo.

— Os mais urgentes e que poderiam ser resolvidos pelo Miller, já encaminhei para ele. Tem um que você terá que dar uma olhada mais tarde, pois parece que o departamento de *marketing* confundiu os chalés e enviou a foto errada para o anúncio na revista *Marketing e Negócios*, na edição que saiu ontem.

— Que merda, eles não conseguem fazer nada certo. Como já foi publicado, duvido muito que consigamos fazer alguma coisa, porém preciso reformular a equipe urgentemente. Eles enviaram algo do projeto de *Ressurrection Bay*? Eles estão atrasados.

— Ainda não, Phill.

— Bosta, vai atrasar e muito a campanha. — Suspirei fundo, e coloquei mais uma garfada na boca, mastigando com lentidão. — Entre em contato com os recursos humanos e peça para efetuarem a demissão do chefe do departamento. Está mais do que na hora de nos livrarmos dele. — Assentiu.

— Pode deixar.

— Mais alguma coisa?

— O corretor da Ilha *Pumpkin* mandou um e-mail confirmando nossa reunião amanhã sobre os edifícios que estão indo a leilão.

— O que você acha, Mady?

— Para ser sincera eu não sei, teríamos que fazer uma pesquisa de mercado e ver se vale a pena. — Deu de ombros.

— É, tem razão. Mas quando Osborn, o corretor, me apresentou essa oportunidade, foi impossível não vir para cá e não agendar um horário para conversar e obter mais detalhes com ele, mesmo que a distância entre a cidade e a ilha seja enorme. Sabe como sou...

— Te conheço melhor do que ninguém. Vou confirmar com ele.

Ela começou a digitar algo no computador enquanto eu terminava minha refeição. Assim que finalizei, Mady ligou para o serviço de quarto para recolher a louça e me perguntou se eu queria mais alguma coisa, porém eu neguei.

Peguei meu celular em cima da mesa de cabeceira da cama e o meu *notebook* na mala, abri meu e-mail e me pus a resolver o problema do departamento de *marketing*, nem ao menos vi Mady saindo para tomar banho.

— O que vai querer para jantar? Já são quase oito. — Me tirou do transe, fazendo com que eu olhasse para ela. Para minha decepção, não estava usando a camisola rendada da noite anterior, mas sim uma *legging* e uma blusa soltinha. Não que ela não ficasse linda assim, mas daria de tudo para vê-la novamente com a camisola.

— Que tal torta de carne e vinho? — Fechei meu computador e me levantei do sofá, espreguiçando-me, fazendo meu corpo se contrair.

— Para mim parece ótimo. Ouvi dizer que é bem famosa por aqui.

— Vou tomar um banho enquanto você faz nosso pedido. Escolha alguma sobremesa para você. — Deu-me um sorriso que me aqueceu por inteiro. Sabia que ela adorava doces, e poder agradá-la, mesmo com uma coisa tão simples como aquela, fazia-me sentir o homem mais feliz do mundo.

— Nossa, estava doida para experimentar um *lamington*, um bolo mergulhado no chocolate e envolto no coco ralado, e uma fatia de caramelo crocante. Vi que o hotel serve os dois. — Seus olhos brilharam de entusiasmo.

Eu amava o fato de Mady não ser daquelas mulheres frescas com comida que viviam sempre de dieta, embora uma vez ela tenha me contado que herdou a genética da mãe de não engordar com facilidade. O que ela considerava uma benção, já que era uma *formiguinha* por doces e massas.

— Um de cada, então. — Pisquei para ela, que ruborizou ainda mais.

— Você quer alguma outra coisa? — sussurrou.

— Não. — Virei-me e andei até o corredor que levava ao quarto.

— Okay.

Tomei meu banho e depois me dediquei a aparar os pelos da minha barba. Fui para o quarto e vesti uma calça e uma camiseta de malha.

— Nossa, já chegou? — perguntei, quando vi Mady sentada na mesa, me esperando para comer.

— Sim, rápido né? Apesar que faz quase uma hora que você entrou para o chuveiro. — Riu, fazendo eu erguer uma sobrancelha para ela.

— Está me dizendo que eu gasto muita água?

Ela deu de ombros e gargalhou ainda mais com a piada ridícula que fiz, me fazendo rir também.

Sentei-me na mesa e destampeei o prato.

— Está com uma cara ótima, vamos ver se é tão boa quanto falam.

A torta, por sinal, era muito gostosa, e enquanto comíamos, conversávamos sobre algumas coisas que gostávamos, como filmes, séries e sobre o *New York Knicks*. Não sabia que compartilhávamos o gosto pelo basquete e acabei prometendo a ela que a levaria no próximo jogo quando voltássemos para casa. Assim que ela deu uma última garfada no *lamington*, depois de devorar a fatia de caramelo crocante, ela largou o talher na mesa.

— Gostou?

— Mais do que aprovado. Eu seria capaz de comer apenas isso durante a estadia — brincou. — Mas a minha glicose iria lá em cima.

— Você ainda poderá comer muitas vezes ainda, não tem com o que

se preocupar.

— Obrigada, Phill, por sempre tentar me agradar.

— De nada. — Dei de ombros. — É um prazer.

E o era, pois colocar um sorriso no rosto dela era meu maior agradecimento.

— Ainda é cedo, que tal ver um filme? — sugeri.

— Posso escolher?

— Claro.

— Saiu uma nova comédia romântica recentemente que estou louca para assistir. Tem problema para você?

— Não, eu até gosto de ver de vez em quando.

— Você, Phillips Brown, um amante das comédias românticas? — Riu, deliciada com o fato. — Acho isso encantador. Quem diria que por trás dessa pose de CEO implacável se esconde um homem romântico? — brincou.

— Ah, você ainda não viu nada. — Pisquei para Madeline e me levantei, indo até ela. Estendi a mão e Mady tomou a minha entre seus dedos, erguendo-se da cadeira com minha ajuda. — Agora vamos, antes que suas gracinhas me façam desistir.

— Chato. — Deu um soquinho no meu ombro, fazendo eu sorrir.

Como a televisão ficava no quarto, pegamos o *notebook* dela e fomos até lá. Enquanto ela conectava o serviço de *streaming* na televisão, sentei na cama, apoiando as costas na cabeceira, esperando o filme começar, e ela se acomodar.

— Pronto! — disse enquanto se ajeitava no seu lado da cama, se sentando distante de mim.

— Vem, Mady. Daqui você conseguirá ver melhor. — Dei uns tapinhas no colchão, convidando-a a se aproximar.

— Posso?

— Claro.

— Okay. — Engatinhou na cama, até se sentar ao meu lado.

Estávamos tão envolvidos vendo o filme, que nem nos demos conta do momento em que eu passei o braço em torno dela e ela apoiou a cabeça no meu peito. Porém, não importava, era muito bom estar com ela. Nunca pensei que ficar assim com Mady pudesse me deixar tão eufórico, feliz e em paz ao mesmo tempo, que me desse tamanha satisfação um gesto tão inocente como aquele.

Até parecíamos um desses casais de comédia romântica, igual ao que a gente assistia.



Madeline

Capítulo doze

Acordei com um braço em cima do meu tronco e uma respiração suave fazendo com que os fios do meu cabelo fizessem cócegas no meu nariz. Não podia negar que dormir assim era muito bom. O corpo grande e esguio de Phill proporcionava um calor gostoso que me fazia sentir cuidada e protegida, algo que nunca fui capaz de sentir com os homens com quem já tinha dormido.

Suspirei. Nutrir esses sentimentos pelo meu chefe não poderia ser mais errado, mas, ao mesmo tempo, parecia tão certo! Era como se meu corpo tivesse sido feito para os braços dele.

A noite de ontem foi, simplesmente, maravilhosa. Nunca pensei que poderia me sentir tão bem perto de um homem. Phill sempre fez de tudo para me agradar, porém, ao assistir uma comédia romântica comigo e me deixar aconchegar nele, acabou por quebrar algumas das barreiras impostas pela minha racionalidade. O gesto me fez desejar algo que nem sabia que poderia sentir. Algo bem mais forte e pungente do que já tinha sentido em toda minha

vida. Mas eu não podia alimentar essa ânsia, pelo contrário, tinha que sufocá-la o máximo possível. Não queria acabar estragando tudo ao me deixar levar pela impulsividade. Eu poderia sair dilacerada e sem a camaradagem que eu tinha com ele, o que tanto apreciava.

Maneei levemente a cabeça. Afastei-me dos braços dele e sentei-me na cama, passando a mão no rosto.

— Mady? — sua voz soou rouca, e olhou diretamente para mim.

Seus cabelos negros bagunçados e o olhar sonolento o tornavam ainda mais *sexy* e lindo. *Como seria acordar com ele todos os dias?*, reprimi o pensamento logo que ele surgiu na minha mente.

— Que horas são? — perguntou.

Peguei meu celular e verifiquei. Embora o quarto estivesse escuro pelas cortinas fechadas, o sol já tinha raiado.

— São dez para sete.

— Ainda temos muito tempo até o nosso encontro com o agente imobiliário. Venha, Mady — esticou o braço para mim —, volte a dormir. Estava tão bom.

Maneei a cabeça em negativa e ele se mexeu na cama, inquieto.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, claro que não.

— Então, por que você está assim, tão arredia? — Sentou-se em um rompante, parecendo sério.

— Isso não está certo.

— O quê, Mady?

Fiquei em silêncio buscando as melhores palavras para me expressar.

— Você é meu chefe, Phill.

— Mady — pegou minha mão —, eu nunca faria nada que você não quisesse. Sei que saí de um relacionamento recentemente e o quanto ainda está magoada e ferida. Não vou negar que sinto algo forte por você, algo que

não é passageiro — colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha —, e esperarei o tempo que for preciso. E se você não quiser nada comigo, mesmo assim quero que continue sendo meu braço direito e que nada mude entre nós. Eu preciso de você... — Levou minha mão aos lábios, plantando um beijo suave e terno, mas mantendo seu olhar no meu.

Fiquei sem palavras. Lágrimas de emoção, felicidade e algo que não sabia definir, escaparam dos meus olhos. Novamente, desmorenei na sua frente. Nunca nenhum homem tinha sido tão terno e romântico comigo.

Enquanto eu chorava, puxou-me para seus braços e eu não protestei, colando meu rosto ao seu peito, sentindo seu coração, que batia ritmado. Ficamos assim por um tempo, até que o sono me envolvesse novamente.



— Mady, acorda — sacudiu-me gentilmente —, se não vamos atrasar para o nosso encontro com o corretor.

— Hmm... — Remexi na cama, querendo dormir mais um pouco, e ele deu um beijinho na minha testa.

— Já são nove da manhã.

Levantei-me rapidamente pelo susto, passando a mão pela face, indo em direção a minha mala. Phill já usava uma calça jeans escura e uma blusa social de manga comprida, e um blazer caro e sob medida estava pendurado no encosto da cadeira. Estava impecável. Nem me lembrava de ter sentido ele sair da cama.

— Por que você não me acordou antes?

— Você parecia um anjo dormindo e não quis te acordar. — Deu de ombros.

— *Puff...* você sabe o quanto odeio estar atrasada — bufei enquanto pegava uma saia-lápis vermelha, uma blusa branca e um conjunto limpo de peças íntimas.

— Sei disso, senhorita eficiente — piscou para mim, quando passei por ele —, vou te esperar na sala de estar.

Tomei um banho rápido, passando o creme hidratante no corpo o mais rápido que pude e comecei a me vestir. Quando me olhei no espelho tomei um susto, meu cabelo estava todo embolado e desgrenhado e meu rosto amassado por dormir demais. Escovei-o, prendendo-o em um coque alto, e fiz uma maquiagem leve para o dia, e isso era o melhor que conseguiria em pouco tempo. Arrematei o visual com um brinco dourado longo, um presente dado por Jane no Natal passado.

Pegando meu celular e minha bolsa, caminhei até a sala de estar e vi Phillips mexendo no *notebook* enquanto me esperava.

— Vamos? — Ele levantou os olhos do computador e percorreu-os por todo meu corpo, fixando o olhar na minha saia.

— Uau, Mady. Está linda — disse, enquanto fechava o *notebook* e o colocava na sua pasta.

— Não tem nada demais. — Dei de ombros. — Pronto?

— Sim, vamos, antes que, realmente, nos atrasemos.

Assenti, concordando. Deixamos o hotel, indo em direção a nossa reunião, que seria em um café na *Surry Hills*, uma área conhecida pelas cafeterias elegantes e pelo cenário cultural que pulsava na região.



Confesso que ao entrar no taxi e ter Phillips sentado ao meu lado, me fez sentir um pouco nervosa, pois as palavras carinhosas dele começaram a ecoar na minha mente, como um mantra.

Não sabia como ficaríamos depois da declaração dele, mas esperava, do fundo do meu coração, que continuássemos a compartilhar a mesma camaradagem e as longas conversas. Sabia que eu sentia desejo por ele, pois aquele sonho erótico não me permitia negar, porém tinha medo de me deixar levar por ele, por mais que as palavras de Phill soassem verdadeiras.

Acreditava que, diferentemente de Robert, Phillips não me enganaria, contudo uma pontinha minha tinha medo de que tudo não passasse de mentiras, que era só para me levar para cama. Era uma boba por pensar isso do meu chefe e amigo, ainda mais que ele nunca tinha feito nada que quebrasse um pingô da minha confiança. Pelo contrário, parecia que a cada dia que passava, nossa relação se solidificava ainda mais.

Sabia que estava agindo como a covarde que eu sempre fora, em não dar vazão aos meus desejos com medo de exigir dele mais do que Phill poderia me dar. Afinal, eu era uma mulher solteira e poderia ir para cama com quem eu quisesse. Porém, eu precisava de mais tempo para refletir e enxergar a verdade que se esfregava bem debaixo do meu nariz, que acabaríamos na cama, independentemente se esse relacionamento tivesse futuro ou não.

Maneei a cabeça e tentei afastar esses pensamentos. Tinha que focar toda minha atenção na reunião que teríamos.

— Tudo bem, Mady? Você parece dispersa.

— Estou bem sim, obrigada. — Abri o melhor sorriso que eu podia e ele ergueu uma sobrancelha.

— Okay. — Parecia não acreditar nas minhas palavras, porém não disse mais nada.

Permanecemos em silêncio o resto do trajeto. Não chegamos tão atrasados como pensávamos que iríamos. Nos encontramos com o corretor na porta da cafeteria e, assim que o cumprimentamos, entramos, sendo encaminhados para uma mesa mais reservada. Pedimos um café preto e um prato de ovos com torradas, e nos colocamos a discutir sobre os edifícios que estavam indo a leilão.

Passamos o resto da manhã conversando sobre detalhes do empreendimento. Resolvemos ir a um restaurante nas redondezas para almoçarmos, e, em seguida, pegamos um táxi e nos dirigimos até a *Wolli Creek*, onde se localizavam os edifícios, e gastamos boa parte da tarde analisando tudo.

Confesso que durante a reunião fiquei bem reticente quanto ao potencial do negócio. Mesmo que em um primeiro momento parecesse que

seria bem lucrativo para Phill, pois, embora o bairro fosse antigo, os prédios ficavam apenas a dez quilômetros de distância do centro comercial de Sydney, o que poderia ser um diferencial, quando o corretor disse que foram tomados pelo governo, porque os antigos donos sonegaram impostos, fazendo com que estes fosse posto a leilão, isso me incomodou. Além disso, algumas unidades já se encontravam alugadas, e, por lei, os inquilinos não poderiam ser tirados de lá.

Durante toda a visita, permaneci em silêncio, registrando em um *tablet* todas as observações feitas pelo Phillips.

— Parece um bom investimento, embora tenhamos que reformar as unidades vazias, a fachada e a portaria — Phill disse, depois de terminarmos de olhar os dois edifícios a venda e os apartamentos. — Porém, sabe como é, nunca entro em um negócio sem estudá-lo previamente. Preciso de um período para mobilizar minha equipe de técnicos para examinar detalhadamente os prédios e o quanto custará tudo isso. E também estimar o tempo que levarei para recuperar meu investimento.

— Claro, claro — Osborne, o corretor, disse em seu inglês nasalado. — Mas tenho certeza que os estudos provarão que comprar esses edifícios, por um valor muito abaixo de mercado, será um bom investimento.

— Acredito que sim, mas veremos. Você pode me enviar um e-mail com todos os detalhes que me apresentou hoje?

— Com certeza. Assim que chegar no meu escritório, encaminharei tudo o que o senhor precisar.

— Agradeço.

— E quanto a Ilha *Pumpkin*, senhor? — A ansiedade para realizar um bom negócio e, conseqüentemente, ganhar uma boa comissão, era evidente no rosto de Osborne.

— Como sabe, iremos para a ilha amanhã. Eu e Mady estamos indo até lá a pedido dos meus acionistas, que pediram que eu analisasse pessoalmente o local. Não sei quanto tempo ficaremos na *Pumpkin*, porém acredito que antes do ano novo fecharemos o contrato.

— Perfeito. Esse ano não abrimos a temporada para hóspedes, porém

pedi ao gerente da ilha que deixasse tudo organizado para os senhores, e que a equipe estivesse a postos para atendê-los.

— Okay. Então é isso. — Estendeu a mão para Osborne, que a apertou em um cumprimento.

— Qualquer coisa que precisar, pode me ligar que eu providenciarei.

— Obrigado.

— Até mais senhor Brown, senhorita Jameson.

— Até. — Sorri para o homem calvo, que sorriu de volta e começou a andar até o ponto de táxi.

— Vamos, Mady? — Phillips se virou para mim com as mãos dentro dos bolsos da calça, observando-me.

— Só deixa eu terminar de anotar algumas coisas. — Digitei freneticamente no *tablet* e salvei meus apontamentos. — Pronto, podemos ir.

— Você estava tão calada, Mady — falou enquanto caminhávamos até o veículo —, o que achou de tudo?

— Eu estava apenas observando e atenta ao que você dizia — disse uma meia-verdade assim que entramos no táxi. — Acho que vale a pena estudar mais o empreendimento, embora seja bastante trabalhoso torná-los dentro dos padrões da J&P. Mas, se a empresa conseguir comprá-los por um preço apenas um pouco mais acima do que eles estão pedindo no lance inicial, pode ser muito lucrativo, pois esse bairro tem de tudo e é próximo ao centro.

— Isso é verdade. — Coçou a barba. — Só não sei se será mais lucrativo vender os apartamentos ou alugá-los. Confesso que me surpreende que os antigos proprietários não tenham pensado na primeira alternativa.

— Realmente, é bastante estranho...

Ficamos conversando durante todo o percurso sobre os edifícios, e pude perceber a centelha de empolgação brilhando nos olhos verdes de Phill por saber que efetuar a compra poderia ser uma oportunidade de ouro. Ver a vivacidade do meu chefe enquanto falava fazia com que um calorzinho tomasse meu peito. Tinha muita admiração e orgulho do homem de negócios

que ele era. Sem dúvidas, era muito bom trabalhar para Phillips e, principalmente, estar com ele.



— Mady?

— Sim?

Assim que chegamos no hotel, tomamos um banho para tirar o suor do corpo e nos colocamos a trabalhar. Poderíamos estar fora do nosso país, em um lugar muito mais bonito que Nova Iorque, mas coisas que Miller não conseguia resolver sozinho não paravam de chegar. O trabalho sempre nos perseguia.

— Que tal jantar fora hoje? Tem um restaurante de frutos do mar que fica na região de *Tumbalong* e que parece ter uma comida muito boa. Poderíamos passear na praia depois.

— Humm, parece ótimo. Estava doida para ver algo que não fosse da janela do táxi. Ainda nem tivemos tempo de pisar na praia particular do hotel. — Ri, deliciada. — Mas não precisa de reserva? Você gosta desses lugares de gente de nariz em pé.

— Eu dou meu jeito — gargalhou —, com certeza meu dinheiro pode comprar uma reserva de última hora.

— Okay.

— Combinado.

— O que devo vestir? — Fiquei insegura de repente, não queria parecer deslocada no local.

— Um terninho?

Balançou a cabeça e se aproximou de mim, tomando meu rosto entre os dedos.

— Não precisa de tanta formalidade, Mady. Aquele vestido preto

rendado na barra que vi você tirando da mala parece muito bom para mim. Ficará perfeito.

— Não sei...

— Confie em mim, Madeline. — Acariciou a lateral da minha face e me soltou, o fogo ardia em seu olhar.

Engoli em seco com as sensações que me invadiram, porém tentei ignorar cada uma delas, mas sem sucesso. Phillips tinha a capacidade de destruir minha determinação em não ceder a essa atração.

— Okay. Quer se arrumar primeiro? — minha voz saiu mais fraca do que eu gostaria, fazendo com que um sorriso safado brotasse nos lábios dele, acordando todas minhas terminações nervosas.

— Se não for um problema para você.

Balancei a cabeça negativa.

— Vou esperar você aqui — sussurrei e ele não disse mais nada, apenas se afastou.

Enquanto ele adentrava ao corredor indo em direção ao quarto, caminhei até a sacada e olhei para as estrelas que surgiam no céu.

Manter minha determinação seria mais difícil do que eu pensava.



Madeline

Capítulo treze

Usando o vestido preto de alças finas rendado que ele tinha sugerido, um *scarpin* da mesma cor e brincos combinando, desci do táxi juntamente com Phillips, depois dele pagar a corrida, e caminhamos até o edifício espelhado com metal exposto, onde ficava o restaurante. A mão de Phill, pousada levemente nas minhas costas, fazia com que um arrepio descesse até a base da minha coluna. Minha pele estava arrepiada, não pelo frio, já que a noite estava quente e a lua já brilhava alta no céu.

Subimos as escadas que levavam ao segundo andar, onde ficava o restaurante, e adentrando a recepção o que eu vi me tirou completamente o fôlego. As grandes vidraças que cercavam todo o ambiente, fazendo a vez das paredes, davam a impressão que o local foi construído no mesmo nível do mar, mesmo estando bem acima dele. A vista era incrível. Deveria ser ainda mais lindo de manhã ou de tarde, onde se podia ver com detalhes o azul cristalino das águas que pareciam invadir o restaurante. Torcia para que tivéssemos a oportunidade de voltar lá quando tivesse mais luz.

— É maravilhoso. — Suspirei, encantada com o local.

— Sim. Maravilhosa — disse enquanto olhava para mim. — Sabia que ficaria perfeita com esse vestido.

— Obrigada — tentei não ruborizar, mas foi impossível —, você também não está nada mal — brinquei, tentando descontraí-la. Ela arqueou uma sobrancelha para mim.

Inicialmente, me pareceu uma boa ideia sair para jantar e me divertir com Phill, porém me sentia bastante confusa internamente, e não sabia se fora tão sensato assim. Mesmo que não devesse, era impossível não sentir uma pontinha de nervosismo. Já tinha saído para almoçar e jantar com Phillips antes, e essa vez, não daria ser diferente das outras. Contudo, a intimidade e a beleza do local faziam com que me sentisse assim. E isso deveria ser mais que evidente para Phillips, pois, não sei como, parecia conseguir ler cada gesto e expressão minha.

— Relaxe, Mady. — Passou as mãos nos meus ombros, apertando-os levemente, massageando-os, deixando um rastro de fogo, que se espalhou por todo o meu corpo. — É só um elogio e um jantar.

— Okay. — Dei um sorriso para ele.

— Se quiser, podemos ir embora.

— Você sabe que eu odiaria fazer isso.

— Sei... — Franziu o cenho, fingindo uma expressão severa. — Tem uma pessoa aqui que é uma grande tarada por frutos do mar.

— Ei — dei um tapinha no seu peito, e caímos na risada —, não é justo você jogar isso na minha cara.

— E não era para ser — deu de ombros —, só espero que você não se decepcione.

— Nem eu. Não me arrumei toda para comer frutos do mar meia boca. — Fiz um gesto, mostrando meu visual.

— Se arrumou só por isso, é?

— Para que mais seria, além de agradar a mim mesma? — Ri,

fazendo-o gargalhar também. — Para se comer uns bons lagostins, nem sei se tem aqui, ou ostras e mexilhões, preciso estar com a melhor aparência possível.

— Se você está falando — deu de ombros —, vamos?

Assenti e caminhamos em direção ao *maitrê*, que recebia e acompanhava outros clientes que haviam passado por nós. Aquela pequena conversa boba me fez relaxar um pouco, além de ter deixado o clima mais leve.

— Boa noite, senhores, sejam bem-vindos ao *Scotch & Co* — cumprimentou educadamente o recepcionista, que segurava um *tablet* nas mãos. — Possuem reserva?

— Sim, uma em nome de Phillips Brown — falou.

— Mesa para dois? — o funcionário perguntou, depois de confirmar que tínhamos reserva.

— Sim.

— Okay, a mesa já está disponível para os senhores. Irei levá-los até lá.

— Obrigada. — Sorri para o homem, que apenas assentiu.

Caminhamos atrás dele, que nos colocou numa mesa próxima a parede de vidro que dava para a baía. Embora estivesse escuro, era ainda mais lindo de perto.

— Poderia ficar olhando para sempre essa vista — falei, me ajeitando na cadeira em frente ao Phill.

— É bonita, mas acho que deve ter vistas mais lindas em toda a Sydney. — Dessa vez não tentou me elogiar, fazendo com que um pedacinho de decepção fincasse no meu peito. Eu estava ficando, absolutamente, louca.

Permanecemos em um silêncio confortável até que um garçom se aproximou de nós, colocando o cardápio na nossa frente, servindo água em uma taça, aguardando de lado que fizéssemos nossos pedidos. Quando olhei os preços, quase caí de costas.

— Escolha o que quiser, Mady — Phill me olhava firmemente —, não se preocupe com valores. Não teria te trazido aqui se fosse pagar a conta.

Mesmo que Phillips sempre tenha pagado a conta quando saímos para comer algo nos lugares luxuosos que ele gostava, isso sempre me deixava desconfortável.

— Tudo bem, mas eu fico sem jeito, como sempre.

— Besteira, acho que você já deveria estar acostumada com isso. — Abriu um sorriso, que me tirou completamente o fôlego.

— Se você diz. — Dei de ombros. — Você me mima demais, sabia?

— Sei, e é um enorme prazer fazer isso por você... — Deixou algo no ar, que me fez arrepiar inteira. — Vamos escolher logo, antes que acabe o horário da nossa reserva — brincou.

Depois de escolhermos um prato frio de ostras, salmão e melancia como entrada, uma travessa de frutos do mar e um linguine para cada como prato principal, entregamos os cardápios para o garçom, que registrava o pedido em um tablet.

— Mais alguma coisa, senhor? — perguntou o homem.

— O melhor vinho branco que a casa tiver — Phill pediu.

— Temos um *Chardonnay*. É do seu agrado?

— Perfeito para mim, e para você, Mady?

— Como não sei nada de vinhos, para mim está ótimo.

— Só um momento que irei trazê-lo — o garçom disse, depois de registrar na comanda eletrônica. Fez uma medida e se retirou, deixando-nos a sós.

— Além de ser um adulator, você é muito extravagante, sabia? — brinquei. — Se eu continuar convivendo com você, não duvido em nada que virarei uma daquelas mulheres esnobes de nariz em pé.

Enquanto ríamos do meu comentário, o garçom trouxe a garrafa de vinho, servindo nossas taças e pousando o recipiente em um balde com gelo em cima de um carrinho que ele tinha empurrado até nossa mesa. Deixou-nos

novamente a sós.

— Ei, eu sou um homem simples e consigo ser uma boa influência...
— Arqueei a sobrelha, como se duvidasse dele. — Pelo menos, sou quando eu quero. — Rimos, e passei a mão no rosto, limpando uma lágrima que caiu em meio ao riso. Nesse ponto, toda a tensão que sentia anteriormente, se evaporou completamente.

— Pior que nem consigo te imaginar virando uma verdadeira dondoca. Estou tentando, porém roupas de grife com estampa de bicho não combinam muito com você. Nem mesmo casaco de pele falso ou sapatos extravagantes. É muito brega.

— Realmente — pensei por alguns minutos, bebendo o vinho —, embora um vestido ou saia com estampa de animal não fosse uma má ideia. Pensando bem, assim que eu chegar em Nova Iorque farei umas compras.

Ele fez uma careta, me fazendo rir ainda mais.

— Que foi? Está na moda e foi você quem deu a ideia. — Dei de ombros.

— Me arrependo completamente de tê-la dado.

— Acho que até vou te comprar uma gravata de oncinha como presente de Natal. Tenho certeza que combinará bem com o seu blazer preto.

— Isso faria de mim a piada do ano. — Cerrou os dentes, fingindo que estava com raiva, fazendo-me rir ainda mais.

Ficamos nos provocando e conversando por alguns minutos até que nossa entrada chegou. Estava, simplesmente, divina. O tempero e molhos, combinado com o frescor dos frutos do mar, era um afrodisíaco na minha língua.

— Humm... Superou todas minhas expectativas — disse, depois de provar o prato principal e o linguine.

— Realmente estava muito bom...

— Posso parecer oferecida, mas não ligaria de voltar aqui, ainda mais de manhã.

— Podemos voltar, mas acho que devem existir outros lugares legais para se conhecer.

— Verdade.

— Não vai querer sobremesa hoje? Que milagre.

— Já que você falou, vou querer um pedaço de torta de chocolate.

— Você e seus chocolates, parece que não existe outro doce para você. — Balançou a cabeça em negativa, fazendo um gesto para chamar o garçom e pediu que me trouxesse um pedaço da sobremesa.

Enquanto eu comia, deliciando-me a cada garfada da torta que colocava na boca, Phill bebericava seu vinho e me observava, parecendo gostar do que via. Seu olhar transbordava satisfação e um pinguinho de desejo, fazendo com que um calafrio de antecipação me varresse por inteiro.

Era impossível negar, estava cada vez mais atraída pelo meu chefe e teria que usar toda minha força de vontade para lutar contra isso.

— Você deseja mais alguma coisa, Mady? — perguntou, quando pousei o talher sobre o prato vazio.

— Estou satisfeita. — Beberiquei um pouco da minha água, sentindo minha boca ficar repentinamente seca.

Phill fez um gesto para o garçom pedindo a conta, que logo colocou sobre a mesa uma carteira com a comanda que discriminava os preços. Ele nem ao menos olhou-a e passou o seu cartão na maquininha, deixando uma boa gorjeta em cima da mesa para o garçom. Phillips era um homem generoso, e isso era algo que eu admirava muito nele. Não contive o sorriso que brotou dos meus lábios, fazendo com que Phill sorrisse de volta, satisfeito.

— Obrigada, senhor — agradeceu, quando viu a nota de cem dólares em cima da mesa.

— De nada. Vamos, Mady? — Estendeu a mão para mim, a fim de ajudar a me erguer da mesa.

— Claro. — Com uma mão peguei minha bolsa, e com a outra segurei a dele, me levantando.

Pensei que ele soltaria minha mão, porém não o fez, e para ser sincera, nem me importei, mesmo que parecêsemos um casal na frente dos outros.

— O que faremos agora? — perguntei, enquanto caminhávamos de mãos dadas para fora do restaurante.

— Já que ainda é cedo, pensei em caminharmos um pouco pela faixa estreita da praia. O que acha? — Seu olhar verde brilhava com uma intensidade de tirar o fôlego, deixando minhas pernas um pouco bambas.

— Seria perfeito.

Caminhamos até a praia, e, assim que nos aproximamos da areia, soltei a mão dele. Sentei-me em um banquinho próximo a orla e tirei meus sapatos de saltos.

— Será bem melhor caminhar assim.

Assentiu, concordando.

— Quer que eu os leve para você?

— Não precisa, Phill.

— Você já está carregando a bolsa...

— Se você faz tanta questão. — Entreguei os sapatos para Phillips assim que me levantei. Ele carregou-os com uma mão.

Quando meus pés entraram em contato com a areia fria, ele estendeu-me a mão livre em um pedido silencioso para que continuássemos caminhando de mãos dadas. Ergui minha mão em resposta, segurando seus dedos entre os meus.

Caminhávamos em um silêncio confortável pelo trecho da praia, vendo as ondas negras pela escuridão da noite se quebrando de encontro a areia, embora as estrelas e a lua iluminassem o local, deixando a paisagem ainda mais bela.

Não podia negar que tudo isso tornava a paisagem romântica, fazendo com que eu soltasse um suspiro bastante audível.

O jantar e um passeio na praia, de mãos dadas, tornava tudo perfeito.

— Tudo bem, Mady? — Phill parou de andar, a fim de me encarar, e soltou minha mão.

Nunca pensei que uma sensação de perda me invadiria só de não sentir seu toque.

Virei na sua direção e, olhando para os olhos verdes dele, me aproximei colocando as mãos em seus ombros.

— Não sei como agradecer por essa noite... — sussurrei em seu ouvido, e vi os pelos dele se eriçarem.

— Você sabe que não precisa me agradecer, Mady. — Sua voz saiu grossa, arrepiando-me por inteiro.

— Mas eu quero...

Em um gesto impulsivo, subi com a mão do ombro para o seu rosto e aproximei seus lábios dos meus, fazendo com que ele soltasse as sandálias na areia. Estava esperando pela minha iniciativa, provavelmente com medo de que eu recuasse.

Sabia que não deveria beijá-lo, que era errado, mas o clima romântico que pairava me deu coragem para fazê-lo.

Mordisquei o lábio superior dele. O beijo começou suave, um leve roçar, com breves selinhos, como se fosse um primeiro reconhecimento das nossas bocas. Lentamente, em meio ao beijo, fui pedindo passagem e quando a sua língua encontrou a minha, dei vazão ao momento e aprofundei-o. O gosto do vinho branco em sua boca era um afrodisíaco para os meus sentidos, me deixando desperta. Enquanto nos beijávamos, comigo controlando os movimentos, Phill pousou as duas mãos na minha cintura e me puxou para seu corpo forte e rígido, fazendo com que eu soltasse um gemido de prazer...

Sem pensar racionalmente, embriagada pela avalanche de sensações que ele me despertava com apenas um beijo, deixei-me levar até que perdêssemos o fôlego.

Assim que recuperamos um pouco o ar, Phillips tomou novamente minha boca com a sua, mas, dessa vez, assumindo o comando, deixando evidente todo o desejo que sentia por mim. Ele devorava meus lábios, como um animal faminto, fazendo com que minhas pernas ficassem cada vez mais

bambas de desejo.

Nunca pensei que beijar meu chefe poderia ser tão prazeroso, que pudesse despertar tanta libido dentro de mim.

Estávamos tão inebriados pelo sabor um do outro, que só senti que estava deitada de costas na areia quando Phillips, que estava com seu corpo colado ao meu, passou a mão pelo meu seio sobre o tecido do vestido enquanto roubava todo o ar dos meus pulmões com o beijo.

— Phill? — chamei-o, quando a racionalidade suprimiu parte do desejo que eu sentia.

Tínhamos que manter nossa relação do jeito que estava, eu tinha muito a perder caso cedesse a ele.

— Hmm...? — Desceu a cabeça e mordiscou a minha garganta, sentindo minha pulsação acelerada, arrepiando-me inteira com o gesto.

— Não podemos... — minha voz soou fraca e rouca, contrastando com minhas palavras.

Ele rolou para o lado, saindo de cima de mim. Foi inevitável não sentir falta do calor do seu corpo e do gosto da sua boca.

— Eu quero, mas tenho medo, por nós dois... por mim. Não quero perder o que temos.

— Tudo bem, Mady — disse, depois de pensar por um tempo —, como disse antes, posso esperar o tempo que for, vou aceitar qualquer decisão que você tomar. Mas prometo que nada vai destruir o que nós dois temos.

— Como você tem certeza disso?

Virou-se para mim, olhando-me fixamente.

— Eu não sei, apenas sinto dentro de mim. — Nenhum homem pareceu tão sincero comigo. Queria muito acreditar nisso, mas não sabia se podia. O medo e a mágoa ainda eram grandes. Também tinha que digerir o inevitável, que nada seria o mesmo, pois os meus sentimentos em relação ao Phillips estavam mudando vertiginosamente, e em pouco tempo.

De uma forma ou de outra, poderia acabar com o coração partido.

— Hmmm... obrigada por entender. — Sorri para ele e busquei seus dedos com os meus, entrelaçando-os.

— Não por isso. — Levantou nossas mãos e deu um beijo suave e carinhoso na minha.

Ficamos em silêncio por um momento, apenas ouvindo o barulho das ondas se quebrando.

— Vamos? — Phill se levantou, e me ajudou a fazer o mesmo. — Está ficando tarde, e temos que acordar cedo para a viagem a Ilha *Pumpkin* amanhã.

— Não acha melhor eu encontrar outro local para ficar? — falei, enquanto tentava tirar a areia que tinha grudado no meu vestido e pegava minhas sandálias.

— Não precisa, a suíte se provou muito confortável para nós dois — Arqueou uma sobrancelha para mim.

— Bem... — Fiquei sem jeito em dizer que não poderíamos continuar dormindo na mesma cama. Depois de apanhar minhas coisas, caminhamos até um ponto de táxi.

— Entendi, posso dormir no sofá se você ficar mais confortável.

— Eu também posso, como tentei fazer logo que chegamos. — Nem sei o que tinha me passado pela cabeça quando aceitei dividir uma cama com ele. — Não precisa se sacrificar por mim, você já custa a pegar no sono.

— Já dormi em lugares piores do que um sofá.

— Você é um cavalheiro, sabia? — Sorri para ele quando entramos no carro e ele indicou ao motorista o destino.

— Só com você, minha querida. — Piscou para mim, demonstrando que estava brincando.

— Até parece!

Apenas deu de ombros e engatou outro assunto.

É, estava cada dia mais difícil resistir ao bom humor, o carinho e a atenção dispensados pelo meu chefe.



Phillips

Capítulo quatorze

Rolando de um lado para o outro no sofá, não conseguia pegar no sono, relembrando o beijo que compartilhamos. O gosto dos lábios de Madeline parecia impregnado nos meus, e eu não queria que me deixasse tão cedo. Nunca pensei que beijar aquela mulher mexeria tanto comigo e que me roubaria toda a sanidade.

Era muito melhor do que poderia ter imaginado, e isso que eu passei muito tempo sonhando em fazê-lo. Agora que provei, tinha certeza que ficaria viciado no seu sabor e na pressão da sua boca sob a minha. Porém, por enquanto, teria que me contentar com a lembrança do beijo roubado por ela.

Por mais que Mady relute, seu corpo e seus olhos me diziam que em breve eu a teria completamente entregue nos meus braços. E mal esperava por esse dia.

Em breve, muito em breve, dei um tapinha no meu pau, que parecia acordar com a lembrança do corpo macio e voluptuoso de Mady debaixo do

meu. Dos seus seios arfantes, espremidos pelos meu peitoral. Pensar no encaixe mais do que perfeito entre nós dois deixava-me ainda mais excitado. Dava-me a certeza, cada vez mais forte, de que fomos feitos um para o outro.

E não só pela nossa conexão física, mas também pelas conversas fáceis e pela sintonia das nossas mentes.

Levantei-me do sofá, peguei meu *notebook* e fui até a sacada. Como não conseguiria dormir mesmo, poderia tentar trabalhar um pouco, embora duvidasse que conseguisse me manter completamente focado nisso. Pelo menos, do lado de fora, eu poderia aproveitar a brisa marinha que soprava naquele início de manhã.

Abri meu e-mail e me pus a responder algumas pendências deixadas por Miller, já que algumas coisas a serem feitas precisavam do meu aval e minha assinatura eletrônica. Estava terminando de assinar o documento de demissão do gerente do departamento de *marketing* e solicitando a promoção de cargo de uma subalterna dele, quando Mady apareceu na porta, usando um vestido leve, porém ainda bastante profissional, em tom bege. Confesso que vê-la vestindo algo mais casual teria me agradado bem mais.

— Acordou cedo. — Seus saltos fizeram barulho ao atravessar a sacada, caminhando em minha direção. — Dormiu bem?

— Não muito, mas sabe como fico quando estou prestes a dar um passo em direção ao que eu quero — falei com duplicidade, porém ela pareceu ignorar os significados contidos nela.

— Sei. Já pediu o café?

— Ainda não, pode pedir o que você achar conveniente — respondi enquanto digitava o e-mail.

— Okay. Phill?

— Sim?

— Preciso ajeitar nossas malas, você já decidiu quanto tempo ficaremos na ilha?

Parei para refletir um pouco e uma ideia começou a surgir na minha mente.

— Não sei quanto tempo vamos passar lá. Demorará alguns dias para investigar tudo. — Deslizei a mão pelo queixo, pensando nas minhas próximas palavras. — Também é quase recesso de Natal, não conseguiremos resolver nada nesse período. Hospedar-se por um tempo na ilha e tirar umas férias não seria mau. Então pode arrumar tudo e ligue para recepção pedindo que um funcionário venha te ajudar.

— Férias? — Arregalou os olhos, surpresa. — O CEO todo poderoso está falando em férias?

— Convenhamos que nós dois estamos precisando. — Dei de ombros.

— Eu? Pensei que eu poderia...

— E ficar sozinho naquele lugar? Não, não, você vai ficar comigo depois que terminarmos o trabalho por lá.

— E se eu não quiser?

— Vou ficar muito solitário, te garanto. — Fiz drama. — Além de não ter a sua companhia sempre agradável.

Ela suspirou fundo, parecendo pesar os prós e os contras.

— Okay, você venceu — levantou a mão para cima —, realmente estou precisando de descanso e não seria nada mau ficar um tempo em uma ilha tropical. Pedirei nosso café e que alguém me ajude com a bagagem. Precisa de mais alguma coisa, senhor mandão?

— Não, só que você curta a viagem e relaxe. — Sorri, contente por ela ter aceitado.

Balançou a cabeça, acenando positivamente, mas não disse mais nada, apenas virou-se, caminhando para dentro do quarto.

O que Mady e eu não sabíamos era que esse tempo a sós na Ilha *Pumpkin* era tudo o que precisávamos.



Saímos do hotel um pouco atrasados, devido a um problema para fazer o *check-out*, mas conseguimos chegar com alguns minutos de antecedência do horário da partida do nosso voo. A viagem até a Ilha *Pumpkin* foi um pouco longa, quase oito horas dentro do avião. Confesso que, depois do beijo que trocamos na praia, achava que o clima entre nós durante o percurso seria tenso e, até mesmo, permeado por conversas forçadas, o que me mataria por dentro. Tinha prometido a Mady que nada mudaria entre nós, independente da escolha que ela tomasse, e me sentiria muito mal se o contrário acontecesse. Eu precisava, desesperadamente, dela, do seu companheirismo, da sua conversa, do seu sorriso, do seu apoio. Queria que Madeline estivesse sempre ao meu lado, não importava o que acontecesse entre a gente. Nunca tinha me aberto tanto com uma pessoa, confiando a ela toda minha vida.

Não conseguia imaginar não tê-la ao meu lado, e só de pensar na possibilidade, meu coração se dilacerava.

Porém, para a minha surpresa, como da última vez, um ar íntimo e bastante gostoso surgiu entre nós dois depois que entramos no jato e segurei as mãos dela durante a decolagem. Tínhamos engatado uma conversa sobre nossas vidas pessoais, mas senti que algo tinha mudado entre a gente. Havia algo de diferente no olhar dela que arrepiava toda a minha pele, como uma promessa silenciosa, que fazia meu corpo arder em chamas.

Será que ela estava mudando de ideia?, a possibilidade fazia com que aquilo que sentia por ela crescesse dentro de mim, mas daria a Madeline todo o tempo que precisava para pensar. Não iria forçá-la, queria Mady sem os *ses* e os *poréns* entre nós. Sabia o quanto ela se sentia magoada pelo seu último relacionamento, e até mesmo com baixa autoestima depois das merdas faladas pelo seu ex sobre o desempenho dela na cama, sendo que era esse bosta o completo culpado. Cada vez que pensava nisso, queria matá-lo.

E tudo se tornava mais difícil porque eu era o chefe dela, e seu profissionalismo era um grande entrave. Eu também tive essa mesma luta interna comigo mesmo, e sei o quanto é difícil guerrear contra o desejo.

Mas não podia negar que estava adorando conhecer cada detalhe da vida de Madeline, sua infância, as dificuldades e os gostos pessoais. E as promessas de conhecê-la ainda mais, seu corpo, sua pele, seus gemidos, os pontos que lhe dão mais prazer, que daria com as minhas mãos, lábios e

pênis, me enchiam de expectativa. Mal podia esperar em tê-la completamente entregue nos meus braços. E pelo que seu corpo e olhar me diziam, o lado da balança estava pesando para que se entregasse para mim.

— Vamos descer, Mady? — disse, depois que o jatinho pousou na pista particular. — A vista do alto é simplesmente de tirar o fôlego, mal vejo a hora de descer e ver mais de perto.

— Nem eu, só deixa eu tirar esses saltos e pegar uma rasteirinha na minha bolsa.

— Okay.

Levantou da poltrona meio cambaleante. Talvez a posição que ficou sentada deixou-a com câimbra, e ela quase caiu quando puxou a bolsa do bagageiro do avião. Por sorte, estava atrás dela antes que despencasse, e a segurei, acolhendo-a em meus braços.

— Tudo bem, Mady? — perguntei, preocupado.

— Sim, minhas pernas estavam um pouco dormentes por falta de circulação. Obrigada. Acho que só preciso me movimentar um pouco. — Abriu a bolsa, tirando os sapatos de lá. Guiei-a até a poltrona, fazendo-a se sentar nela. Ela tirou o salto, colocando aqueles que pareciam um chinelo. Confesso que a rasteirinha destoava e muito com o vestido creme formal. Esperava que Mady tivesse colocado na mala roupas mais informais e próprias para o calor, embora pudesse apostar com quem quisesse que ela não tinha um biquíni na mala. Era típico dela não pensar em diversão quando viajava a trabalho. Tinha que confessar que nem eu costumava pensar, porém, dessa vez, daria esse luxo para nós dois.

— Pronta? — disse, depois que ela guardou o calçado de salto alto na bolsa.

— Mais que preparada. — Peguei sua mão, para ajudá-la a se levantar, e permanecemos de mãos dadas, comigo andando atrás dela. Nos aproximamos da saída da aeronave quando Joseph, com cara de poucos amigos ao nos ver tão juntos, nos saudou. Provavelmente, ele ainda tinha esperanças de levá-la para cama. Tolo. Mady nunca iria transar com ele. Eu e Madeline paramos um do lado do outro. Dei um sorrisinho contente, em um gesto idiota de posse, demonstrando minha satisfação com a carranca dele.

— Espero que tenham feito uma ótima viagem — forçou um sorriso.

— Excelente — respondi.

— Fico feliz. O senhor já tem algum plano para a volta?

— Ainda não, pensamos em ficar alguns dias aqui. Assim que tivermos uma data, ligamos para você. Alguns quartos no prédio principal já devem estar arrumados para a tripulação passar a noite e descansar para o voo de volta.

— Okay.

— Fale para Ferdinando tirar nossas coisas do compartimento que um funcionário levará para o bangalô reservado para mim e para Madeline.

Assentiu. Eu podia imaginar a miríade de pensamentos que passou na mente de Joseph, me deixando ainda mais satisfeito.

— Vamos, Mady. — Soltei a mão dela e a pousei na sua cintura, segurando-a, em uma demonstração silenciosa de que Madeline era minha. Incentivei-a a sair do avião, deixando o piloto para trás.

— O que foi aquilo? — disse baixinho, quando descemos a escada móvel do jatinho e pisamos na pista de pouso. O sol já se punha no horizonte, deixando o descampado com um tom dourado de tirar o fôlego. Mal podia ver o restante do lugar, a praia, o mar, as matas...

— Nada demais. — Dei de ombros.

— Não precisava ter feito isso.

Engoli em seco.

— Desculpe, Mady. Eu não sei o que deu em mim, mas ver aquele *cara* sempre te devorando com os olhos...

Suspirou fundo.

— É evidente para todos, menos para Joseph, que você não quer nada com ele.

— Sei disso, mas não tinha o direito de agir assim. — Fiquei sem jeito, talvez tenha ido longe demais.

— Tudo bem. — Pegou minha mão e a apertou. — O pôr do sol aqui é lindo. Vamos ver se essa ilha é tudo aquilo que dizem os relatórios? — mudou de assunto, me brindando com um sorriso.

— Sim, vamos.

Saímos da pista de concreto, chegando até um pequeno edifício, que acreditava ser de um funcionário responsável pelo controle dos voos que chegavam e saiam da ilha. Um homem alto, que eu presumi que fosse o gerente, se aproximou de nós.

— Bem-vindos a Ilha *Pumpkin*, senhor Brown e senhora Jameson. Espero que sua estadia aqui seja mais do que satisfatória.

— Tenho certeza que será.

— Um funcionário já nos espera com um carrinho de golfe para levá-los até o bangalô de vocês. A viagem deve ter sido cansativa, e, com certeza, querem descansar. Enquanto isso, os senhores podem aproveitar o trajeto para apreciar a paisagem.

— Adoráramos — Mady respondeu, empolgada. Vê-la assim, animada, fazia com que um calor gostoso tomasse conta do meu peito. Adorava quando ela ficava feliz com coisas tão simples.

— Então vamos, um funcionário buscará suas malas depois.

— Okay.

Caminhamos até o carrinho de golfe e sentamo-nos no banco traseiro. O veículo não era muito confortável, e sacudia de um lado para o outro, porém, durante o breve percurso, pudemos ver algumas das plantas e árvores nativas da região e alguns animais.

— Olha que lindo, dá vontade de abraçar — Mady disse, quando viu um animal rechonchudinho e peludo, me fazendo olhar também.

— É um marsupial conhecido como *vombate*, ele tem hábitos noturnos, e como já está escurecendo, deve ter saído para procurar cascas de árvores, ervas e raízes — o gerente disse.

Eu observava o animal e a paisagem em silêncio. Me sentia muito mais vivo só de estar ali com Mady. Tudo indicava que seriam as melhores

férias da minha vida.

— Ele é muito fofinho. Pode-se pegar nele?

— Infelizmente, não, senhora Jameson. As garras dele podem machucar, por isso não pode ser domesticado.

— Que pena — disse, dando um muxoxo. Sabia que Mady gostava de animais e adorava pegá-los no colo. Eu estranhava o fato que ela só tivesse Toby como bichinho de estimação. Deve ser por causa do espaço do seu apartamento que, segundo ela, era muito pequeno.

— Mas se quiser, senhora Jameson, a senhora pode nadar com os peixes e outras criaturas marinhas na barreira de corais. É uma atração bastante popular entre os turistas.

— Seria maravilhoso. — Os olhos dela voltaram a brilhar, entusiasmada com a possibilidade.

Madeline e o gerente, que descobri que se chamava Jack, continuaram conversando sobre os animais e demais atividades de lazer que eram oferecidas na Ilha *Pumpkin*, bastante entretidos um com o outro. Mady prontificou-se, no tempo em que estivéssemos ali, a conhecer algumas delas. Olhando o brilho de empolgação que cintilava por todo o rosto de Mady, nem me dei conta quando o carrinho parou repentinamente e Madeline exclamou, de boca aberta.

— UAU! — Desviei meu olhar do seu rosto, encarando a paisagem ao meu redor e o que eu vi me fez perder o fôlego.

Mesmo que o céu já tivesse escurecido, a vista superou todas as minhas expectativas. As fotos, bem como os vídeos enviados nos relatórios, não chegavam aos pés da realidade. As tochas fincadas na praia iluminavam a extensão longa de areia branca, e a luz proveniente das estrelas, visíveis no céu, devido à ausência da poluição atmosférica tão comum em Nova Iorque, deixava-nos ver as ondas de águas cristalinas rolares até a areia da praia. Era impossível não me sentir no paraíso. Mal esperava para acordar e poder ver a paisagem em plena manhã.

— Realmente é maravilhoso — disse, enquanto fitava o mar. — Eu poderia me acostumar com essa vista.

— Nem me fale — Mady sussurrou, o encantamento transparecendo em sua voz.

— Eu sou um felizardo por passar boa parte do ano aqui — Jake brincou ao ver nossas expressões embasbacadas.

— Invejo você.

— Querem entrar e conhecer suas acomodações?

— Eu não. Vou aproveitar e ficar um pouco mais aqui fora — disse Mady, tirando os sapatos e caminhando até o mar.

— Senhor Brown, quer entrar?

Balancei a cabeça em negativa.

— Ficarei mais um pouco aqui fora também.

— Tudo bem, mas preciso voltar para o prédio principal para ver se a tripulação que os acompanhou já foi acomodada e verificar se suas malas estão a caminho. Tem um telefone dentro do bangalô, e, se precisar de qualquer coisa, é só discar para o ramal da recepção que providenciaremos o que senhores necessitarem.

Enquanto o homem falava, minha atenção estava em Mady, que entrou no mar sem se importar de molhar o vestido. Era maravilhoso ver a espontaneidade que a tomava e vê-la tão descontraída, sem se importar com nada.

Estava me coçando para me juntar a ela, mas resolvi ficar só observando.

O gerente disse mais algumas coisas, que eu não ouvi, e arrematou o seu discurso. — Ah, também tem um carrinho de golfe atrás do bangalô caso queiram passear pela ilha ou ir até a recepção. A chave está no aparador do *hall* de entrada.

— Okay.

— Então já vou indo, se precisarem de mim, já sabem como me contatar. — Estendeu-me a mão, que eu apertei, desatento. — Deixamos uma comida leve pronta para os senhores consumirem enquanto o jantar é

preparado. O senhor tem alguma preferência de prato?

— Pode ser massa e vinho tinto para acompanhar.

— Okay — disse com sotaque forte, e caminhou em direção ao carrinho que o aguardava para levá-lo de volta para a recepção.

Sentei-me na areia e continuei a observar Mady, cujo vestido já estava ensopado e colado ao corpo, pois acabou não resistindo e deu um mergulho no mar.

A imagem dela assim me deixou completamente hipnotizado e sem fôlego. A paisagem poderia ser linda, porém ela sorrindo e se deliciando com a água, era muito, muito mais.

Suspirei, sentindo um ardor invadir cada poro do meu corpo e a excitação surgir no meio das minhas pernas, que procurei conter. Seus gestos eram muito ingênuos para me deixar duro de desejo.

Não sei quanto tempo fiquei ali observando-a, até que entrei na casa, para pegar uma toalha no banheiro da suíte, e voltei para a praia. Por mais que sentisse que ela estava se purificando junto ao mar, deixando que tudo de ruim fosse rolado pelas águas cristalinas, não queria que ela se resfriasse, então resolvi interromper seu momento quando o céu ficou mais escuro. Além do trabalho que tínhamos que fazer, fiz muitos planos para nós dois, e não gostaria que nada impedisse que curtíssemos a ilha.

Se conseguisse executar meus planos, sem sombra de dúvidas, essas seriam as melhores férias que tiraria em anos.



Madeline

Capítulo quinze

Não sei o que tinha me dado ontem, mas tinha brincado na água fria do mar que nem uma criança que se empolgava com algo novo. Porém, não tinha resistido. Não sabia que eu precisava tanto me libertar das amarras por mim impostas, mas ter feito aquilo fez com que algo se rompesse dentro de mim. Me sentia renovada, animada, e até mesmo uma mulher um tiquinho diferente.

Espreguicei na cama, depois de uma noite bem dormida, sentindo o calor do sol que se infiltrava pela claraboia e aquecia minha pele. Era tão bom acordar assim que, dificilmente, voltaria a apreciar a manhã cinzenta de Nova Iorque, e isso que eu era uma adoradora da cidade, que funcionava em um ritmo frenético e acelerado. Porém, poderia facilmente me acostumar ao clima tropical e lento da Ilha *Pumpkin*.

Olhei para a janela de vidro do quarto que escolhi dormir, já que Phill tinha me deixado escolher, e contemplei as águas cristalinas e a areia branca da praia, suspirando. Se a noite, onde não poderia ver todos os detalhes da

paisagem, já tinha ficado deslumbrada, ver a ilha de manhã roubou todo o ar dos meus pulmões. Nunca estive em um lugar tão paradisíaco como aquele, e isso que eu já fui a inúmeras praias no Havaí, que também eram incríveis.

Peguei meu celular no móvel de cabeceira e tirei uma foto da vista do meu quarto, enviando-a para Jane, que iria amar a ilha. Ela e o marido gostavam e, muito, de conhecer novos lugares, e sempre que podiam embarcavam para uma praia que eles pesquisavam na internet. Faria um esforço para dar a minha irmã e ao Michael uns dias de estadias aqui como presente de casamento no próximo ano, mesmo que Phill não adquira a ilha.

Ao pensar na minha irmã, lembrei-me de que ainda não tinha contado do beijo que dei em Phillips para ela, algo que me incomodava. Jane era minha confidente e melhor amiga, nunca escondi nada dela, e pensar que eu estava omitindo isso me deixava supermal. Sempre contamos essas coisas uma para outra, e por mais que eu tentasse tirar o beijo dos meus pensamentos, a lembrança do sabor da boca dele parecia impregnar minha mente, fazendo com que eu ansiasse por ter aqueles lábios quentes e apetitosos sobre os meus novamente. Sonhava com sua boca sobre minha pele, meus seios e onde não poderia desejá-lo, mas que eu queria como nunca quis na minha vida, mesmo me sendo proibido.

Só de pensar na possibilidade, fazia com que uma onda de excitação me tomasse por completo e eu fechasse as pernas por instinto, tentando contê-la, mas sem muito sucesso. Era bastante errado só de pensar em transar com seu chefe, e querer que acontecesse era muito pior. Porém, a cada dia que passava ao lado de Phill, parecia que o desejo se tornava ainda maior que o meu bom-senso.

Suspirei fundo e olhei para meu celular quando ele apitou.

Jane:

Que lugar lindo. Você não sabe o quanto eu e Toby estamos te invejando uma hora dessas :p

Não respondi de imediato, ainda me sentindo perdida em meio à o que era certo ou errado a se fazer. Não poderia dizer que o que me impedia de ir em frente eram os meus sentimentos pelo Robert, porque eles foram aniquilados pouco a pouco depois de eu ter assimilado sua traição, e o golpe

de misericórdia foi o carinho dispensado por Phill depois de ter aberto o jogo comigo. Embora meu ex tenha plantado uma sementinha na minha cabeça sobre a minha possível frigidez na cama, nenhum outro homem com quem transei na vida fez esse tipo de comentário, mas e se de fato eu fosse? Minha mortificação ficaria ainda maior.

Maneei a cabeça. Talvez desabafar com minha melhor amiga e irmã não fosse tão ruim. Mesmo que eu soubesse o que Jane pensava a respeito, colocar tudo para fora poderia me dar uma nova perspectiva sobre o assunto e, quem sabe, forças para lutar contra isso. Como deveria ser por volta das cinco da tarde em Nova Iorque, abri minha agenda e, utilizando um chip que tinha comprado para fazer ligações da Austrália, disquei para o número da Jane, que me atendeu depois de alguns toques.

— Mady, boa tarde ou boa alguma coisa, já que não sei que horas são aí — disse animada. — Que lugar mais uau. Estou morta de inveja e não estou brincando.

— Nossa, te garanto que pessoalmente é ainda mais lindo. Não pude ver muito, pois chegamos tarde, mas você acredita que entrei no mar com roupa e tudo de tão linda que era à vista?

— Você, a senhorita profissional? — Riu do outro lado da linha. Já estava com muitas saudades dela. — Duvido.

— Eu nunca minto. — Jane gargalhou ainda mais. — *Tá*, só quando quero fazer uma surpresa para você.

— E eu amo suas surpresas. Bem que você poderia me fazer uma e levar eu e Michael para essa ilha — brincou, me fazendo arquear uma sobancelha. Jane sempre teve a capacidade de adivinhar meus planos e pensamentos. Até parecia que nos comunicávamos por telepatia. — Já posso imaginar os momentos românticos que teria nesse paraíso — terminou de falar, maliciosa.

— Eh..., vou ter que ficar olhando para essa vista por um bom tempo para afastar a imagem dos dois transando na praia — enchi o saco, fazendo ela rir ainda mais. Tornou-se impossível não gargalhar alto junto com ela.

— Mas não foi por isso que você me ligou, *né*? Posso sentir isso na sua voz — falou, depois que paramos de rir. Seu tom subitamente sério

indicava que ficou preocupada.

Respirei fundo, criando coragem para contar para ela que eu tinha beijado Phillips por impulso.

— Está tudo bem, irmã?

— E... está, sim, Jane. É que... eu... não sei... não sei como dizer — esperou eu terminar a frase —, e... eu o beijei...

— E como foi? — Encarou de forma tão natural, que poderia apostar que minha irmã estava esperando por isso.

— Foi... foi muito bom, Jane, nunca pensei que poderia ser tão incrível. E o pior de tudo é que eu... eu quero mais...

— E porque isso é ruim, querida? Não vejo nada de errado em você ansiar por mais.

— É errado, Jane. Ele é meu chefe!

— Mas também é um homem que se preocupa com você, te trata com carinho e que, pelo que você me contou, está louco de desejo por você. Qual é o problema nisso?

— Eu... eu não posso jogar minha carreira fora por não conseguir conter meu desejo.

— Mas quem disse que você estaria jogando ela fora?

— Tenho medo, Jane...

— Olha, irmã, pode parecer que não, mas eu sei o quanto esse emprego é importante para você. Realmente entendo todas suas dúvidas — suspirou —, mas você tem que entender que, por detrás da profissional, existe uma mulher que anseia se entregar a um homem que a valoriza acima de tudo. E que a deseja tanto, que jogou as favas toda a ética de trabalho dele, somente para tê-la.

Engoli em seco. Nunca tinha parado para pensar que Phillips, como eu, poderia ter se feito o mesmo questionamento. Sabia o quanto a empresa e o trabalho eram importantes para ele, e que Phill nunca misturava o pessoal com os negócios, tratando a todos com extremo profissionalismo, tanto que

não permitia que ninguém do trabalho se aproximasse, excetuando aquelas pessoas mais simples. Deveria ter imaginado que para ele não tinha sido tão fácil lutar contra essa atração, pois ia contra tudo que acreditava ser correto.

— Além disso, você está solteira, é uma mulher linda e, onde quer que passe, os homens babam em você — continuou. — Ah, Mady, por que não se permitir um pouco de prazer?

— E se eu estragar tudo? E se uma noite não for o bastante? E se durar vários dias e tudo mudar, ao ponto de nossa amizade ruir? — desabafei. — Como poderia continuar trabalhando para ele se o sexo destruir tudo? E se eu acabar me apaixonando e esperar do Phillips mais do que ele poderia me dar?

Jane ficou um tempo em silêncio, como se refletisse sobre minhas perguntas e escolhesse as melhores palavras para dizer aquilo que pensava.

— Não tenho uma resposta pronta, Mady. São muitos *ses*, e você só saberá as respostas se você se der a chance de arriscar. E se tudo der errado, sempre terá a mim para chorar no meu ombro e te apoiar. — Fez uma pausa longa. — Sabe, querida, se ficar insuportável para você trabalhar como secretária dele, você pode pedir transferência ou aceitar a proposta de emprego da *Beaumont Enterprise*.

Só de pensar em ser empregada em outro local, meu coração sangrava por dentro. O tempo que trabalhei ao lado de Phillips foi um dos melhores de toda minha carreira. Não, não queria pensar nessa possibilidade.

— Mas acho que não chegará a tanto — Jane falou —, vocês são duas pessoas maduras e profissionais e saberão lidar com isso. Ele mesmo não te falou que nada mudaria, independente da sua decisão?

— Não acho que ele possa determinar isso, por mais que Phill queira.

— Isso é verdade — suspirou do outro lado da linha —, como você também não pode prever o que irá acontecer...

— Hum... e se eu for mesmo fria, como Robert falou, Jane? — Sabia que não deveria me deixar afetar tanto pelas palavras do meu ex, porém era inevitável. Tinha sido humilhante demais e acabaria com qualquer mulher ouvir uma coisa dessas.

— Madeline Jameson — rosnou do outro lado da linha —, trate já de

tirar isso da sua cabeça. Você sabe, mais do que ninguém, o quanto tentou apimentar as coisas e que era Robert que negava fogo, na maioria das vezes. — Suspirou fundo. — Sei que você ainda está magoada e, como mulher, não tiro sua razão. Mas não deixe que aquele merda consiga o intento dele.

— É difícil não pensar nisso, irmã. Eu não saberia onde enfiar minha cara caso me mostrasse tão ruim para o Phil quanto ele falou.

— Tenho certeza que, diferentemente dos outros homens que passaram em sua vida, Phillips te fará sentir segura e bem consigo mesma. Um bom parceiro tem que dar isso a gente.

— Isso é verdade. — Engoli em seco.

Sabia que, no fundo no fundo, minha irmã tinha razão, porém uma pontinha de dúvida e insegurança ainda pairava na minha mente. O medo que o meu desempenho o decepcionasse ainda me abalava.

— Ah, Mady, por que não se joga de cabeça sem pensar nas consequências e no que pode acontecer? Você merece isso mais do que ninguém. É só sexo. E ele parece muito bom no que faz.

— Realmente, promete e muito. — Rimos juntas, aliviando um pouco o clima sério da conversa. — E se não for só sexo?

— Bom, melhor ainda. Quem sabe você acaba se tornando a senhora Brown.

— Menos, Jane, menos. Não é para tanto.

— Vai lá saber. — Imaginei ela dando de ombros.

— Agora preciso desligar, tenho que me arrumar para trabalhar.

— É até pecado ter que trabalhar num lugar desses.

— Também acho, mas fazer o quê?

— Nem tudo é perfeito, né?

— É. Obrigada, Jane. Você não sabe o quanto foi bom conversar com você.

— Estou aqui para te apoiar, Mady, no que der e vier. Só pensa com

carinho em tudo que eu falei e permita-se viver sem medo, okay? Não se prive de viver uma coisa que você quer muito só porque tem receio do futuro.

— Tentarei, mas é muito difícil.

— Sei que é.

— Te amo, Jane.

— Eu e o Toby também te amamos.

— Dê um beijo nele por mim.

— Okay.

Desliguei o telefone, me sentindo um pouco melhor depois de conversar com minha irmã. Ainda não tinha as respostas que precisava e nem sabia se me entregar ao Phillips seria a melhor coisa a se fazer. Porém, me fez enxergar que eu não era a única que travou uma batalha interna contra o desejo avassalador que sentíamos um pelo outro, e que não seria só eu que teria muito a perder caso déssemos vazão a esse sentimento e tudo desse errado depois.



Fazia dois dias que eu tinha desabafado com Jane e que eu e Phillips estávamos na Ilha *Pumpkin*. Pensei que passaríamos nossos dias trabalhando, fiscalizando cada pedacinho da ilha, e conversando com o gerente sobre como era a atual administração do *resort*. Porém, Phill determinou que fizéssemos uma pausa na parte da tarde para aproveitarmos as atividades oferecidas pela ilha. Fizemos várias caminhadas pelas praias, principalmente em *Little Pumpkin*, e nas trilhas, a fim de observar a fauna e a flora local, além de admirar as belas vistas que tínhamos de diferentes pontos de observação. Para nossa sorte, em dezembro, muitos pássaros migravam para a ilha a fim de aproveitar o clima quente do local, então vimos diferentes espécies exóticas, além de que o período de desova de alguns animais, como tartarugas, que costumava acontecer em novembro, atrasou, então pudemos sentar na praia e observar alguns filhotes emergindo da areia enquanto

conversávamos sobre qualquer coisa. Até mesmo fomos ao bar de ostras, que ficava próximo ao prédio principal do *resort* e, embora eu fosse uma grande amante de frutos do mar, comi tanta ostra que poderia jurar, de pés juntos, que tão cedo queria provar mais delas.

As palavras de Jane sobre me permitir ainda ecoavam em minha mente a todo momento, e passar esse tempo a sós com Phillips fazia com que meu desejo por ele sobrepujasse todo meu profissionalismo. O simples toque inocente dele na minha pele me incendiava e me deixava de pernas bambas. Não podia mais mentir para mim mesma, queria seu corpo de encontro ao meu, devorar sua boca com a minha, ouvir seus gemidos de prazer enquanto trocávamos carícias... queria ter seu pênis cravado tão fundo em mim, que deliraria para chegar logo ao orgasmo.

Jane tinha razão, eu era uma mulher e eu o queria como homem.

Não poderia prever o que o futuro traria para nós, mas eu poderia aproveitar o agora, independentemente das consequências que viriam amanhã. Enquanto durasse o desejo que ardia entre nós, iria aproveitá-lo.

Iria me permitir, sem pensar nos *poréns*, se era realmente fria, ou se sairia machucada de tudo isso. Eu precisava disso, mais do que um dia imaginei ser possível.

Essa noite não seria sua secretária, mas sim, sua amante.

— Terminou de enviar os e-mails, Mady? — Estávamos sentados no alpendre do bangalô, resolvendo alguns probleminhas que surgiram de última hora na empresa.

— Sim, acabei de enviar o último. E você, já conseguiu resolver o problema dos chalés do Alasca?

— Sim, Miller aumentou demais o problema, não era nada sério. Já mandamos um mecânico hidráulico para mexer no encanamento, que congelou.

— Okay.

Ficamos em silêncio por um tempo, cada um imerso nos próprios pensamentos.

— Que tal dar um mergulho? Está bastante quente e essa água cristalina está me chamando já tem um tempo. — Deu um sorriso caloroso, fazendo meu corpo esquentar.

— Como pensei que eu iria apenas trabalhar, não coloquei um biquíni na mala. — Estava completamente arrependida de não ter trazido um. Só uma idiota iria a um lugar como aquele e não levaria roupas apropriadas para aproveitar.

— Você pode nadar como veio ao mundo — brincou. Porém, percebi uma centelha de excitação cintilar em seus olhos quando Phill passou a língua pelos lábios, me deixando vermelha e quente só com as promessas contidas em seu olhar.

— Até que não é uma má ideia — provoquei-o, fingindo que ia tirar minha blusa, fazendo-o engolir em seco. Abaixei meu olhar para o seu pênis e vi que ele estava ficando duro, só de imaginar a possibilidade. — Sempre quis nadar nua. — Dei de ombros.

— Você é muito má, sabia? — mexeu-se na cadeira, desconfortável.

— Sim...

— Mas não precisa se preocupar — tentou parecer mais no controle de si —, como imaginei que você não ia trazer um, como eu pedi, me dei ao trabalho de comprar algo para você usar. Espero que sirva. Já deixei encima da sua cama.

Fiquei em silêncio, surpresa. Não esperava que ele fosse tão atencioso ao ponto de se lembrar de comprar algo que sabia que eu não iria trazer. Com certeza tinha uma pegadinha nisso e, provavelmente, as peças deveriam ser minúsculas. Iria usá-las só para fazê-lo provar do próprio veneno.

— Okay. Vou subir e me trocar. Você não vem? — Levantei-me e entrei na casa, sem me preocupar se ele iria me seguir.

Para minha surpresa, quando cheguei no quarto, vi um maiô preto em cima da cama. A peça era decotada na frente e atrás, porém ainda era discreto o suficiente. Junto ao maiô também tinha uma canga branca e macia, como a melhor das sedas.

Experimentei a peça e, para minha surpresa, ela ficou perfeita no meu

corpo, sem nenhuma folga. Era incrível que Phill fosse tão observador ao ponto de saber minhas medidas só com o olhar. Ter consciência de que esse tempo todo ele me analisava minuciosamente fez com que uma onda de prazer feminino tomasse meu corpo.

Fazia muito bem para meu ego quebrado sentir-me desejada desse jeito.

Calcei meus chinelos, amarrei a canga branca na cintura, e saí do quarto em direção ao alpendre. Assim que cheguei ao lado de fora, a imagem que vi me paralisou. Trajando uma sunga vermelha, Phillips estava de costas e observava o mar a sua frente. Sabia que Phill cuidava bem do corpo, porém não sabia que era tanto. Meu olhar percorreu-o desde as panturrilhas grossas, a bunda perfeita, que mataria qualquer um de inveja, fixando nas suas costas largas e bronzeadas. Sempre achei as costas uma parte atraente em um homem, mas, nunca tinha visto uma tão bem definida como aquela. Não podia ver a hora de tocá-lo.

— Phill? — chamei-o, depois de devorá-lo por um bom tempo. Ele se virou para mim, e, como eu, ficou um bom tempo me analisando, parecendo gostar do que via.

— Uau — sua voz saiu rouca —, não esperava que ficasse tão perfeito em você. — Seu olhar pousou no meu decote, onde via a lateral dos meus seios.

— Obrigada por comprá-lo. É lindo.

— É maravilhoso. — Passei a língua pelos lábios depois de olhar seu peitoral definido cheio de pelos negros e o seu pau, que parecia se avolumar na cueca. O corpo daquele homem era perfeito, e me deixava excitada só de olhá-lo. Queria muito senti-lo contra o meu e Tateá-lo por inteiro.

Nossos olhares eram famintos. Não conseguimos deixar de nos encarar, e nossas respirações ficaram aceleradas com a antecipação do que poderia ocorrer.

— Você já passou protetor? — forçou-se a dizer alguma coisa e caminhou em minha direção. Seus passos pareciam de um felino prestes a atacar, e todo meu corpo queria ser devorado por ele.

— Esqueci de trazer protetor também. Você comprou algum? —
minha voz saiu falhada.

— Claro, quer ajuda para passar nas costas? — Deu um sorriso safado, pegando um tubo que estava em cima da mesa e o abriu, colocando um pouco de protetor nas mãos.

— Você já passou? — tentei puxar assunto quando ele se aproximou de mim, fazendo o meu corpo estremecer de antecipação.

— Ainda não. — Sua voz estava rouca, demonstrando toda sua excitação, que ele não conseguia mais esconder, embora não fosse me forçar a nada.

— Hummm...

— Fique de costas, Mady. — Passou as mãos umas nas outras.

— Okay.

Virei-me de costas para ele e puxei meus cabelos para frente para que não ficassem melados pelo protetor. Quando Phillips começou a passar o produto nos meus ombros, espalhando o líquido com suas mãos fortes, foi impossível não aproximar meu corpo do seu, e senti sua rigidez contra minha bunda.

Rebolei instintivamente contra sua pelve quando ele deslizou a mão pelas minhas costas. Gemi alto. Que se danem os meus planos para a noite, eu o queria agora.

— Mady?... — Deu um beijo na minha nuca, fazendo com que meus pelos se arrepiassem ao contato com sua barba.

— Eu quero, Phill...

— Quer o quê, Mady? — Plantou um beijo na lateral do meu pescoço, e meus gemidos eram o consentimento que ele precisava para continuar.

— Você — falei em meio a gemidos enquanto ele continuava a beijar minha pele onde não tinha passado protetor, aumentando a minha excitação.



Madeline

Capítulo dezesseis

— Tem certeza? — sussurrou na minha orelha. Seu hálito quente e sua voz rouca de desejo não me deixavam mais duvidar daquilo que eu queria. Nunca ninguém sentiu tamanha ânsia por mim. E era muito, mas muito delicioso ser desejada dessa forma.

— Humm — gemi, quando ele beijou a parte de trás da minha orelha, fazendo com que eu friccionasse minha bunda contra sua ereção, que parecia pulsar cada vez mais dentro da sunga.

Para minha total surpresa e prazer, Phillips enlaçou minha cintura com seu braço forte e pousou a mão aberta entre o meu umbigo e meus seios, puxando-me mais de encontro ao seu corpo rígido. A pressão, o calor da sua palma sobre minha pele, e seus beijos faziam com que, cada vez mais, o fio de racionalidade que eu buscava manter se partisse em meio ao desejo.

— Tem, Mady? — Apertou-me mais e moveu sua pelve, em uma clara demonstração do que estava por vir.

— Tenho. — Custou-me muito dizer aquela pequena palavra, mas seus movimentos roubavam toda minha sanidade.

— Eu quero você, Mady. Sem *poréns*, sem dúvidas ou arrependimentos. Não quero nenhuma barreira entre nós, principalmente o fato de você ser minha secretária. Quero você entregue de corpo e alma, como me entregarei a você. Hoje, quero que você seja minha por inteiro.

As palavras de Phillips ecoaram bem no fundo da minha mente, e eu não poderia discordar dele, embora fosse apenas sexo. Eu teria que me jogar de cabeça, sem pensar nas consequências, e, hoje, eu estava mais do que pronta para fazer isso.

Porém, tinha que admitir para mim mesma que era surpreendente o fato de Phill conseguir manter-se racional enquanto estava tão excitado e quando nossos corpos se roçavam um no outro. O autocontrole dele era admirável.

Desvencilhei do seu aperto e me virei para encará-lo, e seus olhos verdes brilhavam de antecipação e carinho. Era impossível não me sentir querida, e, até mesmo, amada.

— E eu quero ser sua por inteiro — disse, esperando que ele visse a verdade no meu olhar.

Sem esperar uma resposta, segurei seu rosto entre meus dedos e aproximei meus lábios dos seus, tomando-o em um beijo lento e delicado, sentindo o roçar da sua barba em meu rosto, matando minha vontade de prová-lo novamente. Ele pousou as mãos nos meus ombros, apertando-os levemente em meio ao beijo, deixando-me controlar e ditar os movimentos das nossas bocas, que estavam sedentas uma pela outra.

O que começou vagaroso, tornou-se cada vez mais voraz. Pedi passagem com minha língua por entre seus lábios, e ele concedeu, envolvendo a minha, pegando o controle do beijo para si. Em meio ao beijo, Phillips deslizou os dedos dos ombros para os meus braços, até chegar a minha cintura. Por onde passava, parecia deixar um rastro de fogo em minha pele, aumentando minha ânsia por ele. Apertou-me de encontro a si, me fazendo arfar quando sua ereção roçou de leve na minha intimidade. Era muito bom ter seu corpo contra o meu.

— Nossa, você é deliciosa — Phillips disse, com a voz entrecortada, depois de ficarmos sem fôlego. — Acho que nunca me cansaria de sentir seu sabor na minha língua.

— Me pergunto por que esperei tanto... — Abaixei minha cabeça e deslizei minha boca pelos seus ombros, sentindo o gosto da pele dele com minha língua. — Você é tão gostoso.

— Mady... — Levantou minha cabeça e a segurou novamente, tomando meus lábios, me devorando, me saboreando.

Envolvida pelo seu beijo quente e sua proximidade, me surpreendi quando Phill me pegou no colo, sem se desgrudar de mim, e me levou para uma área coberta que ficava nas proximidades do bangalô. Como ele era forte! Pousou meu corpo em uma cama baixa cheia de almofadas, um dos luxos oferecidos na ilha. Meus cabelos longos e desgrehados caíram em cascata e se espalharam por todo o colchão. Confesso que nem me importei com a possibilidade de algum funcionário aparecer e nos pegar no flagra. Tê-lo era o mais importante para mim.

— Tão linda — disse se acomodando em cima de mim, enquanto seus olhos percorriam todo meu corpo e suas mãos me alisavam. — Você não sabe o quanto eu sonhei em te tocar, te sentir... te beijar... — Deu um beijinho no meu queixo, na minha orelha e garganta, arrepiando meus pelos. — Diz para mim que não estou sonhando acordado, Mady. Que nada é ilusão.

— Não é, e eu quero que me faça sua. — Passei as mãos nos seus cabelos negros e macios, acariciando-os, demonstrando que eu estava ali.

Depois de deixar uma mordidinha de leve no meu pescoço, onde podia sentir minha pulsação acelerada, começou a deslizar a língua pelo meu colo até chegar no vale entre meus seios, expostos pelo decote do maiô. O toque da sua barba cerrada, arranhando levemente minha pele, era muito gostoso. Eu não era uma grande apreciadora de barbas, mas Phillips me fez repensar meu gosto, pois seus pelos potencializavam todas as sensações causadas pela sua boca.

Quando Phill percorreu com a língua toda a extensão da pele visível pela peça até chegar próximo ao meu umbigo, foi impossível não arquear

meu corpo em direção a sua boca, implorando por mais. Não imaginava que um simples gesto me deixaria molhada e ardendo para tê-lo dentro de mim.

— Calma, Mady — sussurrou, quando eu fechei as pernas uma na outra em busca de alívio —, esperei meses para te tocar e agora quero prová-la inteira.

Não tirando os olhos verdes dos meus, ele trilhou o caminho de volta, aumentando ainda mais minha ansiedade, e aproximou sua boca do meu mamilo, levando a mão para tocar o outro. Passou a língua por cima do tecido, umedecendo o bico do meu seio, fazendo-o ficar duro sob seu toque, enquanto com a mão, segurava o outro em concha e começou a massageá-lo, excitando-o. Seus pelos roçando na pele sensível dos meus seios por cima do tecido era um afrodisíaco ainda maior, incrementando o movimento da sua língua.

Brincou com meus mamilos com a mão e lábios, e quando ele puxou o bico com os dentes, algo se revirou dentro de mim, aumentando ainda mais a tensão que crescia no meu ventre. Eu me retorcia embaixo dele, querendo mais e mais da sua boca em todos os lugares. Instintivamente, arqueava meu corpo contra o dele e friccionava minha intimidade na sua ereção pulsante, aumentando minha tortura, já que Phill não parecia ter a menor pressa para se aliviar, embora seus gemidos e sons me indicassem que ele parecia fazer um esforço sobre-humano para se conter.

Puxei seus cabelos com mais força quando ele mordeu o outro seio, deixando a marca da sua saliva no tecido do maiô. Nunca pensei que acharia tal gesto tão sensual.

Lentamente, foi subindo sua boca pelo meu colo e pescoço, deixando uma trilha úmida pela minha pele, até encontrar novamente minha boca, em um beijo faminto e possessivo, roubando todo ar dos nossos pulmões. Suas mãos subiram até meus ombros, acariciando-os, e com as pontas dos dedos envolveu a alça e começou a remover a peça vagarosamente, plantando beijinhos no local. Arqueei o tronco para frente, encostando no seu peito, a fim de ajudá-lo a passar as alças pelos meus braços, deixando-me nua da cintura para cima. Sua língua fez o caminho de volta para meus seios, e, dessa vez, sem o tecido de *lycra* separando sua boca da minha pele, tomou um mamilo na boca e começou a sorvê-lo lentamente, como se fosse uma

iguaria bastante apetitosa.

Ter o seu olhar preso no meu enquanto me sugava, aumentando cada vez mais o ritmo da sua língua, me deixou no limite da minha sanidade. Eu o queria dentro de mim, e queria logo.

— Eu não aguento mais esperar, Phill — implorei, minha voz soando mais rouca do que o normal.

Ele abandonou meu seio e me olhou quando minhas mãos agarraram o cócs da sua sunga, a fim de deixá-lo nu e acelerar mais as preliminares, porém, para minha decepção, ele meneou a cabeça em negativa e, com suas mãos afastou as minhas, colocando-as de lado no colchão.

— Ainda não — nunca ouvi sua voz sair tão grossa e rouca —, eu ainda não terminei.

Arfei quando, em um movimento súbito, ele desceu o maiô até as minhas coxas, deixando meu sexo bem aparado exposto a sua vista. Pensei que iria cuidar da minha feminilidade, que estava mais do que pronta para ele, porém Phill voltou a brincar com o outro mamilo, chupando e dando leves mordidas, escorregando seus lábios pela minha barriga até meu umbigo, me fazendo gemer ainda mais. Remexi-me inteira quando a língua dele adentrou a cavidade e começou a imitar os movimentos que tanto queria em meu sexo, esfregando minha vagina sem proteção no tecido da sua sunga. Seu pau parecia ficar cada vez mais duro.

— Phill... — implorei, louca pelo alívio que só ele poderia me proporcionar.

Erguendo um pouco o corpo, Phillips flexionou minhas pernas, puxando lentamente o maiô para baixo, passando-o pelos meus calcanhares, aumentando a minha expectativa do que iria fazer. Jogou a peça para longe, pouco importando onde ela caiu.

Depois de pousar minhas pernas no colchão, começou a deslizar seu corpo no meu até ficar na beirada da cama. Levantando meu tornozelo, começou a trilhar um caminho de beijos quentes e molhados por toda a extensão da minha perna até chegar ao interior da minha coxa, demorando-se ali.

— Phill — gemi, pedindo por algo a mais, porém ele refez o caminho na mesma perna, e assim que chegou ao meu pé, pegou a outra, e recomeçou a tortura. Eu podia explodir tamanha era minha angústia.

Deu um sorriso safado quando abriu minhas pernas e aproximou seu nariz da minha vagina, respirando fundo, sentindo o cheiro da minha excitação por ele.

— Maravilhoso — sussurrou.

Fixou seu olhar no meu rosto, querendo observar minhas expressões, antes de abrir caminho com a boca e dedos pelos meus grandes lábios. Quando sua língua quente e aveludada roçou levemente nas paredes internas do meu sexo molhado, espiciei-me na cama em um espasmo de prazer. A carícia começou lenta, exploratória, sentindo todas as minhas texturas. Uma espécie de martírio, já que Phillips não tocava onde eu mais queria, onde mais ansiava. Apostava que ele estava adorando cada minuto que eu me retorcia na cama, desejando meu alívio. Sua barba roçava na pele sensível das minhas coxas, arranhando-a levemente, aumentando ainda mais o meu prazer.

— Phill — implorei, meus gemidos ficando cada vez mais altos, e puxei seus cabelos negros para mais próximo do meu sexo, num pedido silencioso por mais.

Pensei que ele ia continuar me atormentando com a carícia lenta, porém logo sua boca encontrou meu clitóris e começou a sugá-lo levemente, aumentando a pressão dos seus lábios à medida que eu arqueava meus quadris em direção a sua boca, querendo mais e mais da sua língua. Podia sentir a tensão, que se acumulava cada vez mais no meu ventre, crescer ainda mais, deixando-me a bons passos do orgasmo.

Phill era muito bom, ele me devorava sem qualquer pudor e frescura, deixando evidente em seus olhos o quanto estava gostando de ver meu corpo tremendo em êxtase com os movimentos produzidos pela sua língua.

A pressão da sua língua e boca me levava cada vez mais próximo do orgasmo, e quando tomou o meu clitóris entre seus lábios, puxando-o com delicadeza, devagar, e depois começou a sugá-lo com força, não me contive, me deixando levar pela avalanche de sensações produzida pelo toque de sua

língua. Atingi o ápice quando ele introduziu um dedo no meu canal e brincou com meu sexo, enquanto sua boca fazia pressão no meu ponto de prazer, fazendo com que meus músculos internos se contraíssem.

Fraca pelo orgasmo, deixei-me cair languida no colchão. O observei afastar a cabeça e a passar a língua nos lábios, em aprovação.

— Gostosa demais, muito mais do que eu poderia sonhar.

— E você sonhou com isso? — sussurrei.

— Você não tem ideia do quanto fantasiei com isso, Mady, mas a realidade superou todas minhas expectativas.

Saber que ele tinha sonhos eróticos comigo fazia-me aquecer, mesmo depois de ter tido um dos melhores orgasmos da vida. Queria realizar cada uma das suas fantasias.

— Hmmm...

Espreguicei na cama, sentindo as últimas ondas do orgasmo me varrerem.

— Temos tempo para realizar cada uma delas — continuei, passando meus pés pelo corpo dele, em um convite para me tomar para si. — Por que não realiza mais um?

— Tenho que buscar camisinha no quarto. — Fez um movimento para se levantar, porém o segurei.

— Eu tomo pílula e estou limpa, e você?

— Também.

Sabia que era arriscado só confiar no anticoncepcional, mas estava ansiosa para proporcionar a ele o prazer que me deu. Não queria esperar mais para tê-lo dentro de mim.

Ajudei Phillips a remover a sunga, jogando-a para o lado, deixando à mostra o membro grosso e longo, que parecia pulsar ainda mais quando se viu livre da roupa de banho. Minha boca salivou só de imaginar em tomá-lo em minha boca, porém, pelo olhar faminto de Phill, teria que deixar para mais tarde.

— Eu não aguentarei por muito mais tempo, Mady, então posso não ser tão carinhoso como gostaria.

Puxei seu rosto para o meu e sussurrei próximo aos seus lábios.

— E quem disse que eu quero ir devagar?

Tomando meus lábios nos seus em um beijo exigente, Phillips inclinou-me de volta no colchão, se acomodando em cima de mim. Sentir seu corpo nu esfregando no meu incendiou-me novamente. Sua ereção roçando na minha vagina, pronta para me tomar, fazia com que um calafrio de prazer percorresse todos meus membros.

Ainda me beijando, entrou em mim com um tranco firme, fazendo com que a parede do meu sexo se contraísse com a invasão e eu enfiasse minhas unhas nas suas costas com o impacto. Era delicioso sentir seu pênis grosso e longo dentro de mim.

Movia-se lentamente no início, mas logo Phill começou a aumentar o ritmo, tentando prolongar o prazer de ter nossas pélvis se chocando em meio ao êxtase e gemidos, de construir nosso orgasmo juntos. Porém, não queria ele contido, queria ver Phillips perdido pelo êxtase.

Envolvi sua cintura com as pernas, incentivando-o a ir mais fundo no meu canal, e finquei minhas unhas com mais força quando Phill enterrou bem fundo dentro de mim, aumentando meu prazer. Queria que ele fundisse seu corpo ao meu.

Gemi em meio ao beijo quando ele mexeu um dedo, procurando o meu clitóris para massageá-lo, enquanto seu pênis entrava e saía do meu canal, fazendo com que a tensão no meio das minhas pernas crescesse de maneira avassaladora.

Nossos corpos estavam frenéticos um pelo outro, chocando-se, com cada vez mais força, em uma busca cega pelo prazer, fazendo-nos gemer cada vez mais alto. Os movimentos circulares do seu dedo no meu ponto de prazer faziam com que a onda do orgasmo quase me afogasse.

Antes de se entregar ao êxtase, Phill beliscou de leve meu clitóris, levando-me junto com ele quando deu uma última estocada, que pareceu atingir meu útero, deixando seu líquido quente escorrer para dentro de mim.

Suado e ofegante, Phillips apoiou seu corpo nos braços para não me esmagar, mantendo-se ainda dentro de mim. Permanecemos assim por um tempo, nos encarando, tentando recuperar nosso fôlego. Assim que se sentiu mais recomposto, saiu de dentro de mim e rolou para o lado, deixando-me com uma sensação de perda, que nunca tinha sentido antes. Aninhou-me contra seu peito, que ainda estava agitado, colocando uma perna entre as minhas, e plantando um beijo carinhoso na minha nuca.

— Humm... — Me esfreguei nele, me acomodando melhor contra seu corpo, sentindo seu pau semiereto contra a minha bunda. — Isso foi delicioso.

— Incrível — sussurrou na minha orelha, plantando um beijinho ali. Foi impossível não arquear as costas contra o peitoral dele. Phill passou um braço pela minha cintura, pousando uma mão sobre meu seio, fazendo movimentos leves e circulares. — Terei muito trabalho para te acompanhar, senhorita Jameson.

— Você ainda não viu nada, senhor Brown — brinquei, fazendo-o gargalhar alto enquanto apertava o bico do meu seio.

— Você é espetacular, sabia? — disse, com duplo sentido.

Não sabia se eu chegava a tanto, mas de uma coisa eu tinha certeza: nossa primeira vez juntos só me fez desejá-lo ainda mais.



Phillips

Capítulo dezessete

Acordei quando os raios de sol entraram pela janela ampla. Tinha o corpo nu de Mady próximo ao meu. Sua bunda colada a minha pelve fez com que meu pau acordasse, porém ignorei. Madeline deveria estar dolorida pela noite anterior, pois nos amamos várias vezes, e em diferentes posições, realizando parte dos meus sonhos eróticos com ela. Só de relembrar, meu pênis começou a pulsar freneticamente com o desejo de me enterrar nela novamente, de sentir os músculos internos da sua vagina comprimindo meu pau. Não sei como ela conseguia controlar os movimentos da região, só sei que me deixava maluco e ansiando por mais.

Transar com ela superou todas minhas expectativas e só provou minha teoria de que ela era fogosa. Madeline era insaciável, e, muitas vezes, foi difícil acompanhá-la. Só um bosta e ruim de cama como aquele Robert diria para aquela mulher que ela era fria e sem sal.

Os três dias que passamos juntos, depois de termos feito sexo pela primeira vez, foram simplesmente maravilhosos. Tínhamos dividido o nosso

tempo entre trabalhar, fiscalizando os edifícios da ilha, comprovando que os relatórios não mentiam, em conhecer algumas das atividades voltadas aos turistas, pensando em formas de como melhorá-las, e a nos dar prazer.

Mas o que eu mais amava era poder dormir e acordar com ela nos meus braços. Não sabia o quanto precisava disso, até que tive. E agora que conhecia o gosto de tê-la tão próximo a mim, não queria perder nossa proximidade, nosso companheirismo. Só precisava convencer Mady que o que eu sentia não era algo passageiro, que a queria comigo, não só pelo sexo, mas por quem ela era.

Estava perdido nos meus pensamentos quando Mady se moveu na cama, virando-se para mim, e seus olhos castanhos brilhavam de felicidade.

— Bom dia — cumprimentou-me com um breve selinho. — Dormiu bem?

— Bom dia. Melhor impossível. — Passei os braços pelo seus e comecei a alisá-los. — Você tem o poder de me deixar relaxado, e bastante cansado, para ser sincero. — Ela gargalhou baixinho próximo ao meu ouvido, e o som soava como a mais bela melodia.

— Ah, é? — Beijou meu ombro, dando uma mordidinha no local, fazendo com que meu pau latejasse.

— Mady... — Cerrei os dentes, tentando conter meus impulsos.

— Que foi? — Trilhou com a língua até meu pescoço, fazendo com que um calafrio me varresse, e mordiscou-o na base. — Não gosta de acordar assim?

— Você sabe que sim, mas ontem... — Silenciou-me ao pousar seus lábios contra os meus, roçando-os suavemente.

— Posso te dar prazer de outra forma — falou, maliciosa, umedecendo o contorno da boca, chamando minha atenção para o local.

Sem me dar chance para falar, empurrou-me contra o colchão e, com um movimento súbito, subiu em cima de mim, acomodando-se de modo que meu membro não se aproximasse da sua fenda, onde eu mais queria entrar. Seus seios pendulavam sobre meu rosto e foi impossível não tomar o mamilo escuro na boca. Porém, antes que eu começasse a sugá-lo, Mady me deu um

tapinha, afastando a minha mão.

— Não. Agora é a minha vez.

Grunhi em resposta quando ela deslizou pelo meu corpo, pousando suas mãos no meu peito e passando os dedos entre meus pelos. Para não me sentir tentado a tocá-la, cruzei meus braços embaixo da cabeça e deixei que Mady fizesse o que quisesse de mim.

— Você gosta? — disse ao arranhar a pele do meu peitoral com suas unhas compridas, o que achei muito sexy.

— Sabia que era parte da minha fantasia? — Gemi, quando ela começou a descer a mão até alcançar meu abdômen, aplicando um pouco mais de força na região. — Só que nos meus sonhos elas estavam pintadas de vermelho.

— Que pena que troquei o esmalte. — Para me torturar, continuou a raspar toda a minha barriga, aplicando uma leve pressão com as pontas dos dedos, até que parou no meu umbigo, sua boca substituindo as unhas. Descruzei os braços e joguei-os sobre o colchão, meu corpo se arqueando com um espasmo. Foi instintivo movimentar minha pelve em direção ao dela, quando Mady começou a descer em direção ao meu pênis. Meu sexo pulsava freneticamente com a antecipação do que estava por vir, porém, para minha decepção, ela parou de me beijar quando se aproximou de onde eu mais queria a sua boca.

— Não é bom quando o feitiço vira contra o feiticeiro? — Sorriu, maliciosa, e tomou meus testículos nas suas mãos, começando a brincar com eles, rodando-os entre os dedos.

— Porra! — Não contive o palavrão quando ela apertou com um pouco mais de força, fazendo-a rir.

Soltando minhas bolas, aproximou-se do meu pau, e, com a ponta do indicador, percorreu toda minha extensão, da base até a ponta, e pressionou o cume onde saía o líquido do meu pré-goço. Com a outra mão, começou a subir e descer pelo meu comprimento enquanto realizava movimentos circulares no topo, fazendo com que eu gemesse entredentes e agarrasse o lençol com mais força.

— Olhe para mim, senhor Brown. — Adotou a formalidade, entrando no papel de secretária submissa, algo que nunca foi. E que era extremamente *sexy*.

— Humm.. — Forcei-me a encará-la enquanto seus dedos finos e longos se moviam, deixando meu pau ainda mais duro.

Sabendo que tinha minha atenção sobre si, retirou o indicador molhado pelo meu esperma e o levou a boca, sentindo meu gosto e chupando-o, como se fosse meu membro. A imagem era muito mais erótica de qualquer sonho que um dia tive e precisei me segurar para não gozar em suas mãos, pois sabia que ela tinha outros planos para mim.

Ainda encarando-me, Madeline substituiu seus dedos pela língua, lambendo-me por inteiro, arrancando toda minha sanidade, fazendo-me contorcer no colchão. Porra, se Mady continuasse assim, eu não iria aguentar por muito tempo.

Peguei seus cabelos bagunçados com uma mão, em um pedido silencioso que me tomasse em seus lábios, embora meus gemidos me delatassem.

— O que você quer, Phillips? — provocou-me, mas seu olhar dizia-me muito. — Isso? — Tomou a cabeça do meu pênis entre os lábios e sugou de leve, aumentando a minha ânsia, para depois se afastar.

— Mady — supliquei, com a voz rouca tomada pelo desejo. — Eu...

Calei-me quando Madeline enfiou meu pau por completo em sua boca e começou a se movimentar lentamente, parando para sorver e lambe a fenda na minha glândula. Ver os seus lábios, ainda inchados pelos beijos que trocamos na noite anterior, me tocando daquela forma, engolindo e sugando meu pau, estava além das minhas expectativas. Ela aumentou o ritmo e segurei seus cabelos com força, movimentando-me contra sua boca, querendo me afundar cada vez mais nela em busca do prazer. Minhas órbitas reviraram quando o êxtase ia ganhando mais força.

Quando ela me tomou no fundo da garganta, não uma, mas várias vezes, empurrei-a de leve contra a cama, chegando ao ápice pouco depois, urrando de satisfação. Meu corpo estava trêmulo e fraco pelo orgasmo proporcionado por Mady, e meu semen saía em jatos, melando meu abdômen

e o lençol.

Ajeitei-me na cama, notando que, com o indicador, Madeline começou a se masturbar na minha frente, massageando e apertando o seio com a outra mão.

Gemi de desejo quando a vi se tocando, com meu pau dando sinal de vida, mesmo depois de gozar.

Enquanto eu continuava a observá-la, ela ganhava cada vez mais coragem, enfiando mais um dedo em sua fenda, retirando-o logo depois, para logo adentrar novamente, em um vai e vem, acelerando o ritmo para aumentar seu próprio prazer. Não conseguindo mais me conter, com a excitação crescendo em mim, inclinei-me em sua direção e retirei seus dedos, substituindo pelos meus, que eram mais longos e grossos do que os dela.

Ao mesmo tempo, tomava seus lábios em um beijo faminto, fazendo-a arquear contra minha mão e se apoiar nos meus ombros. Acelerei a cadência, fazendo Madeline gemer e rebolar ainda mais, alucinada, presa na espiral de desejo, indo em direção ao orgasmo.

Meu dedo encontrou seu clitóris e comecei a massageá-lo, fazendo com que Mady soltasse um gritinho de deleite, esfregando sua vagina com mais força. Quando puxei de leve seu ponto de prazer, ela soltou um grito em meio ao beijo e ficou mole em meus braços, alcançando o clímax. Retirei-me dela e a abracei, não me importando de sujá-la com seu líquido, sentindo sua respiração acelerada pelo subir e descer frenético dos seus seios.

Continuamos assim por um tempo até que nossas respirações se acalmassem. Dando um beijo na testa dela, desvencilhei-me dos seus braços para me levantar da cama.

— Vamos tomar banho? — minha voz saiu rouca.

Ela assentiu com a cabeça, brindando-me com um sorriso.

— Sim, precisamos terminar de inspecionar o resto das instalações da ilha. — Assumiu seu lado profissional, fazendo-me arquear uma sobrancelha.

— Só porque eu tinha outros planos. — Fingi decepção.

— Besta. — Levantou-se, me dando um selinho. — Vamos, podemos

aproveitar mais tarde.

— Okay. — Sem que ela estivesse esperando, peguei Mady no colo, que deu um gritinho de surpresa, e caminhei até o banheiro.

Ela que pensasse que eu deixaria para mais tarde...



Por mais que eu quisesse ficar enterrado em Mady ou beijá-la o dia inteiro, ela me chamou a razão, argumentando que faltava pouco e que quanto mais rápido terminássemos de olhar tudo, mais cedo poderíamos ter tempo só para nós. Depois de tomarmos um banho demorado, pelas mãos, bocas e corpos que não se cansavam de se tocar, e de Madeline enviar uma mensagem para a irmã, saímos do bangalô e fomos até a garagem coberta para pegar o carrinho de golfe.

— Dessa vez eu dirijo — aproximou-se do banco do motorista e estendeu a mão —, dá a chave para mim.

— Okay. — Joguei-as para ela, que as pegou no alto, e se sentou atrás do volante, colocando a chave na ignição. Deu partida, saindo da garagem, e tomou o caminho de cascalho.

— Sua irmã já sabe que você vai passar o final de ano comigo? — puxei assunto e pousei minha mão na sua coxa, em um gesto de posse e afeto.

— Sim, antes de viajar já tinha falado para Jane dessa possibilidade, mas faz uns três dias que confirmei para ela. — Sorriu. Seus cabelos estão voando livres ao vento. — Ela até me contou que nossos pais chegaram de viagem do Brasil e que estavam empolgados depois de tudo o que viram.

— Você não se importa de não estar com eles esse ano? Sei o quanto você gosta de datas comemorativas. — Senti uma pontinha de culpa ao pensar que estava sendo egoísta em afastá-la dos seus familiares. Porém, esperava recompensá-la pelos seus sacrifícios.

— Para ser sincera, não. — Seu sorriso ficou ainda mais largo. — Estou adorando passar esse tempo com você. — Tirou uma mão do volante,

pousando em cima da minha.

Suas palavras foram diretas no meu coração e um calor gostoso brotou dali, irradiando por todo meu corpo. Amor...

— Eu também. Mais do que qualquer coisa na minha vida. — Virei meu rosto, encarando sua face ruborizada em meio aos fios que se agitavam e batiam contra sua pele.

— Até mesmo suas posses, senhor CEO todo poderoso? — brincou.

— Eu não pensaria duas vezes em dar tudo o que eu tenho em troca de passar um tempo com você — falei, sério. — Não menti quando disse que precisava de você, independente da sua decisão.

— Eu não sei o que dizer... — Droga, não deveria ter tocado nisso. Ela precisava de mais tempo para compreender o que eu sentia por ela.

— Não precisa falar nada... — Apertei sua mão e fiquei em silêncio, observando a mata fechada enquanto ela dirigia. — Como está Jane?

— Ela está ótima, poderia dizer que melhor impossível, já que os sobrinhos de Michael passarão o Natal com eles. — Riu. — Ela ama crianças.

— Ela sabe da gente? — perguntei, sem me preocupar em ser discreto. Confesso que depois de transarmos, essa questão ficou martelando na minha cabeça. — Sei o quanto vocês são próximas e confidentes uma da outra.

— Conte, sim, tem algum problema? — sussurrou. — Não conseguiria esconder uma coisa dessas dela. Sempre falamos dos nossos relacionamentos abertamente e apoiamos uma a outra quando as coisas não vão bem.

— Não, não, era mais uma curiosidade minha. E o que ela acha disso? — Remexi no assento, desconfortável com a possível resposta.

— Para ser sincera, Jane sempre foi a sua maior aliada — riu, me fazendo sentir aliviado —, por ela, eu deveria ter me jogado nos seus braços a muito tempo. E sou obrigada a concordar com minha irmã.

— É? — Arqueei uma sobrancelha.

— Você é muito bom no que faz, Phill — falou com duplicidade, fazendo com que meu pau reagisse às suas palavras.

— E você é muito gostosa, sabia? — gargalhei.

— Você fez questão de me mostrar e espero que continue assim. — Sorriu, maliciosa.

Estava tão envolvido que não vi quando ela parou o carrinho em frente a um depósito e desceu do veículo, pegando o tablet na bolsa.

— O senhor não vem, senhor Brown? — Olhou-me com tanto desejo que tive que me conter para não tomá-la ali mesmo, onde alguém poderia nos ver. Saiu rebolando, chamando minha atenção para os seus quadris e bunda ressaltados pela saia justa e formal.

Saí do veículo e ajeitei meu pau semiereto na calça, esperando um pouco até que abaixasse. Seria constrangedor alguém ver minha falta de autocontrole por aquela mulher.

Suspirei fundo e passei a mão na cabeça. Terminar esse trabalho seria mais difícil do que eu poderia imaginar.



Phillips

Capítulo dezoito

O sol já brilhava forte no céu quando levantei-me da cama, tomando cuidado para não acordar Mady, que ainda dormia profundamente. Era véspera de Natal e, em meio ao trabalho, que finalmente tínhamos acabado, e ao sexo, tinha me esquecido completamente de preparar algo especial para ela, já que Madeline não poderia passar a data com os seus familiares. Por sorte, eu tinha dinheiro suficiente para pagar por agilidade e pelo melhor.

Desde que minha avó faleceu, eu não comemorava as festas de final de ano, passava esses dias trabalhando, porém queria que a primeira vez que passaríamos aquelas datas juntos fosse algo bastante romântico e memorável. Seria mais uma oportunidade para demonstrar a Mady que eu faria de tudo por ela, e que meus sentimentos eram fortes, não algo passageiro.

Depois de fazer minha higiene matinal, desci a escada, e fui para o andar térreo para usar o telefone que comunicava diretamente com a sede da

ilha, discando para lá.

— Bom dia, senhor. Em que posso ajudá-lo? — Uma voz feminina soou do outro lado da linha.

— Bom dia, o Jake já chegou?

— Sim, só um momento que vou chamá-lo. — O telefone ficou mudo por algum tempo, até que ouvi o som de vozes ao fundo.

— Senhor Brown, em que posso ajudá-lo? — perguntou o gerente, com o seu sotaque nasalado.

— Sei que está em cima da hora, mas você pode providenciar algumas coisas para mim? — Cocei a barba no meu queixo. Confesso que estava precisando apará-la, porém Mady parecia gostar dela assim. Ainda mais quando meus pelos roçavam nas partes internas das suas coxas em meio ao oral.

— Posso pedir que tragam de helicóptero da cidade mais próxima, mas depende do que o senhor deseja.

— Eu gostaria que você providenciasse alguns enfeites natalinos para decorar a pequena sala de jantar e que mande alguém para ornamentar o local enquanto eu e Mady passeamos pela ilha. — Pausei, listando mentalmente tudo que eu precisaria pedir. — Quero muitas velas também. Hummm, existe a possibilidade de vocês prepararem algo especial para a ceia? Posso recompensar bem a todos pelo favor de última hora.

— Claro. Miny, a auxiliar de cozinha, está precisando de uma renda extra, então tenho certeza que ela pode preparar algo. Para ser sincero, ela tem um tempero melhor que o do *chef*. — Riu do próprio comentário, me fazendo sorrir. — Só não conte para ele.

— Pode deixar, será um segredo nosso. Fale para Miny que estou pensando em uma salada de entrada, algo com salmão como principal, e um mousse de chocolate. Ela será bem paga por isso.

— Okay. O senhor quer que eu providencie um presente também? — Franzi o cenho, estranhando a pergunta, pois, para mim, comprar um presente para alguém era algo bastante pessoal. Contudo, depois de um tempo, me lembrei que muitas pessoas endinheiradas delegavam essas compras a suas

secretárias e funcionários, algo inaceitável para mim. — Um par de brincos ou um anel?

— Não precisa — respondi, depois de passar um tempo refletindo.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Um bom vinho para acompanhar.

— Ótimo. Já começarei a providenciar tudo que o senhor pediu, mas caso se lembre de mais alguma coisa, é só me avisar. O senhor prefere que entreguem o café da manhã no bangalô?

— Se possível.

— Okay.

— Obrigado, Jake.

— É um prazer, senhor.

Desliguei o telefone e permaneci encostado na ilha de mármore da cozinha, observando a vista, perdido em meus pensamentos, até que ouvi os passos de Mady descendo as escadas.

— Phill? — chamou-me, com sua voz ainda rouca. — Onde você está?

— Estou na cozinha. — Continuei parado, esperando que ela se juntasse a mim.

Assim que se aproximou, envolveu minha cintura com seus braços finos, dando uma mordidinha no meu ombro.

— Bom dia, Phill.

— Bom dia, querida. — Virei-me em seus braços e a abracei de volta, dando um selinho nos seus lábios rosados e sedutores. — Dormiu bem?

— Sim, e você? Acordou cedo?

— Não muito, faz pouco tempo. Já pedi para entregarem nosso café-da-manhã aqui.

— Humm. — Enlaçou meu pescoço e tomou minha boca em um beijo

que começou suave e foi se aprofundando, com sua língua enlaçando a minha, explorando-me. — Assim está melhor — sussurrou, sem fôlego, quando se afastou em busca de ar.

— Realmente. — Puxei-a com força para mim, roçando seu corpo no meu e unindo nossas bocas novamente, devorando-a. Estava mais do que viciado no seu gosto. Erguendo-a em cima do balcão, afastei suas pernas com a minha coxa e fui descendo minha boca até o topo dos seus seios, me demorando nos lugares que sabia serem as zonas erógenas dela. Quando comecei a friccionar meu pau na sua entrada, a fim de excitá-la, alguém bateu na porta, fazendo com que Mady desse um saltinho e tentasse se afastar. Merda!

— Deve ser o nosso café da manhã — sussurrou.

Afastei-me dela, soltando um rosnado por ser interrompido, me arrependendo de ter pedido o maldito café. O clima tinha ido por água abaixo.

— Já vai — falei grosso.

— Phillips — Mady me recriminou, descendo da ilha de mármore.

— Okay, me desculpe.

Caminhei em direção a porta e a abri para o homem que segurava uma travessa grande contendo nossa refeição. Pedi que a colocasse na bancada, dei uma gorjeta, mesmo que ele tenha atrapalhado meu prazer, e o rapaz saiu logo do bangalô. Fiz um gesto para que Mady se sentasse no banco alto e comesse. Sentei-me ao lado dela, peguei um pãozinho da bandeja e me servi de uma xícara de café.

— O que você quer fazer hoje? — ela perguntou, depois de terminarmos nossa refeição.

— Que tal mergulharmos no outro lado da ilha? Ainda não conseguimos ver a barreira de corais. — Relembrei-a da tarde em que transamos pela primeira vez, fazendo-a ruborizar.

Nadar no outro lado da ilha era a desculpa que eu precisava para afastá-la da casa, para que os funcionários deixassem tudo pronto para a noite. Esperava que ela gostasse da surpresa.

— Uma ótima ideia, deve ser lindo. Só vou ligar para minha irmã antes de vestir o maiô. — Deu-me um beijo prolongado e se levantou.

— Perfeito. Enquanto isso, vou ver se tem algum e-mail do Miller.

— Okay.

Fiquei observando-a caminhar em direção às escadas, depois saltei do banco e fui até a sala a fim de abrir meu e-mail. Ainda tinha algumas coisinhas para resolver.



Passamos o restante da manhã e da tarde mergulhando na barreira de corais, que por sinal, foi uma experiência incrível. Paramos apenas alguns instantes para nos hidratar e comer algo, descansando por um tempo nas espreguiçadeiras fincadas na areia. Voltamos para o bangalô quando já estava bem escuro. Nunca esqueceria esse dia, principalmente o sexo que fizemos em meio a água cristalina e o recife. Não sabia que Mady iria sugerir algo tão louco, porém não podia negar que foi delicioso, embora um pouco estranho pela falta de apoio. Mal podia esperar pela próxima aventura sexual proposta por ela. Com Madeline, nada nunca pareceria igual.

Por de trás da aparência séria e profissional, aquela mulher pegava fogo. Não via a hora de transar com Mady no meu escritório, com aquela maldita saia-lápis justa que usava quando ia trabalhar, que me fazia fantasiar. A imagem dela rebolando em cima de mim, com a saia levantada até a cintura, comigo sentado na minha cadeira presidencial, tornava-se cada vez mais vívida na minha mente. Era uma das primeiras coisas que faria quando voltasse para Nova Iorque.

Afastei esses pensamentos enquanto tentava prestar atenção na comédia romântica natalina que passava na tv e pegava um pouco de pipoca do balde, contudo a ansiedade começou a corroer dentro de mim. Faltava pouco para meia-noite e nem tive tempo de conferir o que os funcionários da ilha prepararam na sala de jantar. Naquela altura do campeonato, só me restava confiar neles.

Depois de tomarmos um banho para tirar o sal e a areia da pele, nos amando novamente, e indo até a cozinha para comermos alguma coisa leve, perguntei a Mady o que ela queria fazer, e ela sugeriu que fôssemos assistir um filme, para ficarmos bem agarradinhos. Acho que esse era o terceiro, mas não sabia ao certo, estava mais preocupado com o que ela acharia da surpresa. Os minutos passavam lentamente e quando deu cinco para meia-noite, suspirei, aliviado.

— Que foi, Phill? — Me encarou, e seus olhos castanhos brilhavam de felicidade.

— Tenho uma surpresa para você, Mady.

— Surpresa? — perguntou, animada. — Onde?

— Você vai ver. Só que para isso, vou ter que te vender.

— Huum... parece delicioso. — Passou a língua pelos lábios, maliciosa.

— Não é nada disso que você está pensando, bobinha. Venha cá.

— Que pena — fez um muxoxo —, mas adoro uma surpresa. Não vejo a hora de saber o que é.

Virou de costas para mim e esperou que eu vendasse seus olhos com uma gravata, já que não tinha coisa melhor para usar. Aproveitando que ela estava vendada, peguei uma caixinha na minha mala, guardando no bolso da minha calça de moletom.

— Phill? — Sua voz soou bastante rouca aos meus ouvidos.

— Preparada?

Assentiu com a cabeça, então a peguei no colo, fazendo com que ela soltasse um gritinho com o movimento inesperado. Saí do quarto, descendo as escadas com cuidado, para que um desastre não acontecesse até chegar à sala de jantar. Com um pontapé de leve abri a porta e pousei-a na soleira, de costas para o cômodo. Quando olhei para o ambiente, percebi que não poderia estar mais perfeito. Arranjos feitos com bolas natalinas e festões, em prata e vermelho, estavam espalhados por todo o ambiente, várias velas queimavam em suportes de ferro pintados de dourado enfeitados com laços, e

um pequeno pinheiro de plástico todo decorado estava no canto da pequena sala. Além disso, a mesa estava impecavelmente arrumada nas cores mais tradicionais do período.

— Phill? — me chamou, estranhando o silêncio súbito.

Sem responder, tirei a venda improvisada dos seus olhos e ela me encarou, não entendendo por que eu a tinha levado até ali, quando seu olhar fixou-se no alto.

— Um visco?

— Sim. E sabe o que diz a tradição, não é?

Sem esperar resposta, aproximei o seu corpo do meu, beijando seus lábios até roubar todo o ar dos seus pulmões, exigindo com a minha língua e lábios sua total entrega.

— Phillips... — sussurrou contra a minha boca.

— Feliz Natal, meu amor. — Virei seu corpo em direção a sala de jantar e quando percorreu todo o ambiente com o olhar, ela arquejou de surpresa contra meu peito.

— Phill... — Adentrou o local e tocou em um dos arranjos natalinos que estava sobre a mesa. — Você fez isso para mim?

Aproximei-me dela e limpei com as costas das mãos uma lágrima que escapou dos seus olhos.

— Sei o quanto essa data é importante para você, e já que você não pode estar com seus familiares... — Dei de ombros.

— Ficou lindo! Não tenho palavras para te agradecer — sussurrou, parecendo emocionada.

— Sempre farei o que estiver ao meu alcance para te fazer feliz, Mady. — Passei a mão no rosto dela, acariciando-a. — Sempre.

Tirei o embrulho do bolso da calça, pousando em suas mãos trêmulas. — Abra, é para você.

Sem jeito, Madeline abriu a caixinha, mal acreditando no que seus olhos viam.

— Phill, é maravilhoso — mais lágrimas escaparam dos seus olhos quando viu a correntinha de ouro com um pingente de um pequeno cachorrinho com o nome Toby gravado atrás —, foi a coisa mais linda que já me deram. Mas quando você ...?

— Eu comprei a correntinha a bastante tempo, em um joalheiro de Nova Iorque. Achei que você poderia gostar assim que vi o pingente, quando fui comprar um relógio. Só mandei gravar o nome do seu bichinho. — Virei ela de costas para mim e peguei o colar das suas mãos, a fim de o colocar em seu pescoço. Depois de me embaralhar com o fecho delicado, pousei meus lábios na sua nuca, fazendo com que seus pelos se arrepiassem. — Fico feliz que gostou.

— Eu amei, mas não tenho nada para você. — Pousou a mão no pingente, ainda incrédula, se movendo para me encarar.

— Você me deu muito mais do que imagina, Mady. E ainda te mostrarei o quanto. — Abracei-a com força e roubei mais um beijo seu, deixando-nos sem fôlego, demonstrando tudo aquilo que eu queria dizer apenas com o toque dos meus lábios, evidenciando todo o desejo e sentimento que nutria por ela.

— Obrigada, Phill — murmurou contra minha boca. — Feliz Natal para você, também.

— Está com fome?

— Um pouco — riu —, vamos comer?

— Primeiro as damas. — Me afastei para puxar uma cadeira para ela se sentar e fui servi-la. Comecei enchendo sua taça com o vinho tinto, que, pelo que olhei de relance, era de uma das melhores safras, depois, coloquei um pedaço de salmão e salada no seu prato. Sentei-me de frente a ela, preparando um prato para mim também.

— Um brinde a gente, Mady.

— A nós. — Bebericamos o líquido depois que nossas taças se tocaram. Seus olhos castanhos transbordavam satisfação e felicidade.

Enquanto comíamos, conversávamos sobre várias coisas, relembrando, principalmente, como era o Natal em nossa infância. Depois de nos darmos

por satisfeitos, saímos do bangalô e nos sentamos nos degraus da casa. Mady pousou a cabeça nos meus ombros, e ficamos ali observando o mar e as estrelas até que o cansaço pesasse sobre nós e a aurora começasse a surgir, obrigando-nos a entrar e deitar na nossa cama.



Madeline

Capítulo dezenove

Deixar a Ilha *Pumpkin* e tudo que vivemos naquele lugar foi mais difícil do que pensava. Boa parte de mim tinha medo que o idílio que vivemos se evaporasse quando voltássemos a Sydney, embora sentisse que Phillips também estava relutante em regressar. Porém, passamos tempo demais ali e tínhamos que iniciar os trâmites legais para a compra da ilha, marcando uma reunião com os donos e o agente imobiliário o mais breve possível. Passamos o voo inteiro repassando os detalhes que observamos quando estivemos no local e revisando as planilhas de custo das melhorias a serem feitas.

Para a minha surpresa, quando chegamos ao hotel, nada mudou entre a gente, o que me deixou um pouco aliviada. Ainda fazíamos muitas coisas juntos e o fogo ardia entre nós dois. Nossos corpos não se cansavam um do outro, querendo sempre mais e mais. Tínhamos tanta fome, tanto desejo, que não conseguíamos nos controlar. E a combinação desse fervor com os gestos carinhosos de Phillips me deixavam cada vez mais confusa quanto ao que

sentia por ele. Não, não, não. Eu não poderia estar apaixonada por ele, não em tão pouco tempo. Era impossível, ainda mais que fazia menos de dois meses que meu relacionamento com Robert tinha acabado.

Suspirei fundo e terminei de passar o batom nos meus lábios. Nutrir esses sentimentos por ele, exigindo mais do que Phill poderia me dar, acabaria por nos ferir mais do que acreditávamos ser possível.

— Você já está pronta, Mady?

Encarei o espelho enquanto passava um pouco mais de rímel nos olhos, vendo ele se aproximar, impecavelmente vestido com o seu terno escuro sob medida. Parou atrás de mim, agarrando-me pela cintura.

— Ainda não.

— Está linda, como sempre, e bastante cheirosa. — Inspirou fundo, plantando um beijo atrás da minha orelha, fazendo com que um calafrio varresse minha espinha. — E muito atrasada também. — Me deu um tapinha na bunda e se afastou.

— A culpa é sua, senhor Brown — comentei enquanto colocava os brincos.

— Minha? — Fez-se de desentendido.

— Se você não tivesse me prendido na cama, eu... — Ele gargalhou alto, fazendo-me sorrir também. — Estou pronta.

Passei por ele, pegando minha bolsa que estava jogada em um canto do quarto, sendo seguida por Phil.

— Então vamos. — Deu-me a mão e deixamos a suíte. Saindo do hotel, caminhamos até o ponto de táxi.

— *Bayswater Rd*, número 40, por favor — Phillips deu o endereço ao homem.

— Tudo bem.

Quando adentramos no restaurante, fiquei embasbacada com a beleza do local, uma mistura do rústico e o melhor que o luxo poderia oferecer.

— Boa tarde, senhor — cumprimentou um atendente —, fizeram

reserva?

— Não, estamos esperando umas pessoas. Provavelmente, eles já devem ter chegado — Phillips comentou.

— Qual o nome?

— Bloom, Jennifer e Victor Bloom.

O homem consultou o seu *tablet*, afirmando com a cabeça.

— Sim, eles já chegaram. Vou levá-los até a mesa.

Seguimos o homem até os fundos do restaurante, que se abria para um pequeno jardim, até uma mesa onde três pessoas aguardavam. O aroma do local era inebriante, fazendo com que eu quase esquecesse do porquê de estarmos ali. Aprimei-me dando o meu melhor sorriso enquanto Phillips cumprimentava a todos.

— E você é...? — A mulher de meia-idade, com os cabelos loiros com corte *chanel*, virou-se para mim, estendendo-me a mão em saudação e eu a apertei, com educação.

— Sou Madeline Jameson, a secretária do senhor Brown. — Quando falei isso, vi com o canto do olho que Phill franziu o cenho, como se discordasse, porém não disse nada. Notei que um brilho de interesse surgiu nos olhos da mulher.

— Sentem-se, por favor — pediu o agente imobiliário. — Temos muito o que conversar.

— Claro.

Sentamos na mesa e começamos uma conversa trivial sobre nossas vidas enquanto fazíamos nossos pedidos.

— E como foi a estadia na Ilha *Pumpkin*? — perguntou o senhor Bloom, depois que o garçom se afastou.

— Confesso que superou todas minhas expectativas — Phillips respondeu, e seus olhos verdes fixaram nos meus, transmitindo-me uma mensagem silenciosa que arrepiou todos meus pelos. — Viemos para tranquilizar nossos acionistas quanto a compra, mas as informações que

minha equipe coletou eram bastante detalhadas.

— Fico feliz, Phillips, que gostou do local — O proprietário respondeu, satisfeito, provavelmente, certo de que hoje fecharia negócio. — É sempre bom comprovar com os próprios olhos, afinal, custa um bom montante.

— Sim, embora eu confie nos meus funcionários. Só os melhores trabalham para mim. — Sorriu.

— E você, senhorita Jameson? — a mulher me interpelou enquanto pousava a mão na do marido, em um gesto carinhoso. Tinha quase toda a certeza que ela sabia que eu não era apenas a secretária de Phill.

— A estadia foi muito boa, mas acho que seria impossível não ter sido, pois o lugar é muito bonito — respondi, polidamente.

— E bastante romântico, também — comentou, maliciosa, fazendo-me ficar vermelha de vergonha.

— Tenho que concordar com você, querida — Victor Bloom apertou a mão da esposa —, não é à toa que fizemos todos os nossos filhos ali.

Todos os presentes riram, menos eu e Phillips. A conversa estava constrangedora, e Phill sabia o quanto estava ficando nervosa com a insinuação da mulher.

— Isso é muito bom para os negócios — o agente retomou a conversa ao perceber que o possível comprador não estava gostando do rumo que estava levando. — Romance sempre vende e está na moda. Atrairá muitos casais nas temporadas de férias e aqueles que estão em busca de diversão.

— Verdade, e acho que podemos explorar muito mais a ilha. Eu e Madeline estávamos pensando em fazer algumas modificações no prédio principal, a fim de alugar *kitnets* para turistas que não possam pagar por todo o luxo que a Ilha irá oferecer. Claro, que para isso, teríamos que dividir a ilha em duas sessões...

Continuamos a conversar enquanto comíamos e, vez ou outra, a mulher fazia insinuações desagradáveis ou conversava sobre a vida dela, sendo imediatamente cortada por Phill. Tinha que agradecer, e muito, a ele por isso.

— Então é isso? — perguntou o proprietário ao fim da refeição.

— Sim, assinarei o contrato nos próximos dias, só pedirei que meu departamento jurídico dê uma olhada nele novamente para ver se está tudo certo — Phillips comentou. — Também entrarei em contato com meu banco pedindo para que eles comecem a mobilizar o dinheiro para realizar a transferência depois do Ano Novo.

O corretor se regozijou quando Phill, finalmente, falou que iria comprar a ilha. Em breve ele teria a comissão tão sonhada.

— Então, negócio fechado. — Victor Bloom estendeu a mão para Phillips, que apertou a mão do homem.

— Entrarei em contato com vocês nos próximos dias.

— Ficarei no aguardo. — Sorriu, contente por ter vendido a ilha que estava há meses no mercado.

— E sobre os prédios? — Osborn, o corretor, interpelou Phill.

— Ainda temos que verificar muitas coisas, mas não poderei fazer isso pessoalmente. — O homem pareceu murchar, mas logo retomou seu ânimo.

— É uma pena.

— Vamos, Madeline? — Phillips estendeu a mão para mim.

— Claro.

Nos despedimos de todos e, quando saímos do restaurante, um alívio percorreu meu corpo. Esperava nunca mais encontrar aquela mulher na minha vida. E se dependesse da expressão de Phillips quando deixamos o local, isso não mais aconteceria.



Phillips

Capítulo vinte

Deixar a reunião foi a sensação mais libertadora que senti na vida, pois minha paciência com aquela mulher estava por um fio. Tinha que confessar que quando Madeline se apresentou como a minha secretária, isso me incomodou bastante, pois queria gritar aos quatro ventos que ela era minha mulher. Porém, não disse nada, embora o gesto que fiz para Mady pudesse ter revelado muito mais do que eu gostaria a senhora Bloom, que se sentiu instigada. As insinuações nas entrelinhas e os olhares que ela lançou a Mady, deixaram-na bastante constrangida por ter seu profissionalismo questionado por uma desconhecida.

A mulher tinha deixado bem claro em suas perguntas invasivas que acreditava que Madeline só estava na Austrália para aquecer a cama do CEO da Jhonson's and Phillips's, nada além disso. O que era uma grande mentira, já que queria muito mais de Madeline do que somente sexo e seu corpo

delicioso. Eu a queria por perto porque amava sua companhia, seus comentários inteligentes, sua risada e o seu cheiro.

Sim, eu a amava mais do que qualquer coisa na vida, e pensar que uma qualquer pudesse colocar todo meu progresso a perder me irritava além do limite.

Quase que me levantei da mesa, encerrando qualquer possibilidade de negócios, sem me preocupar com todo o trabalho jogado fora, porém sabia o quanto isso incomodaria Madeline. Eu não tinha o costume de deixar que o pessoal interferisse em assuntos profissionais. Compartilhávamos, de certa forma, a mesma ambição para as questões comerciais, o que fazia dela, ainda mais, a parceira ideal para mim. Além de várias outras coisas que a tornavam única.

— Tudo bem, Mady? — disse, depois que nos afastamos do restaurante e começamos a caminhar sem rumo, de mãos dadas.

— Estou bem, sim, mas não posso negar que não via a hora do almoço terminar. — Abriu um sorriso amarelo, demoraria um pouco para que se livrasse de todo o embaraço.

— Imagino que sim, e peço desculpas, não deveria ter dado munição para ela.

— É — apertou minha mão de leve —, mas só quero esquecer isso. O importante é que as negociações avançaram e que nunca mais a verei. — Riu, dissipando um pouco da tensão.

— Espero que eu também não. — Ela gargalhou ainda mais, me fazendo, pela primeira vez depois do almoço, sorrir.

Continuamos a caminhar em um silêncio confortável, como se fôssemos um casal de namorados encantados com a presença um do outro, até que Madeline interrompeu nossos passos.

— Para onde estamos indo?

— Sendo sincero, não tenho a mínima ideia. — Dei de ombros. — Só sei que fica na direção oposta do hotel.

— Hummm...

— O que você acha de passearmos um pouco por Sydney? Ainda está cedo e não conseguimos ver nenhum ponto turístico da cidade.

— Isso é verdade, mas duvido muito que conseguirei ir muito longe com esse *scarpin*.

Olhei para os pés dela vendo os sapatos pretos de bico fino e um salto que deveria medir uns quinze centímetros. Foi impossível não imaginar ela nua usando somente aqueles calçados, caminhando na minha direção de maneira provocante, enquanto, com as próprias mãos, acariciava seu corpo. Chamando a minha atenção para os seus seios de tamanhos moderados, para suas curvas e para o seu sexo bem aparado. *Deus*, tinha que parar com isso ou acabaria preso por atentado ao pudor por desfilas por aí com uma ereção enorme no meio das pernas. Aquela mulher me deixava insano de desejo.

— Podemos passar em um *shopping* qualquer e comprar algo mais confortável para você usar. — Minha voz saiu mais rouca do que eu gostaria, deixando evidente meu estado.

— Okay. — Com o canto do olho vi ela arquear uma sobrancelha. — Que tal irmos depois ao *Park St. Hyde* e a *Art Gallery of New South*?

— O que você quiser, está perfeito para mim.

— Então vamos?

Assenti em concordância e caminhamos até um táxi que estava parado próximo ao meio-fio.

— Nos leve para o *shopping* mais próximo, por favor.

— É para já. — O motorista deu partida no carro, tomando uma rota qualquer.



Depois que passamos no *Westfield Sydney*, um *shopping* da região, tínhamos decidido ir a *Art Gallery* primeiro, já que o sol estava bastante quente e poderíamos ter insolação. Fiz muitos planos para mais tarde, e não

queria que uma dor de cabeça se interpusesse entre nós. Embora eu não fosse um grande apreciador de arte, principalmente moderna e contemporânea, só de ter a companhia de Mady valeu muito a pena cada minuto passado na galeria.

Ela tinha se encantado com a fachada, um prédio antigo construído no final do século dezenove, que se assemelhava a um panteão grego, com suas colunas altas que sustentavam um frontão triangular. Mady tecia comentários e opiniões sobre tudo o que via, mesmo não sendo uma grande conhecedora, pois o acervo ia desde arte antiga aos grandes nomes da arte ocidental europeia, como Rubens e Delacroix, com destaque principalmente para os artistas australianos. Segundo o *flyer* da instituição, eram quase vinte mil peças feitas por locais.

Quando chegamos ao fim da visitação, passamos em uma lojinha e Mady comprou várias lembrancinhas temáticas para seus familiares e para alguns funcionários da empresa que ela gostava. Queria me oferecer para pagar, porém sabia que ela iria achar ruim, me dizendo que ela ganhava muito bem para isso e que não precisava sustentá-la só porque estávamos transando, que não tinha nenhuma obrigação para com ela, embora fosse o que eu mais queria ter.

Contudo, ver o entusiasmo dela, o brilho dos seus olhos enquanto percorria cada sala da galeria, aquecia meu coração. Fazê-la feliz era o que mais importava para mim.

— Que lugar lindo, Phill — disse enquanto caminhávamos de mãos dadas pelas alamedas do *Hyde Park* no finzinho da tarde. Com a outra, eu carregava as sacolas com os presentes e com o scarpin, em uma tentativa furada de ser cavalheiro. Dessa vez, ela não tinha protestado.

Estávamos tentando encontrar a famosa *Catedral de St. Mary*, que fora construída no interior do parque. O taxista que tinha nos levado até ali, nos disse que era um local muito bonito e famoso, bastante visitado pelos turistas, e que valeria muito a pena conhecer, mesmo que não pudéssemos adentrar no interior da igreja.

— Muito, ainda mais quando o sol está mais baixo no céu. — Virei-me para ela, vendo os raios baterem nos seus cabelos escuros e longos, deixando-os mais brilhantes do que o normal. Maravilhoso. — Mas sabia que

você é mais?

— Besta. — Deu um tapinha no meu ombro, balançando a cabeça em negativa.

— Eu não me canso de olhar para você, Mady. — Fui sincero. — E acho que nunca irei.

— Você diz isso agora, quero ver quando eu ficar enrugada e flácida — brincou, rindo da própria piada. Saber que, independentemente do que acontecesse, Madeline se via trabalhando para mim, me acalentou, embora eu fosse tentar de tudo para fazê-la minha, não a queria apenas como minha secretária. Desejava acordar com ela todos os dias ao meu lado.

— Eu também não vou ficar assim para sempre. — Rimos juntos.

— Mas para vocês, homens, é muito mais fácil, não tem a cobrança que nós sofremos diariamente para manter um padrão de beleza. Tem até um ditado que diz *quanto mais velho, melhor*.

— Confesso que detesto esses padrões. — Suspirei. — E esse ditado é uma grande besteira, e o exemplo disso é Bryan, da contabilidade. — O homem era competente, porém as plásticas que fazia, para tentar disfarçar a idade, tornava-o ainda mais esquisito, para além da carranca que sempre mantinha no rosto.

— Deixe de ser maldoso, Phill — ralhou.

— Okay, não está mais aqui quem falou. — Dei de ombros. — Mas não retiro o que disse sobre te olhar.

— Isso a gente verá — riu, com uma gargalhada gostosa.

Continuamos a falar bobagens até que finalmente avistamos ao longe a *Catedral de St. Mary* em estilo gótico, com sua simetria, pináculos pontiagudos e a rosácea que ficava ao centro. Era uma construção gigantesca e de tirar o fôlego.

Quando nos aproximamos da catedral, avistamos vários turistas como nós transitando pelo local, parando para tirar fotos do edifício e *selfies*. Praticamente na frente da igreja, tinha uma enorme fonte que deixava o lugar ainda mais belo. Uma placa de bronze dizia que tinha sido construída em

homenagem a associação da Austrália à França na Primeira Guerra Mundial e ao jornalista J. F. Archibald, um entusiasta do tema.

— É mágico — Mady sussurrou no meu ouvido, ao pousar a mão na água do pequeno lago que se formava. — O taxista disse que o local era muito bonito, mas não esperava por algo assim.

— Realmente é uma obra de arte.

— Tira uma foto para mim, Phill? Quero enviar para Jane.

— Claro.

Aproximei-me dela, porém, em vez de esperar que tirasse o celular da bolsa, enlei a sua cintura com a mão livre e tomei seus lábios com os meus, provando daquela boca rosada que estava doido para saborear novamente. Infelizmente, as sacolas atrapalharam o encontro dos nossos corpos que eu tanto ansiava. Sem se importar se estávamos sendo observados ou não, Mady passou seus braços envolta do meu pescoço e, ficando nas pontas dos pés, aprofundou o beijo, pedindo passagem com a língua, enroscando-a na minha. Era muito bom beijá-la até perder o fôlego. Madeline poderia não acreditar em mim, mas no que tangia a ela, eu era insaciável. E o beijo acendeu em mim uma vontade insana de tê-la mais uma vez.

— Agora você pode tirar a foto? — me perguntou de brincadeira com a respiração ofegante, seus seios deliciosos subindo e descendo pelo decote da sua blusa social, o que a deixava ainda mais sexy e deleitável aos meus olhos. Mal podia esperar pela hora de tirar sua roupa.

Peguei meu celular do bolso e pedi que ela fizesse uma pose próximo a mim. Tirei uma *selfie* de nós dois com a fonte e a igreja ao fundo, enviando para o seu aplicativo de mensagem. Dando um selinho nela logo depois, guardei o aparelho.

— Pronto. Quer entrar na catedral?

— Claro.

Dando-me a mão novamente, caminhamos até a entrada do local, porém, infelizmente, todas as senhas do último horário de visitaçoão já tinham sido distribuídas.

— Que pena — Mady pareceu desanimada —, queria tanto visitá-la.

— Podemos tentar outro dia. — Dei um beijinho nos seus cabelos. — Ou podemos tentar subornar o guarda, se você quer tanto.

— Não precisa exagerar. — Riu. — Sabia que isso é ilegal, senhor Brown?

— Mas o que eu não faria por você?

— Ilegalidades? Vou fingir que acredito que o senhor *certinho* faria isso.

Foi impossível conter a gargalhada que brotou dentro de mim, fazendo com que algumas pessoas olhassem na nossa direção, algumas confusas, outras irritadas. Pouco me importava o que os turistas estavam achando de nós. Com Madeline era impossível não me soltar e mostrar o homem que eu realmente era.

— Vamos, Mady? Acho que vi pelo caminho alguns lugares que vendem bebidas e comida. Estou morrendo de fome e a fim de provar o *fast-food* daqui.

— Okay, eu estou doida para me sentar e poder comer alguma coisa.

Demos as mãos e saímos do pátio onde ficava a catedral em busca de um local para comermos e conversar, sem que ninguém fechasse a cara para a gente.



Já eram quase sete horas da noite quando chegamos ao hotel. Estávamos tão envolvidos um com o outro, trocando beijos, que mal vimos o tempo passar. Nos tocávamos de maneira imprópria, como dois adolescentes, quando víamos que ninguém estava olhando, aumentando ainda mais a minha ânsia por ela. Quando entramos no táxi, Mady substituiu os calçados pelo sapato de salto alto e retocou a maquiagem, em uma tentativa de parecer mais séria. Contudo, seus lábios inchados e seus cabelos um pouco desgrehados a denunciavam, porém eu não disse nada. A imagem da secretária impecável

sumindo em meio ao desalinho fez com que um desejo avassalador tomasse conta de cada poro do meu corpo, alimentando minha vontade de enterrar-me nela novamente. As imagens lascivas povoando a minha mente fizeram com que meu pau crescesse de encontro ao tecido da minha cueca. Para minha sorte, não tinha ninguém com a gente no elevador e nenhuma viva alma pelos corredores até chegarmos a nossa suíte que pudesse ver minha excitação.

Assim que entramos, pousei as sacolas na mesa e tirei o terno, enrolando as mangas da minha camisa social até os antebraços. Ainda sentindo a ereção pressionar minha calça, aproximei-me do pequeno bar, que ficava no canto do cômodo, a fim de me servir uma dose de *whisky*, precisa do conforto que a bebida poderia proporcionar. Enquanto bebericava o destilado, encarava a janela que dava vista para o mar, embora não pudesse ver muita coisa por conta da escuridão.

— Está cansado, Phillips?

— Apesar de tudo, não. — Beberiquei mais um gole da minha bebida. — E você?

— Estou bem, apenas suada pela caminhada e bastante molhada. — As últimas palavras me fizeram soltar o copo na mesa e me virar para ela, que estava a poucos centímetros de mim sem a blusa branca, revelando seu sutiã rendado. Minha boca salivou com a visão dos seus seios subindo e descendo pela sua excitação.

Não, a bebida e o desejo não estavam me fazendo ouvir coisas.

— Hummm...? — Ela ergueu a mão e tocou meu pênis, apertando-o levemente por cima da calça.

— Eu quero você, Phill. Você não sabe o quanto foi difícil me controlar quando estávamos no parque.

— E eu não via a hora de tomá-la, com você usando só esse salto e essa saia.

Não foi preciso mais nada, apenas puxei sua cintura de encontro ao meu corpo, sentindo sua pele sedosa sob o meu tato, e beijei seus lábios com fúria, dando vazão a todo o desejo que me consumia. Quando nossas línguas encontraram uma a outra e começaram a se mover numa dança frenética,

Mady arqueou-se contra mim, esfregando seu quadril no meu membro que parecia pulsar ainda mais com o contato, fazendo-nos gemer.

Sem descolar a boca uma da outra, pausando apenas para respirar brevemente, nos movimentamos por toda a antessala da suíte, até chegarmos no centro do cômodo, próximo aos sofás.

— Sou louco por você, Mady. — Afastei a boca da sua e comecei a trilhar um caminho de beijos e mordidas na sua pele, chegando no topo dos seus seios expostos pelo sutiã meia-taça. Seus pelos se arrepiaram com o toque da minha língua, me deixando ainda mais faminto. — Você é tão gostosa.

— Eu também sou louca por você. — Puxou-me para baixo, voltando a me beijar, demonstrando o quanto me queria.

Em meio ao beijo, passei as mãos pelas suas costas nuas e abri o fecho deixando que a peça sem alça caísse entre nós. Tomei os dois mamilos, eretos pelo desejo, com as mãos em concha e com os polegares massageie-os em movimentos circulares, fazendo com que Mady se esfregasse ainda mais em mim e levasse a mão até o colarinho da minha camisa, começando a tirar os botões das casas.

— Phill, eu não quero esperar mais — sussurrou, sua voz saindo mais rouca do que o normal.

— Então fique de quatro no tapete, Mady — ordenei, fazendo ela tremer de antecipação nos meus braços.

Nua da cintura para cima, sem demora, fez o que eu pedi, os seios pendulando de um lado para o outro, enquanto empinava sua bunda o máximo possível na minha direção. O contraste da saia vermelha e o sapato preto com o tom creme do tapete parecia a pintura mais erótica que vi na vida.

— Porra, Mady — aproximei-me de Madeline e me ajoelhei atrás dela —, estou quase gozando, que nem um adolescente, só de ver você assim.

Foi impossível não apertar suas nádegas redondas e empinadas quando ela se inclinou ainda mais, em um convite silencioso para que entrasse nela por trás.

— Calma, amor — curvei-me na sua direção, apoiando-me com uma mão, e falei na sua orelha —, daqui a pouco.

— Phill — Ela gemeu e rebolou quando trilhei um caminho com a língua da sua orelha até a base da sua coluna, arrancando um tremor do seu corpo.

— É isso que você quer, Mady? — Segurando sua nádega com uma mão, adentrei com a outra pela sua saia, roçando com os dedos a pele suave das suas coxas, até chegar aonde ela queria. Passei meu dedo pela sua vagina, protegida pela renda da calcinha, e comecei a esfregar o local, estimulando-a. — Aqui?

— Hummm...

— Ou assim? — Afastando o tecido, penetrei-a com meu dedo, começando a entrar e sair do seu canal. Instintivamente, ela começou a se movimentar, querendo mais. E eu dei, enfiando o indicador nela, tocando seu clitóris. Seus seios balançando em meio ao ritmo que eu impunha com a mão era uma visão e tanto. Mady não era a única que parecia estar explodindo, meu pau pulsava cada vez mais, em busca do alívio que só o corpo de Madeline poderia me proporcionar.

Sabendo que ela estava quase chegando lá, em um movimento súbito, tirei meus dedos de dentro dela e da sua saia, fazendo-a choramingar em protesto e tentar fechar as pernas, porém não deixei.

— Phill... — reclamou, frustrada, mas eu não disse nada, estava muito ocupado provando sua excitação que impregnava meus dedos. Senti-la em minha língua fez com que um desejo insano tomasse conta de mim e arqueei meu pênis em direção às suas nádegas, em um ato primitivo. Não conseguiria torturá-la mais.

Com as duas mãos, levantei sua saia vermelha até a cintura, deixando a calcinha pequena à mostra. Porra, a renda da parte de trás era tão fina que mal cobria seu ponto enrugado.

— Merda, vou ter que fazer uma coleção de calcinhas suas. — Foi inevitável não passar o dedo entre o tecido e sua pele, soltando-o depois, fazendo a peça estalar contra seu ânus. O gritinho que Mady soltou em resposta enquanto rebolava, foi mais do que eu poderia aguentar. —

Colecionarei todas que estiverem no seu corpo, porque quero vê-la sem elas .

Sem esperar resposta, desci a peça até seus calcanhares. Abri a braguilha da minha calça, abaixei a cueca, o mais rápido que pude, e levantei suas nádegas até que sua feminilidade ficasse completamente exposta para mim. Posicionei-me na sua entrada, estocando-a com um movimento firme. Gememos juntos quando o músculo do seu canal contraiu meu pau em um leve espasmo. Era muito bom estar dentro dela, mais do que qualquer outra coisa que poderia imaginar. A união dos nossos corpos fazia com que me sentisse como se fôssemos um só, a metade um do outro, que se completavam quando estávamos juntos.

Era muito mais que sexo, era uma conexão tão profunda, que palavras não podiam descrever. Uma ligação que não queria que nunca acabasse.

Segurando sua cintura, comecei a me movimentar lentamente, fazendo com que Mady grunhisse de impaciência e rebolesse contra minha pelve, pedindo que eu fosse mais rápido.

— Sua safada. — Dei um tapa de leve na sua bunda, incentivando-a a continuar.

Não esperei mais, aumentando cada vez mais o ritmo, entrando e saindo da sua vagina, enterrando-me o mais fundo que a posição permitia. Seus gemidos e os estalos provocados pelos nossos corpos se chocando um no outro era a melhor melodia que tinha escutado, e aumentava ainda mais meu prazer, me levando à beira da loucura.

Quanto mais eu me levava para dentro dela, mais Mady se movimentava no meu pau, em uma busca frenética pelo ápice. A parte interna da sua vagina comprimia cada vez mais meu pênis, me indicando que ela estava quase lá. Todo o dia de hoje foi completamente esquecido das nossas mentes.

Segurei-a com mais força e comecei a estocá-la com o máximo de pressão e rapidez possível. Inseri um dedo dentro da vagina dela e comecei a massagear seu clítoris, querendo dar a Mady o alívio que seu corpo pedia. Os sons que emitia ficavam cada vez mais altos, frenéticos. Quando enterrei o mais fundo que conseguia, quase tocando a parede do seu útero, Madeline começou a tremer, indicando que chegara ao clímax. Bombeeí meu pênis

mais algumas vezes dentro dela, sua vagina ainda contraindo meu pau pelo espasmo do seu orgasmo, e cheguei ao êxtase logo depois. Me derramei na camisinha até que meu pau ficou semiereto pelo ritmo insano do sexo. Saí dela e deitei-me ao seu lado no chão, e a puxei para mim, abraçando-a e tomando seus lábios mais uma vez.

Três palavrinhas ecoavam na minha mente como um mantra, que, por enquanto, não poderia dizer...



Madeline

Capítulo vinte e um

Não podia negar que os dias que havia passado com Phill tinham sido um paraíso na terra. Pensei que com o passar dos dias tudo desmoronasse diante dos meus olhos, contudo, pelo contrário, nosso relacionamento, se eu poderia chamar assim, parecia cada vez mais forte. No dia anterior, havíamos passado o dia inteiro conhecendo outros pontos turísticos de Sydney, como o *Queen Victoria Building*, o *Jardim Chinês da Amizade* e a *Ópera de Sydney*, embora os locais estivessem bastante cheios devido ao recesso de final de ano. O melhor de tudo era terminar a noite fazendo o melhor sexo das nossas vidas. Phillips era muito bom no que fazia, alimentando meu fogo, me fazendo ansiar por mais. Eu era insaciável no que tangia a ele.

Cada vez que transávamos, parecia que nossa conexão crescia ainda mais, ultrapassando os limites do desejo e da satisfação. Nossos corpos conversavam em uma linguagem própria e inteligível, exigindo mais e mais

um do outro, algo que não sabia definir. Nunca senti isso por alguém, por nenhum dos meus ex-namorados. E continuar nutrindo isso poderia ser um erro, embora uma parte romântica e pouco racional de mim dizia que era a coisa mais acertada a fazer.

Contudo, uma coisa começou a me incomodar. Ao acordar, sem sentir seu corpo quente na cama de encontro ao meu, me aquecendo, o procurei e vi Phill se arrumando para sair. Já era a segunda vez que eu o flagrava saindo do cômodo, vestindo os sempre impecáveis terno e gravata. Phillips dava uma desculpa que não queria me acordar e me dava um beijo de leve, dizendo que só iria resolver algumas pendências para a compra da ilha, que a minha presença não era necessária, e que voltaria logo, para que eu descansasse para mais tarde, e não me deixava acompanhá-lo. Quando isso se repetiu pelo terceiro dia seguido, justo na véspera de Ano Novo, fez-me questionar se não estava indo rápido demais e exigindo mais do que ele poderia me dar. Sem saber, poderia estar o sufocando.

Pegando meu celular em cima do móvel de cabeceira, olhei as horas, constatando que ainda era cedo, e decidi ligar para minha irmã Jane. Com certeza, ela poderia me aconselhar no que fazer.

— Jane? — perguntei assim que atendeu.

— Mady? Aqui é o Michael.

— Oi, Michael. Tudo bem com você? — perguntei, educadamente. — Liguei em péssima hora?

— Estou bem e você? Não, não, ela só está no banheiro. Ah, aqui está, vou passar para ela.

— Obrigada.

Escutei um barulho e Michael dizer *é a Mady*, antes de ouvir a voz da minha irmã.

— Olá, querida. Tudo quente por aí? — perguntou, maliciosa.

— Você não tem ideia do quanto. — Rimos quando eu disse aquilo e comecei a me abanar, só de pensar. — Você estava coberta de razão.

— Eu sempre tenho — pude imaginar ela dando de ombros com uma

expressão de deboche —, mas você não me ligou só para me fazer inveja, né?

Gargalhei ainda mais do seu comentário.

— Até parece, sua fogosa. Mas não, não liguei só para me gabar. — Não sabia muito bem como me abrir com ela e isso, pelo jeito, transpareceu em minha voz.

— O que foi, querida?

— Esses dias têm sido maravilhosos, Jane — suspirei —, mas, ultimamente, eu tenho acordado sozinha. Phil tem saído cedo para umas reuniões, que diz que são para finalizar a compra da Ilha, mas não tem me levado com ele. Eu... tenho medo, irmã, dele estar fugindo de mim por estar exigindo demais dele. Receio estar me envolvendo demais.

— Hummm... — Pareceu pensativa do outro lado da linha.

— E acho que é por isso que ele não está me levando nas reuniões, por querer espaço. — Arranquei do meu peito o sentimento que eu não queria dizer em voz alta. — Sinto um vazio quando ele não está comigo, mas me preocupo principalmente por ele não querer me levar aos compromissos de trabalho, que era algo que nos ligava. Jane, temo que estou colocando tudo a perder!

— Ah, querida, você se apaixonou...

— O quê?! — gritei, cambaleando para trás enquanto segurava com força o telefone.

— Está mais do que claro para mim. Você está apaixonada. Por isso que você quer que ele compartilhe tudo com você, todos os momentos, mas isso é impossível, você sabe disso, Mady.

— Mas como? — Estava chocada, não querendo acreditar nisso, embora uma parte de mim já soubesse há muito tempo, por mais que eu negasse. — Faz tão pouco tempo que saí de um relacionamento...

— Ah, Mady, seu relacionamento já andava de mal a pior há meses, você só estava tentando fazer dar certo algo que nunca deu. — Suspirou. — Robert nunca te valorizou da forma que deveria, nunca se esforçou para te fazer feliz. — Jogou na minha cara verdades que demorei muito tempo para

aceitar. — E para o coração, não existe hora certa para se amar. Eu mesma sei muito bem disso...

Foi impossível não lembrar do quanto minha irmã tentou lutar contra o que sentia por Michael com medo de se machucar novamente. Ele precisou de bastante tempo para convencê-la de que os dois eram perfeitos um para o outro, e que nunca a enganaria, como os outros fizeram.

— Quem dera se pudéssemos controlar nossos sentimentos, teria evitado muitas besteiras que fiz na vida — disse um pouco amarga, provavelmente relembrando dos seus últimos relacionamentos, que a tinham destruído por dentro. — Mas hoje sou muito feliz por ter ouvido meu coração, e você deveria fazer o mesmo.

— E se o que sinto não for correspondido? E se for só uma ilusão?

— Você continuará sofrendo do mesmo jeito, pois não se pode arrancar o sentimento do peito como se fosse um *band-aid* — deu uma pausa longa —, e estarei aqui para consolá-la ou compartilhar sua alegria, sempre.

— Obrigada.

— Mas já pensou que pode ser correspondida? Que por muito tempo ele nutriu algo platônico por você? Pelo que você me contou, esse homem te esperou, Mady, te cortejou, sempre fazendo pequenas coisas para te agradar. É atencioso, romântico e se preocupa com você. É muito mais do que o Robert te deu em todo aquele tempo que ficaram juntos.

As palavras dela foram como um soco na boca do meu estômago de tão verdadeiras. Não eram fáceis de se escutar, porém bastante reais, mais do que eu gostaria. Nenhum ex tinha feito tanto por mim, preocupando-se com pequenos detalhes, como o Phil.

— Não importa o tempo, irmã — continuou —, se passou um ano, um mês ou algumas semanas, o amor e a paixão não se medem pelos minutos.

— Hummm...

— Só peço que você analise a fundo os seus sentimentos por ele e vice e versa. Independente das consequências, permita-se, não viva com medo de sair machucada, pois Robert não foi a primeira nem a última pessoa que te magoará, bem que eu queria que fosse...

— Okay. — Engoli em seco.

— Agora preciso desligar, querida, tenho que enfrentar a fila de última hora do supermercado.

— Obrigada por me ouvir, Jane.

— Te amo.

— Eu também.

Desliguei a chamada e caminhei até a sacada da suíte. A conversa com minha irmã tinha me dado muito no que pensar.



Estava respondendo um e-mail quando ouvi a porta sendo aberta. Levantei minha cabeça para ver Phillips caminhar até mim, me dando um selinho quando se aproximou do meu rosto.

— Como foi sua manhã? — perguntou próximo ao meu ouvido, com seu hálito quente arrepiando os pelos da minha nuca.

— Foi boa e a sua? — Dei de ombros como se não me importasse.

— O que foi, Mady? — Agachou-se, pegando minhas mãos entre as suas, seu olhar verde na altura dos meus.

— Nada. — Ele arqueou uma sobrancelha, não acreditando nas minhas palavras. Instigou-me a falar a verdade.

— Diga o que te incomoda.

— Sinto saudades de acordar e ter você ao meu lado— confessei.

— Eu também, você não tem ideia do quanto é difícil te abandonar de manhã. — Aproximou seu rosto do meu, beijando-me com tamanha voracidade e fome, que me fez questionar se eu não estava exagerando.

— Então por que você não me leva junto? Afinal, sou sua secretária, ou não sou mais? — sussurrei contra seus lábios enquanto tentava puxar um

pouco de ar para os meus pulmões.

— Você confia em mim, Mady? — não respondeu minhas perguntas. Colocou uma mecha atrás da minha orelha, e olhou-me fixamente.

— Confio.

— Então vá arrumar suas malas — se levantou de súbito, me fazendo saltar da cadeira —, vou ajeitar as minhas.

— Para onde vamos? — perguntei, incrédula. — Ainda mais na véspera do Ano Novo?

— Confie em mim, Mady.

Deu-me um selinho e caminhou em direção ao quarto, não me restando outra alternativa que não fosse fazer o que ele ordenou. Precisava dar um voto de fé a ele se eu quisesse que nosso relacionamento como secretária ou patrão, como amantes, ou algo a mais, desse certo.

Jane tinha razão, negar aquilo que sentia não fazia com que desaparecesse, por mais que eu quisesse. Além de que, quanto mais eu pensava nas atitudes do Phillips, mais me dava conta de que meus sentimentos por ele não eram tão platônicos assim. Provavelmente eram muito mais fortes.



Estávamos voando já fazia algum tempo, acho que umas seis ou sete horas, e estava cada vez mais impossível conter minha ansiedade. Ferdinando e Joseph, que me ignorou quando me viu, não me deram nenhuma pista de onde Phillips poderia estar me levando. E arrancar isso de Phill, mesmo usando todo meu charme e sedução, provou-se infrutífero. Nem mesmo uma rapidinha antes de sairmos do hotel foi suficiente para que ele me desse alguma dica.

— Fique tranquila, Mady. Acho que estamos chegando.

— É fácil falar, se fosse você no meu lugar, você estaria tendo um

troço — brinquei. — Odeia surpresas.

Ele riu, assentindo com a cabeça.

— *Touché*, madame — puxou-me para seu colo, sem se importar com o comissário, dando um beijo no meu pescoço —, espero que você nunca faça o mesmo comigo.

— Você não perde por esperar. — Ajeitei-me melhor, esfregando-me contra o tecido da sua calça, fazendo com que seu pênis ganhasse vida, e Phill soltou um gemido em resposta.

— Mady...

Não disse nada, apenas ri contra a sua orelha e parei meus movimentos por completo, por mais que ele forçasse a me movimentar.

— Vingança é um prato que se come frio. — Dei uma mordidinha de leve no seu lóbulo e sai de cima dele, voltando para minha poltrona, enquanto via seu peito subir e descer com a excitação e seu pau avolumado pulsar entre as pernas.

— Que merda, Mady. — Pousou a mão no membro, dando tapinhas para que abaixasse um pouco.

— Acostume-se, senhor Brown. — Passei a língua pelos lábios, me deliciando em vê-lo assim.

— Vai achando que ganhou, senhorita Jameson.

— Nós dois ganharemos no final, tenho certeza.

Continuamos provocando um ao outro até que o comissário apareceu pedindo que prendêssemos nossos cintos e ajeitássemos a poltrona, pois estávamos preparando para a aterrissagem. Foi impossível conter o calafrio de temor misturado com a antecipação, fazendo com que Phill segurasse minhas mãos, me acalentando. Queria muito saber onde estávamos.

Demorou em torno de uma meia hora até que desembarcássemos, porém, para mim, pareceram horas, tamanha era minha curiosidade.

— Chegamos a tempo — Phill disse enquanto olhava as horas no relógio de pulso. Peguei meu celular, verificando que eram quase onze horas

da noite. Tínhamos saído de Sydney a tarde.

— Para quê? — Olhava de um lado para o outro, porém não conseguia identificar onde estávamos já que a escuridão engolia toda a paisagem.

— Você verá. — Deu de ombros. — Agora vire-se que preciso te vender.

— *Tá* — resmunguei. Sabia que insistir não me levaria a nada, e isso o fez rir enquanto passava uma gravata pelos meus olhos.

Para minha total surpresa, pegou-me no colo e começou a caminhar. Tentava ver algo por trás da venda improvisada, porém era impossível. Ajeitou-me em uma superfície macia, e percebi que tinha se sentado ao meu lado. O veículo que estávamos começou a se mover. O chacoalhar era-me bastante familiar, além dos cheiros que sentia ao longo do caminho. Estava tão envolvida pelos barulhos e pela massagem que Phillips fazia nas minhas coxas, que tomei um susto quando o veículo parou.

— Chegamos! — Phill sussurrou na minha orelha.

— Posso tirar isso dos olhos? — Estava louca para ver onde estava, embora o cheiro de maresia fosse pungente.

— Ainda não. — Me pegou no colo novamente, sem muito esforço, e tornou a andar até me pousar no chão, colando minhas costas ao seu peitoral definido.

— Bem-vinda de volta, Mady — murmurou na minha orelha, e com as mãos desfez o laço que prendia a venda.

Abri os olhos e o que vi me fez arfar com a surpresa. Estávamos na Ilha *Pumpkin* e, diferentemente da outra vez, uma grande toalha estava estendida na areia com uma cesta, taças e um balde com um champanhe. As tochas fincadas no chão arenoso tornavam a vista ainda mais romântica.

— Tudo isso é para mim? — perguntei, emocionada.

— Sim, vamos nos sentar?

Apenas assenti com a cabeça, estava completamente abobada. Tinha amado o nosso tempo na ilha e ter a oportunidade de ficar mais um pouco me comoveu profundamente. Jane tinha razão, aquele homem demonstrava seus

sentimentos através dos seus gestos.

Assim que me sentei, Phill juntou-se a mim e abriu a garrafa, servindo o espumante caro em duas taças, me dando uma. Beberiquei o líquido, sentindo minhas emoções transbordarem dentro de mim.

— Gostou?

— Não tenho palavras para descrever o quanto, Phill.

— Então olhe para cima.

Quando levantei minha cabeça, vi uma série de fogos de artifícios estourarem contra o céu escuro, embora o costumeiro som não existisse.

— Phill — minha voz soou rouca —, como...?

— Me doeu muito mentir para você, Mady — pousando as nossas taças no chão, passou o braço em torno dos meus ombros, puxando-me contra seu corpo enquanto assistíamos a queima de fogos —, mas queria surpreendê-la e dizer uma coisa que eu não aguento mais guardar só para mim.

— E eu achando que estava exigindo demais de você, que precisava de um tempo sozinho.

Virou-se para mim e abaixando minha cabeça, silenciou-me com um dedo, roçando o polegar no meu lábio inferior. Esqueci completamente dos fogos que ainda estouraram no céu.

— Nunca, pelo contrário, Mady, eu amo você — sussurrou. — No início, achava que era um sentimento brando. Depois de perder minha avó, não sabia mais o que era amar alguém, porém à medida que o tempo passava e nossa convivência aumentava, mais você me encantava, me mostrando como **poderia** ser forte o amor que a gente nutre por outra pessoa. — Pausou. — Descobrir, naquela festa, que você tinha outra pessoa fez com que algo se quebrasse dentro de mim, me fazendo enxergar o quanto fui um grande tolo em tentar lutar contra tudo o que eu sentia, em ter perdido tempo e não ter sido sincero com você e comigo mesmo. Eu ansiava por tudo que envolvia você.

Pude notar que, enquanto falava, seu olhar verde começava a marejar,

o que me tocou de uma maneira que não seria capaz de descrever.

— Amo sua inteligência, seu senso de humor, seu corpo, seu cheiro, sua mente... — continuou, me dando um beijo na minha testa. — Venero cada pedacinho seu e me dói pensar que estive tão perto de perdê-la por minha própria culpa. Eu não deveria ter ficado feliz com o que aconteceu com você, mas fiquei, porque uma segunda chance me foi dada. Eu preciso de você, Madeline, mais do que qualquer coisa na vida. E não poderia mais esconder isso de você.

Sem esperar resposta, ainda segurando meu rosto, pousou seu lábio no meu, iniciando um beijo lento, que demonstrava tudo o que sentia por mim. Era cálido, doce e, ao mesmo tempo, exigente, um pedido silencioso de que eu correspondesse a ele em todos os sentidos. Um beijo que deixou meus olhos marejados perante o tamanho do seu amor por mim. Nunca ninguém tomou minha boca com esse fervor.

Foi impossível não gemer e tremer perante a intensidade dos seus lábios contra os meus.

— Phill — sussurrei quando ele interrompeu o beijo —, eu...

— Não precisa dizer nada, Mady, entenderei se você não estiver pronta. Apenas me dê uma chance de mostrar tudo o que eu sinto. Seja minha. Quer ser minha namorada?

A intensidade com que me olhava, as lágrimas que escorriam pelo seu rosto e o beijo que acabamos de trocar foi mais do que suficiente para eu dizer sim ao meu coração, sem me importar com o fato de que ele poderia sair bastante machucado disso.

— Eu aceito — murmurei —, quero ter um ano novo com você, Phill.

— Farei de tudo para tornar cada ano que passar ao seu lado ainda melhor que o anterior.

— Estou contando com isso. — Ri, a felicidade transbordando no meu peito.

— Sabe, Mady, quando fui ao Brasil, algumas pessoas me disseram que a primeira coisa que você faz depois da virada, se repetirá pelo resto do ano.

— E o que você fará, senhor Brown?

— Te amar.

Sem esperar resposta, deitou-me em cima da toalha e se acomodou em cima de mim, tomando minha boca em um beijo que arrancou qualquer rastro de sanidade que poderia ter. Saber que éramos um casal enchia-me de um calor gostoso, que irradiava bem para o centro da minha feminilidade. Sua língua enroscava na minha em um beijo terno e ao mesmo tempo sensual, demonstrando-me aquilo que sentia, enquanto seus dedos passeavam pelo meu corpo, apertando minha carne de leve. Sua ereção parecia crescer sob a calça enquanto eu friccionava a minha pelve no seu pau, implorando para tê-lo dentro de mim. Não queria que Phill fosse devagar, precisava dele, agora. Necessitava urgentemente que fôssemos um só. A tensão no meu ventre crescia a níveis exponenciais.

Sem qualquer pudor, passei as mãos por entre nossos corpos colados e descí em direção a sua calça, abrindo a braguilha para sentir seu volume grosso e pulsante com o tato. Phillips gemeu em resposta quando abaixei sua calça e a cueca até o meio das suas coxas e toquei seu membro, envolvendo-o e percorrendo-o por toda a extensão.

— Mady... — Gemia alucinadamente e arremetia contra mim em um gesto instintivo. — Assim não vou aguentar.

— Então me tome logo — sussurrei no seu ouvido, depois mordi de leve o lóbulo da orelha, fazendo-o arquear ainda mais e gritar de prazer.

Não precisou que eu implorasse, pois Phill levantou um pouco meu quadril e começou a puxar a saia rodada do meu vestido para cima, embolando-a na minha cintura, deixando minhas coxas e a pequena calcinha vermelha expostas para ele.

— Linda, mas essa não irá para minha coleção — disse antes de tomar minha boca novamente com a sua, devorando-me.

Preso na espiral de desejo que seus lábios me proporcionavam, não consegui compreender muito bem o que ele queria dizer com aquilo. Porém, quando Phillips puxou com força o tecido fino, rasgando-o ao meio, em um gesto de posse e desejo, meu coração pareceu saltar pela boca tamanha a ferocidade do ato. Nunca pensei que gostaria de sexo mais selvagem, mas

fazer amor com Phill me mostrou que não existiam limites para nós dois. E era delicioso não termos amarras e pudores no meio da gente.

— Gostosa — falou quando entrou em mim com um tranco firme, enterrando-se o mais fundo possível. O simples contato de nossas carnes era capaz de me deixar inebriada de prazer.

Dessa vez, Phillips não foi devagar. Seus movimentos eram cada vez mais rápidos e fortes, levando-nos mais próximo ao orgasmo. Nossas bocas não descolavam uma da outra, imitando a dança que nossas pélvis faziam. Era impossível conter os gemidos e os sons que saíam de nossas gargantas, além dos barulhos estalados proporcionados pelos movimentos frenéticos que fazíamos. O tecido da sua calça friccionava a minha pele, arranhando-a levemente, enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, aumentando minha tensão.

Percebendo que estava chegando quase lá, ao mesmo tempo que seu pênis me invadia, enfiou dois dedos dentro de mim e começou a massagear meu clitóris inchado com pressão suficiente para deixar-me mole embaixo dele, lânguida por ter alcançado o ápice. Meus músculos vaginas contraíam o pênis de Phill, instintivamente, pelo alívio proporcionado, fazendo-o chiar ainda mais. Não parando de me estocar e a massagear meu ponto de prazer, Phillips enterrou-se mais fundo e, depois de repetir o movimento mais duas vezes, entregou-se ao êxtase, preenchendo-me com seu líquido quente. Desmoronou em cima de mim. Amava sentir o peso do seu corpo sobre o meu após fazermos amor.

Ficamos assim por um tempo, com ele dentro de mim, até que nossas respirações se normalizassem um pouco. Para minha surpresa, Phillips nos girou em cima da toalha estendida na areia da praia, me colocando em cima dele, e segurou minha cintura, mas sem se retirar de dentro de mim.

— Eu te amo, Madeline.

— Eu também te amo.

Não precisei dizer mais nada. O fato de eu me debruçar sobre ele e tomar seus lábios com o meu, demonstrando o que sentia, foi o suficiente para nós dois. Nossa conexão era palpável. Não demorou muito para recomeçarmos nossa dança em busca do prazer.



Madeline

Epílogo

Dois anos depois...

— Pronto. — Olhei-me no espelho, quando o cabeleireiro finalizou meu penteado ao colocar uma tiara com pequenos diamantes na minha cabeça, fixando o véu no lugar correto.

— Está linda, filha — minha mãe sussurrou, emocionada.

— Olha, Dany, o quanto a titia está maravilhosa. — Segurando a filha de um ano e meio no colo, Jane se aproximou de mim, a fim de ver melhor o resultado do cabelo e maquiagem.

Muita coisa tinha acontecido durante o tempo em que eu e Phillips estávamos juntos.

Assim que todos os detalhes principais da compra da Ilha *Pumpkin* foram finalizados, empreendimento que se provou muito rentável nesse último ano, voltamos para Nova Iorque, já que estávamos há muito tempo

longe da empresa. Eu ainda era sua secretária e seu braço direito, e amava o que fazia, porém não podia negar que gostava ainda mais quando ele enterrava seu pênis dentro de mim, no intervalo das reuniões, em seu escritório.

Embora não tenhamos efetuado a compra dos edifícios em Sydney oferecidos pelo agente, a Jhonson's and Phillips's crescia de vento em popa, alcançando o patamar de multinacional, com negócios imobiliários em cada pedaço do mundo.

Assim que chegamos à cidade nova iorquina, para a surpresa de todos, Jane descobriu, após fazer um teste de farmácia, que estava grávida, depois de sofrer bastante com enjoos, algo que ela achava que se devia à comilança de final do ano. Vocês podem imaginar o quanto a notícia deixou todos eufóricos, principalmente a mim, que provei ser uma tia bem coruja.

— Ela está pronta? — A voz do meu pai soou do outro lado da porta.

— Sim — minha mãe, com a voz chorosa, falou, indo abrir a porta para que papai passasse. Ele ficou estático quando me viu.

— Nem acredito que casarei minha outra menininha. — Se pôs a chorar. — Como esse dia chegou rápido.

Eu e Phillips resolvemos nos casar em uma cerimônia íntima em uma praia próxima a Nova Iorque, restrita a alguns familiares e amigos. Não escolhemos a Ilha *Pumpkin* por causa da distância e porque alguns convidados, como minha irmã e cunhado, queriam passar o primeiro dia do ano novo com outros parentes. A data representava um recomeço para nós dois, o início de tudo, e casarmos naquele dia daria um significado ainda mais especial.

— Pronta, filha? — meu pai perguntou, parecendo mais recomposto.

— Sim. — Ergui-me da cadeira e dei uma última olhada no espelho, vendo o vestido curto em tom perolado de renda se moldar ao meu corpo, onde uma faixa em tom champanhe abaixo do meu busto ressaltava ainda mais o meu ventre redondo pela gravidez. Quando descobrimos que teríamos um casal de gêmeos, Phillips quase surtou de felicidade, mal podendo acreditar que, juntos, formaríamos uma nova família. Ele estava cada vez mais encantado com a ideia de cuidar de duas crianças.

Dando a mão para meu pai, caminhamos para fora do quarto em direção ao local da cerimônia, seguidos pela mamãe, minha irmã e minha sobrinha.

Estava cada vez mais ansiosa. Suava frio, mal vendo a hora de tornar-me dele para sempre.

— Fique calma, querida — papai sussurrou no meu ouvido. — Estamos quase chegando.

Paramos na curva que dava acesso ao local, esperando que mamãe e Jane tomassem seus lugares nas cadeiras fincadas na areia e sinalizassem a chegada da noiva.

Quando a marcha nupcial começou a soar, meu pai apertou minha mão com mais força, incentivando-me a prosseguir.

Assim que vi Phillips no altar, meu coração pareceu que ia sair pela boca. Não pude conter minhas lágrimas de felicidade quando o vi chorar, emocionado ao me ver. Chorávamos copiosamente. O amor que nutríamos um pelo outro era muito intenso, e era impossível conter a emoção.

— Te entrego a minha filha, Phillips, cuide bem dela. — Subiu o véu que cobria o meu rosto e estendeu a mão para meu futuro marido em um aperto, dando seu consentimento.

— Cuidarei dela com minha vida, senhor.

— Não espero menos de você. — Sorriu, nos deixando sozinhos no altar.

Phill tomou minha mão na sua e levantou-a, plantando um beijo no seu dorso.

— Maravilhosa. — Seus olhos verdes brilhavam pela felicidade e pelas lágrimas.

Viramos para o cerimonialista, que começou o seu discurso.

— Estamos aqui para celebrar... — As palavras do homem soavam como um zumbido no meu ouvido, com a emoção transbordando dentro de mim. — Então, vamos aos votos. Você está com as alianças?

Um *awn* coletivo surgiu quando o celebrante disse isso, fazendo-nos virar para trás para ver Toby, vestindo um *smoking* canino, entrar com as nossas alianças penduradas em um saquinho amarrado de leve no seu pescoço, parando em alguns momentos, fazendo suas delícias e todo mundo rir. Ter ele com a gente tornava meu casamento ainda mais especial. Toby era parte da família que estávamos construindo.

Assim que Phillips desamarrou o saquinho retirando nossas alianças, Toby se deitou, parecendo cansado.

— Repita comigo os votos: Eu, Phillips Brown, aceito Madeline Jameson como minha legítima esposa...

— Eu, Phillips Brown...

Estava tão emocionada que nem me vi trocando meus votos com meu marido, nem o cerimonialista finalizar o casamento.

— Pelos poderes a mim concedidos, eu os declaro marido e mulher.

Uma salva de palmas e assovios soou quando Phillips, com cuidado, aproximou meu corpo do seu e, acariciando minha barriga, tomou meus lábios em um beijo que selava a nossa felicidade, o nosso amor.

— Eu te amo, Phillips Brown — sussurrei próximo a sua boca.

— E eu também amo você, senhora Brown. Você, o Toby e os nossos pequenos que ainda crescem dentro do seu ventre, para sempre, e cada dia mais. — Deu-me mais um beijo, roubando de mim o meu fôlego.

Com essa promessa, vivemos o nosso amor, que se provou eterno e ultrapassou vários anos novos.

Fim.

Agradecimentos

Enfim, o primeiro livro escrito! Porém, eu não seria nada sem o apoio de várias pessoas que me auxiliaram nessa jornada.

Mãe e Amanda, sem sombra de dúvidas, vocês são as coisas mais importantes na minha vida, e não existem palavras para definir o que sinto por vocês. Obrigada por tudo, por me apoiar nas decisões mais difíceis que tomei na vida e pelo carinho e conforto que sempre me dão. Aos meus cachorros, Ruffus, Mabel e, principalmente, Malu, que veio a falecer durante a escrita dessa história. Ao meu pai que, mesmo não estando mais presente, sei que ficaria feliz por eu ter concluído meu primeiro livro. Vocês me fazem viver e lutar.

A Jéssica Macedo, por me incentivar a continuar a escrever essa história, por me dar todo o aporte necessário para concretizá-la e para publicá-la, além de tirar um pouco do seu tempo precioso para ler e *betar* meu texto. Nossa amizade vai além das diferenças e tenho certeza que será duradoura.

Ao Grupo Editorial Portal, por receber minha obra de braços abertos e confiar no meu potencial.

Agradeço de coração a Rosi, por me ajudar, incentivar e acreditar em mim e no meu livro. E pela sua energia sempre positiva. Você foi um grande presente dado a mim em meio a pandemia.

Não tenho palavras para expressar o quanto fiquei emocionada quando você pediu para revisar minha primeira história, Ana. Serei eternamente grata e não tenho palavras para agradecer sua generosidade e carinho para comigo.

Dennis, sem você e os seus *banners* lindos esse lançamento não seria possível. Nany Lima meu muito obrigada por me ajudar a divulgar essa minha obra sem pedir nada em troca.

Mari, Lizzi, Gleí e as meninas dos grupos Leitoras da Jéssica, Luluzinhas e Ladies Literárias, meu mais sincero agradecimento. O apoio de vocês foi fundamental nesse percurso.

E obrigada a você, leitor, por dar uma oportunidade para a história da

Mady e do Phill. Sem vocês, essa obra não teria o menor sentido. Então, agradeço a cada um por estarem comigo.

Sobre a autora

Mineira, se apaixonou por romances a alguns anos, quando comprou e devorou um romance de banca que comprou em um supermercado. Após a leitura, não parou mais de ler e comprar livros. Encontrou no mundo da literatura um lugar de prazer e refúgio. E nesse finalzinho de ano, resolveu escrever a sua primeira história.

Redes sociais:

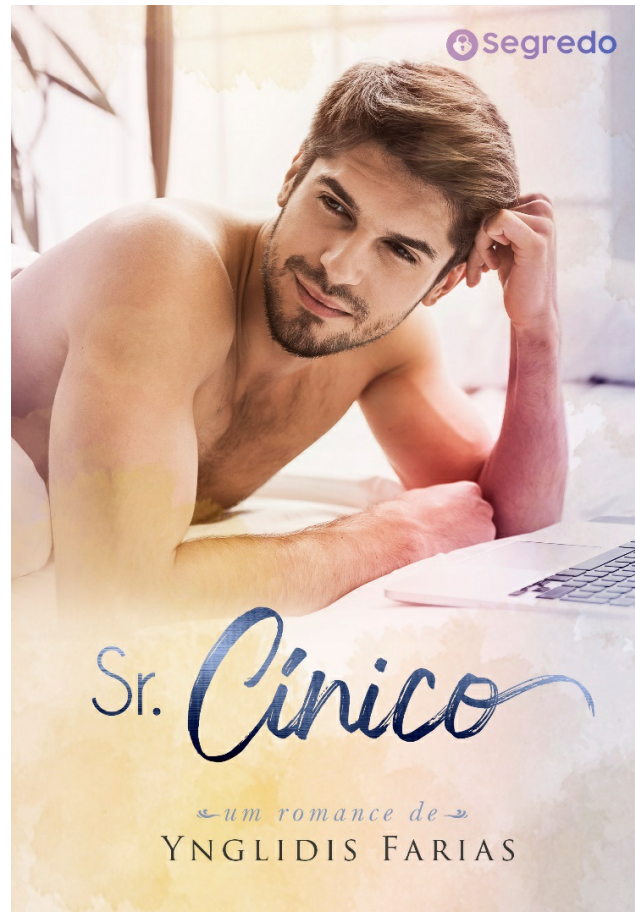
Facebook: [aline.damascenosantanda](#)

Ig: [@autoraalinedamasceno](#)

Leia também!

Outros títulos da editora

Sr. Cínico



link => <https://amzn.to/3rkwsyT>

Sinopse:

Intrigas, traições e desejo...

Cursando o terceiro ano de Direito em Harvard, Laura Philips preparava-se para se tornar uma grande advogada na empresa do seu pai, ao lado de Charles, seu noivo e também filho de um milionário influente. Ela acreditava ter uma vida quase perfeita, até que se matriculou em uma disciplina ministrada por Bernard Cooper, um professor universitário jovem, sexy e divorciado, que começou a infernizar sua vida acadêmica. Com o tempo a raiva que Laura sentia por Bernard se misturou ao desejo, tornando cada vez mais difícil para ela sentir ódio do delicioso professor. Porém, esse sentimento é completamente proibido para os dois.

A secretária do CEO



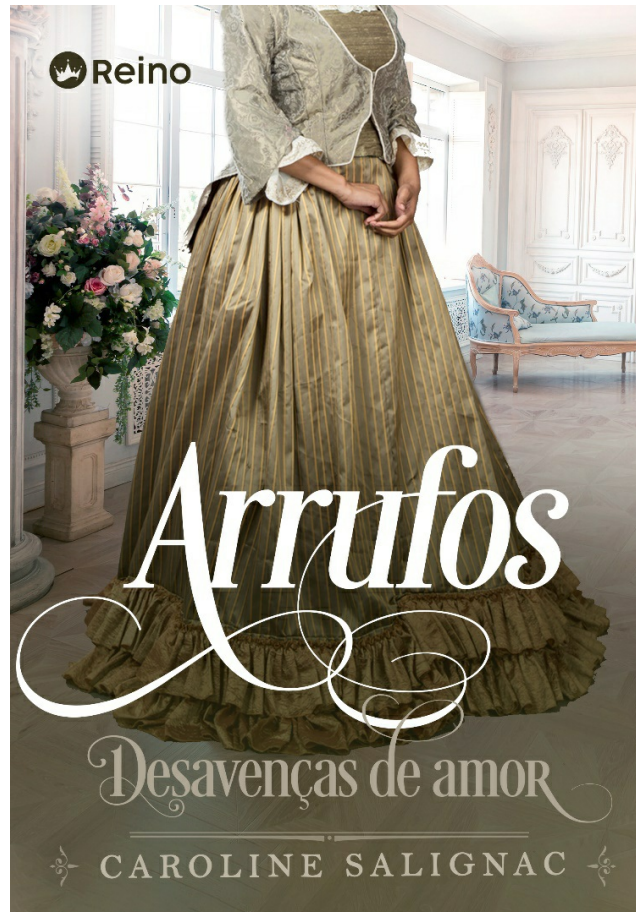
link => <https://amzn.to/2HX7osy>

Sinopse:

Diana Williams é uma mulher bem resolvida, que batalhou muito para conseguir ser a secretária pessoal do CEO Fellipe Corppin. Tudo está prestes a mudar quando o Sr. Fellipe deixa a empresa e seu filho assume. Ele é um dos maiores magnatas, um homem lindo e extremamente sexy. Maycon Corppin também é orgulhoso e decidido no que quer, ele tem a mulher que deseja e quando algum problema surge, resolve com sexo.

Em meio à convivência, Diana e Maycon acabarão não resistindo um ao outro, cedendo ao mais profundo desejo. Porém, segredos guardados trarão à tona problemas, que parecem não ter solução...

Arrufos: Desavenças de amor



link => <https://amzn.to/36oVwLq>

Sinopse:

Rio de Janeiro, 1870

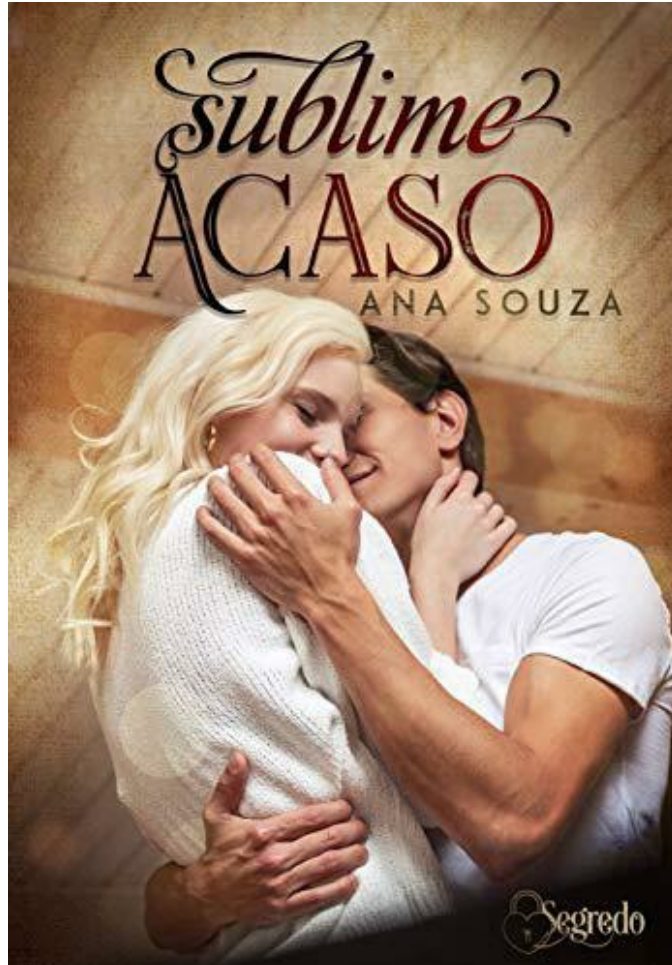
Os jovens aristocratas, Cecília Caldas e Jorge Candido, tinha o hábito de fazer apostas, sem se importarem em manipular a vida alheia. Uma nova aposta se formou quando as habilidades de casamenteira de Cecília são questionadas. Ela acreditava ser capaz de fazer Maurício Santiago, o mais carrancudo do grupo de amigos, se casar antes do final do ano, enquanto Jorge acreditava ser impossível.

Ao concordarem com a aposta, Jorge organizou um baile às avessas e fora de temporada, convidando as famílias mais desfavorecidas e indelicadas da Corte, a fim de fazer com que o amigo evitasse os convites futuros de Cecília. No meio das convidadas, solteironas e feias, apareceu a irreverente Amélia

Monteiro, uma jovem de convicções fortes e absurdas para a época, que não está interessada em se casar.

Após o baile, Cecília tem a convicção de que achou na solteirona a pretendente ideal para desposar o amigo. Ela só não poderia prever uma coisa: Amélia e Maurício simplesmente não conseguem se entender e viviam em pé de guerra.

Uma luz na escuridão



link => <https://amzn.to/3amBbq1>

Sinopse:

Anatólia e Kei se veem no metrô, a caminho de casa, e a atração entre os dois é instantânea. Ambos acabam seguindo seus trajetos habituais, mas o acaso os aproxima novamente. Desse sublime encontro, surge um sentimento de conexão e os jovens se apaixonam rapidamente.

Pouco tempo depois, Anatólia recebe a confirmação de que ganhou uma bolsa de estudos e vai para o Canadá, deixando Kei no Brasil. O casal mantém o compromisso, mesmo que estejam distantes. O relacionamento dará certo... Ou a distância irá separá-los?

Uma luz na escuridão



link => <https://amzn.to/3ah34A6>

Sinopse:

Cecília é cega. Anos depois de perder a visão e os pais em um terrível acidente de carro, ela se muda para uma bela cidade em Santa Catarina, conhecida pelo inverno rigoroso.

Tudo estava perfeito, até que ele aparecesse.

O primeiro dia na nova escola acaba em um encontro inesperado e o mundo dela é literalmente sacudido por um garoto de língua afiada e atitude rude.

Enquanto Cecília fica intrigada com a própria reação ao bad boy, Bernardo procura nas drogas e nas garotas uma distração que o faça se esquecer do próprio passado conturbado e do fato de que o seu pai alcoólatra está longe de ser um bom exemplo.

Mas um olhar para Cecília o faz sentir que essa menina doce e gentil não pode ser só mais uma em sua lista interminável de conquistas. Ela pode ser a sua luz.